

**Escola Superior de Educação João de Deus**  
Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico  
Estágio Profissional I e II

# **RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL**

**Cláudia Andreia Vítor Xavier**

Orientadora: Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, julho de 2011



**Escola Superior de Educação João de Deus**  
Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico  
Estágio Profissional I e II

# **RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL**

**Cláudia Andreia Vítor Xavier**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em  
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da  
Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, julho de 2011



## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho representa um esforço realizado ao longo deste ano, que exigiu muito empenho e dedicação. A sua realização só foi possível através da ajuda e participação de muitas pessoas, às quais quero deixar bem expresso, neste espaço, o meu sincero agradecimento.

Agradeço à Escola Superior de Educação João de Deus, ao seu corpo docente, e, em particular ao Doutor António de Deus Ramos Ponces de Carvalho, diretor desta ESE, onde ao longo destes quatro anos me formaram e disponibilizaram ajuda, permitindo assim melhorar e ultrapassar as dificuldades sentidas e corrigir erros, modificando a minha postura enquanto futura professora.

À Professora Doutora Violante Magalhães, que sempre me apoiou desde o 1.º ano, pela sua disponibilidade e conduta profissional.

Às minhas amigas, em especial à Ana Filipa Ferreira, pelo companheirismo, apoio e compreensão, que sempre demonstrou ao longo dos quatro anos que estudámos juntas.

Aos meus pais, irmã e avós pelo apoio emocional, pela motivação, dedicação, força e compreensão que sempre me deram, e que foram sem dúvida, muito importantes para o alcance deste objetivo. Ao meu namorado pela paciência, carinho, compreensão e disponibilidade demonstradas ao longo destes quatro anos.

Finalmente, à minha colega de trabalho Patrícia Melo pela disponibilidade e compreensão que demonstrou ao longo dos anos, percebendo o meu cansaço e falta de tempo em momentos cruciais do ano letivo.



# ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1. Identificação do local, do período e do grupo de estágio	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	3
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional	4
4. Pertinência do Estágio Profissional	5
5. Metodologia utilizada	5
6. Cronograma	6
<b>CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS</b>	<b>9</b>
1.1. 1º Momento de Estágio (3.º Ano B)	13
1.1.1 Caracterização da turma	13
1.1.2 Espaço e horário	14
1.1.3 Relatos diários	15
1.2. 2º Momento de Estágio (4.º Ano B)	33
1.2.1. Caracterização da turma	33
1.2.2. Espaço e horário	33
1.2.3. Relatos diários	35
1.3. 3º Momento de Estágio (1.º Ano B)	55
1.3.1. Caracterização da turma	55
1.3.2. Espaço e horário	56
1.3.3. Relatos diários	57

1.4.	4º Momento de Estágio (Estágio Intensivo)	71
1.4.1.	Caracterização da turma	71
1.4.2.	Espaço e horário	72
1.4.3.	Relatos diários	73
1.5.	5º Momento de Estágio (2.º Ano B)	78
1.5.1.	Caracterização da turma	78
1.5.2.	Espaço e horário	79
1.5.3.	Relatos diários	80
<b>CAPÍTULO 2.</b>	<b>PLANIFICAÇÕES</b>	101
2.1.	Fundamentação Teórica	103
2.2.	Planificações fundamentadas	105
<b>CAPÍTULO 3.</b>	<b>DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO</b>	123
3.1.	Fundamentação teórica	125
3.2.	Avaliação da atividade de Língua Portuguesa	127
3.2.1	Descrição de parâmetros, critérios e cotações	127
3.2.2	Grelha de avaliação da atividade	129
3.2.3	Apresentação e análise dos resultados em gráfico	131
3.3	Avaliação da atividade de Matemática	132
3.3.1	Descrição de parâmetros, critérios e cotações	132
3.3.2	Grelha de avaliação da atividade	133
3.3.3	Apresentação e análise dos resultados em gráfico	135
3.4	Avaliação da atividade de Estudo do Meio	136
3.4.1	Descrição de parâmetros, critérios e cotações	136



3.4.2	Grelha de avaliação da atividade	137
3.4.3	Apresentação e análise dos resultados em gráfico	139
	<b>REFLEXÕES FINAIS</b>	141
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	147
	<b>ANEXOS</b>	155

## ÍNDICE DE FIGURAS

		pág.
Figura 1	Aspeto da roda	11
Figura 2	Aspeto da sala do 3.º Ano B	14
Figura 3	Aspeto da sala do 4.º Ano B	34
Figura 4	Aspeto da sala do 1.º Ano B	56
Figura 5	Aspeto da sala do 2.º Ano do Jardim-Escola João de Deus – Torres Vedras	72
Figura 6	Aspeto da sala do 2.º Ano B	79
Figura 7	Gráfico dos resultados	131
Figura 8	Gráfico dos resultados	135
Figura 9	Gráfico dos resultados	139

## ÍNDICE DE QUADROS

	pág.
Quadro 1	Horário do 3.º Ano B 14
Quadro 2	Horário do 4.º Ano B 34
Quadro 3	Horário do 1.º Ano B 57
Quadro 4	Horário do 2.º Ano do Jardim-Escola João de Deus – Torres Vedras 72
Quadro 5	Horário do 2.º Ano B 79
Quadro 6	Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem 103
Quadro 7	Plano de Aula de Língua Portuguesa (1.º Ano B) 106
Quadro 8	Plano de Aula de Matemática (1.º Ano B) 109
Quadro 9	Plano de Aula de Estudo do Meio (1.º Ano B) 112
Quadro 10	Plano de Aula da PPACP de Língua Portuguesa (1.º Ano B) 115
Quadro 11	Plano de Aula da PPACP de Matemática (1.º Ano B) 117
Quadro 12	Plano de Aula da PPACP de Estudo do Meio (1.º Ano B) 119
Quadro 13	Plano de Aula da PPACP do Jogo (1.º Ano B) 121
Quadro 14	Escala de Avaliação utilizada 127
Quadro 15	Grelha de Critérios e Cotações 129
Quadro 16	Grelha de Correção 130
Quadro 17	Grelha de Critérios e Cotações 133
Quadro 18	Grelha de Correção 134
Quadro 19	Grelha de Critérios e Cotações 137



# INTRODUÇÃO



O presente Relatório foi realizado no âmbito do Estágio Profissional I e II. Trata-se de um trabalho elaborado com base na observação de aulas e na experimentação didáctica; os materiais obtidos, numa e noutra, foram submetidos a uma análise documental. Este Relatório inclui uma análise reflexiva sobre as actividades observadas. A sua realização teve início em outubro de 2010 e terminou em julho de 2011.

## **1. IDENTIFICAÇÃO DO LOCAL, DO PERÍODO E DO GRUPO DE ESTÁGIO**

Este estágio realizou-se no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, que está integrado na Associação de Jardins-Escola João de Deus, com valências em Pré-Escolar e 1.º Ciclo. O Jardim-Escola da Estrela possui 365 alunos distribuídos por catorze salas.

O estágio foi dividido em quatro momentos: de 18 de outubro a 29 de novembro de 2010, no 3.º Ano; de 30 de novembro a 11 de fevereiro de 2011, no 4.º Ano; de 14 de fevereiro a 15 de abril, no 1.º Ano; de 2 de maio a 8 de julho, no 2.º Ano. Decorreu à 2ª, 4ª e 6ªfeiras, entre as 9 e as 13 horas.

O estágio teve como Professoras Cooperantes as seguintes: Susana Garcia, Rita Augusto, Paula Toscano e Vera Sena, professoras do 3.º Ano, 4.º Ano, 1.º Ano e 2.º Ano, respetivamente.

O meu grupo de estágio foi composto por duas pessoas: eu e a minha colega Susana I., ambas alunas da turma de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

## **2. DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL**

Este Relatório de Estágio está dividido em quatro capítulos. No capítulo 1 (Relatos Diários), relato as práticas observadas, que serão comentadas e analisadas

cientificamente. No capítulo 2 (Planificações), são apresentados o planeamento das aulas, as fichas de apoio e a fundamentação científica das planificações.

Durante a Prática Pedagógica, foram elaborados alguns dispositivos de avaliação que serão apresentados no Capítulo 3 (Dispositivos de Avaliação), e que se referem a três áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio.

Por último, na Reflexão Final, são definidos e esclarecidos os objetivos que foram alcançados, bem como as limitações deste Relatório.

### **3. IMPORTÂNCIA DA ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL**

A realização deste Relatório é muito importante por diversas razões. Por um lado, a conclusão do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e a consequente certificação para exercer a docência está dependente dele. Por outro lado, ao redigi-lo, fui necessariamente obrigada a integrar conceitos adquiridos ao longo da licenciatura em Educação Básica, a reler materiais teóricos, associando conteúdos académicos e reflexões profissionais.

Na verdade, é importante consolidar conhecimentos, tirar induções que, no futuro, a nível pessoal e profissional, me possam vir a ajudar a melhor me preparar para ultrapassar situações que surjam.

Há ainda a referir a pertinência de um estudo teórico sobre a Prática Pedagógica. Segundo Alegria et al., para o incremento da qualidade da formação de professores, a atenção dada à Prática Pedagógica assume um papel decisivo:

(...) o ano de formação prática reveste-se, assim, de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais, isto é, professores da Escola onde se realiza o estágio todos eles supervisionados por docentes das Universidades (chamados quer orientadores, quer coordenadores ou supervisores, já que estas designações têm a ver com o uso e não com a legislação) (Alegria et al., 2001, p. 55).



#### **4. PERTINÊNCIA DO ESTÁGIO PROFISSIONAL**

O estágio profissional assume um papel muito importante para a qualidade do aluno em formação, pois permite adquirir competências que, eventualmente, virá a colocar em prática. A função do professor é ajudar o aluno a tornar-se pessoa, promovendo a sua autonomia. O professor deve gerir a aprendizagem, remetendo-se ao papel de recurso a que o aluno poderá recorrer. Alegria et al. referem:

(...) ao proporcionar diferentes possibilidades de aproximação ao contexto educativo, o estágio cria condições para a autonomia. No decurso desse ano de experiência, o futuro docente desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, por meio da participação em múltiplas actividades que têm lugar na escola, pela experiência que adquire no campo da didáctica, refletindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando (Alegria et al., 2001, p. 57).

Mas para que a Prática Pedagógica seja bem-sucedida, é muito importante que os alunos em formação e os próprios docentes tenham a consciência e a vontade de refletir sobre a maneira de ensinar. Os docentes que não refletem sobre o ensino, nem concentram os seus esforços na procura de meios eficazes para transmitir e atingir os objetivos para os quais trabalham, tornando-se agentes de terceiros, não poderão assumir um papel ativo nas escolas. Segundo Dewey (2002), as acções dos professores reflexivos são projectadas e planeadas de acordo com os fins que têm em vista, o que lhes permite saberem quem são e quando agem. Dewey define três atitudes necessárias para a ação reflexiva: a abertura de espírito, a responsabilidade e a sinceridade.

Uma forma de pensar na prática reflexiva é analisá-la e discuti-la criticamente, expondo e analisando as teorias práticas, para si próprio e para os colegas. Assim, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das falhas cometidas.

#### **5. METODOLOGIA UTILIZADA**

A técnica de recolha de dados utilizada foi a observação. Segundo Quivy e Campenhoudt (2003, p. 155), a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido

ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações.

Neste estágio, a observação foi direta, isto é, “o próprio investigador precede directamente à recolha das informações (...) apela directamente ao seu sentido de observação” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 164). Registei os dados observados, tomando nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passava ou existia num dado momento numa dada situação (Deshaies, 1997, p. 296).

Na observação direta, o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida directamente neles pelo observador (Quivy & Campenhoudt, 2003, p.164).

Preparei a redação do Relatório de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e respeitei as indicações incluídas no volume *Normas para a Apresentação de Trabalhos Científicos* (2000), de Carlos Ceia.

## **6. CRONOGRAMA**

No cronograma a seguir apresentado indico os dias correspondentes ao Estágio Profissional I e II, bem como o tempo gasto na elaboração deste Relatório. Ocupei um total de 558 horas, assim distribuídas: 332 horas para aulas observadas; 1 hora para aula programada; 40 minutos para “aulas surpresa”; 16 horas para reuniões de Prática Pedagógica; 1:15h para a Prova Prática de Aptidão para a Capacidade Profissional; 28 horas para reuniões de acompanhamento com a Orientadora, 80 horas para pesquisas bibliográficas e 100 horas para a elaboração do Relatório de Estágio. Ocupei ainda 35 horas no Estágio Intensivo.





# **CAPÍTULO 1**

## **RELATOS DIÁRIOS**



As quatro turmas do Ensino Básico que acompanhei durante o Estágio Profissional, neste ano letivo de 2010/ 2011, cuja Caracterização e Relatos Diários farei neste capítulo, partilham entre elas e com os demais alunos do Jardim Escola João de Deus rotinas comuns, pelo que começo por me referir a essas rotinas.

Das 9:00h às 9:30h, todos os alunos do Jardim-Escola João de Deus da Estrela se reúnem no salão ou no recreio, consoante as condições climatéricas. Nestes espaços é feita uma roda com todos os alunos e as respetivas Educadoras e Professoras. A roda é organizada do seguinte modo: no centro estão as crianças do Bibe Amarelo (3 anos) com as respetivas Educadoras, logo a seguir estão as crianças do Bibe Encarnado (4 anos) e assim sucessivamente: as crianças do Bibe Azul (5 anos), as do Bibe Castanho (1.º Ano), do Bibe Verde (2.º Ano), do Bibe Azul Claro (3.º Ano) e, em último lugar da roda, os alunos do Bibe Azul Escuro (4.º Ano).

Este acolhimento é feito todos os dias da mesma forma, mudando apenas algumas músicas que são cantadas.



Figura 1 – *Aspetto da roda*

O acolhimento é, assim, feito de forma lúdica e apelativa. Ele permite a socialização entre os vários grupos, uma vez que se encontram todos os alunos do Jardim-Escola. Para Hohmann e Weikart, “as experiências do tempo em grupo grande, como o cantar em conjunto, levam à construção de um sentido de ‘nós’ e ‘nosso’” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 405). Os mesmos autores referem que “o tempo em grande grupo é importante porque dá às crianças um reportório de experiências comuns; constrói um sentido comunitário; encoraja a pertença ao grupo e a liderança”

(Hohmann & Weikart, 1997, p. 409). Por outro lado, o ambiente alegre que este momento proporciona transmite aos alunos a ideia de que o Jardim-Escola é um espaço alegre e divertido, onde certamente terão vontade de passar o dia.

Como poderá ser observado nos horários das turmas que adiante se transcreverão, a meio da manhã os alunos fazem um intervalo que pode acontecer no exterior ou dentro da própria sala. É normalmente neste momento que os alunos fazem o recreio da manhã, durante o qual comem bolachas ou pão.

O recreio da manhã é um dos momentos mais importantes na vida diária dos alunos em ambiente escolar. Esta pausa é essencial para a continuação de um bom desempenho e de uma boa aprendizagem. Segundo Cordeiro, “se o momento anterior for ‘académico’ impõem-se agora um de brincadeira pura” (Cordeiro, 2010, p. 372).

O tempo de recreio ao ar livre é importante para as crianças se movimentarem livremente, para que possam brincar, correr, saltar e fazer barulho. A este propósito Hohmann e Weikart afirmam:

(...) o tempo exterior permite às crianças expressarem-se e exercitarem-se de formas que habitualmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior. Asseguram também que ao ar livre as crianças envolvem-se em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas.

(...) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de atividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, a música., a noção de espaço e de tempo (Hohmann & Weikart, 1997, pp. 432-433).

Este intervalo a meio da manhã constitui uma forma de relaxamento, importante para a continuação de atividades produtivas por parte dos alunos.

Naturalmente, todos os alunos do Jardim-Escola têm ainda espaços de tempo reservados à higiene e às demais refeições diárias tidas até saírem a meio da tarde.



## **1.1. 1.º MOMENTO DE ESTÁGIO (3.º ANO B)**

Este 1.º Momento de Estágio foi realizado entre dia 18 de outubro de 2010 e o dia 30 de novembro de 2010, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Foi efetuado na sala do 3.º Ano (Bibe Azul Claro), turma B, com a Professora Cooperante Susana Garcia.

### **1.1.1. Caracterização da turma**

Conforme informações dadas pela Professora Susana Garcia, A turma do 3.º ano B é constituída por vinte e sete alunos: dezasseis elementos do sexo feminino e onze elementos do sexo masculino.

Em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se por se situar entre o nível médio e médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta o curso superior e exerce-o na profissão. Vinte e quatro alunos residem próximo da Escola e três alunos vivem longe da mesma. Onze alunos deslocam-se a pé, um aluno utiliza transportes públicos e quinze transportes próprios.

Em termos culturais, a turma é interessada no ambiente que a rodeia, mostrando-se participativa no decorrer das aulas.

A partir dos testes diagnósticos, realizados no início do ano pela Professora da turma, e dos quais a Professora me deu informação oral, foi possível tirar as seguintes conclusões. Na área da Matemática, revelam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação, pois os alunos ainda não memorizaram a tabuada, na leitura de números e na numeração romana. Na área da Língua Portuguesa, apresentam dificuldades na produção de textos, na conjugação de verbos e ainda cometem muitos erros ortográficos. Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior.

A turma do 3.º B é uma turma assídua, pontual. Na globalidade, o comportamento é bastante agitado. É de referir que alguns alunos se distraem com facilidade no decorrer das aulas, não terminando o trabalho no tempo estabelecido.

### 1.1.2. Espaço e horário

A sala do 3.º B encontra-se no 1º piso. A sala tem três janelas grandes viradas para o recreio do Pré-Escolar.

O mobiliário é composto por catorze mesas duplas. A Professora tem um armário, ao lado da secretária, onde guarda os livros. Há um quadro interativo e, no lado oposto, um quadro verde, para escrever com giz. Na parede em frente à secretária da Professora há um painel onde os alunos expõem alguns trabalhos.



Figura 2 – *Aspetto da sala do 3.º B*

Quanto ao horário da manhã – período de aulas a que assistimos ao longo do estágio, ele é o que a seguir se transcreve:

Quadro 1 – *Horário do 3.º B*

3º Ano	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00-9:50 10:00-10:50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:00-11:30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:30-12:10 12:10-13:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13:00-14:30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio

### **1.1.3. Relatos Diários**

**18/10/2010**

Os alunos fizeram um breve relato do fim-de-semana. De seguida, a Professora pediu aos alunos para abrirem o Manual de Língua Portuguesa, e que fizessem a leitura em silêncio de um trecho, para que, depois, fizessem a leitura em voz alta, que iria ser avaliada por ela. Posteriormente à avaliação da leitura, a Professora apresentou um PowerPoint, de consolidação de matéria, sobre a formação do plural dos nomes. Entregou aos alunos umas folhas coloridas, nas quais eles tinham de preencher os espaços em branco (correspondente ao plural). Estas folhas foram, depois, coladas no dossiê, pelos alunos.

Às 11:30h, regressados do recreio, os alunos terminaram os exercícios de Língua Portuguesa. De seguida, a Professora fez, oralmente, a correção dos trabalhos de casa de matemática. Depois, fizeram exercícios de matemática com números fracionários.

### **Inferências**

O Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo do Ensino Básico distribui-se, ao longo dos quatro anos de escolaridade, por dois blocos: o da Comunicação Oral e o da Comunicação Escrita. Solicitar às crianças que falem sobre o seu quotidiano, responde, na perfeição, ao propugnado no âmbito da Comunicação Oral: “Expressar-se por iniciativa própria: em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates)” (Ministério da Educação, 2004, p.142).

Quando a Professora pede aos alunos para fazerem a leitura em voz alta, para proceder à avaliação, desenvolve a Comunicação Escrita. À medida que lêem, as crianças estão a antecipar o trabalho de escrita, pois, como refere Ruivo, “o acto de ler é complexo e mobiliza uma infinidade de capacidades, logo a aprendizagem da leitura não deve ser encarada como uma simples aquisição de mecanismos e regras, mas sim a estimulação para o desenvolvimento da escrita” (Ruivo, 2009, p.131).

Ao trabalhar conteúdos morfológicos (plural dos nomes) corresponde ao que está explícito no bloco Análise e Reflexão sobre o Funcionamento da Língua, para este ano de escolaridade: “Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto.” (Ministério da Educação, 2004, p. 158).

## **19/10/2010**

Neste dia (3ª feira), estiveram na sala duas estagiárias do 2º ano do Curso de Educação Básica que irão estar presentes todas as 3ªs feiras. As estagiárias apresentaram-se à turma.

Os alunos assistiram a um filme (*Era uma vez o homem – Nascimento da Terra*) e a Professora respondeu a algumas questões que surgiram. Em Língua Portuguesa, fizeram um exercício caligráfico do texto “Enquanto o João dormia”, inserido no Manual Escolar, texto esse que já tinham estudado. Depois, trocaram o exercício com o colega do lado para corrigir.

Depois do recreio, enquanto alguns alunos foram para a aula de cerâmica, outros ficaram na sala de aula a fazer representações de frações, ordenando e comparando números fracionários.

## **22/10/2010**

A Professora começou pela área de Língua Portuguesa. Tinha reunido cartas com vários temas (personagens humanas, personagens animais, objetos mágicos, palavras-chave, ações, caracterizações, espaços), para que, com tudo reunido, os alunos pudessem realizar uma história coletiva. Os alunos estavam divididos em grupo e cada grupo tinha uma carta diferente. A Professora escreveu no quadro a indicação da carta que cada grupo detinha. Depois, à medida que iam surgindo ideias, os alunos dialogavam com a Professora para encontrarem uma melhor solução.

Após o recreio, os alunos fizeram exercícios de matemática (que a Professora tinha escrito no quadro).

## Inferências

O exercício a que a Professora procedeu enquadra-se nas estratégias decorrentes do estudo de Vladimir Propp. Este estudo foi exposto no livro *Morfologia do Conto*. Neste volume, Propp demonstrou como os contos da tradição oral russa, especificamente o conto maravilhoso, ou seja, aquele que é definido como “qualquer desenrolar de acção que parte de uma malfetoria ou de uma falta, e que passa por funções intermédias para ir acabar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho” (Propp, 1983, p. 44), têm todos a mesma estrutura.

Assim, há “uma narração construída segundo a sucessão regular das funções” (Propp, 1983, p.153), que Propp apurou serem trinta e uma. Elas iniciam-se com o afastamento do espaço de origem do protagonista e terminam com a punição do malfeitor e com o casamento (ou outra recompensa) do herói. A partir deste estudo, vários autores começaram a propor exercícios didáticos, em torno do que lhe designa habitualmente por “Cartas de Propp”.

Gianni Rodari, em *A Gramática da Fantasia*, é um desses autores. Insistindo nas vantagens de desenvolver a imaginação com propostas didáticas em torno do conto e da sua estrutura, diz-nos Rodari:

(...) as crianças adoram misturar as cartas, improvisando regras: tirar três ao acaso e construir com elas uma história completa; a partir da última carta da série; dividir o baralho entre dois grupos, e compor duas histórias ao desafio. Muitas vezes basta uma simples carta para sugerir um conto (Rodari, 2006, p. 96).

Exercícios como o proposto pela Professora não só permitem um trabalho colectivo, como são estimulantes para as crianças construírem histórias e assim desenvolverem a imaginação e o domínio da língua.

**25/10/2010**

Neste dia, os alunos estavam bastante agitados porque iam receber os testes. A Professora fez uma revisão sobre as palavras terminadas em “-am” e em “-ão” e depois aplicaram a regra em exercícios. Ainda no âmbito da Língua Portuguesa, fizeram a leitura e interpretação do texto “O Sapo Apaixonado”, de Max Veithuijs,

incluído no Manual de Língua Portuguesa. Depois, com frases do texto, analisaram os constituintes da frase (sujeito simples, composto e predicado).

Na segunda parte da aula, fizeram a correção dos trabalhos de casa de Matemática.

Por volta das 12:30h, as estagiárias fizeram com os alunos o jogo do loto da tabuada. Os alunos tinham à sua frente um tabuleiro retangular, dividido em seis quadrados, com várias multiplicações, e seis quadrados para tapar o quadrado do tabuleiro, caso saísse o número correspondente.

### **Inferências**

O estudo dos números e operações envolve a compreensão do conceito de número, da representação dos números e dos aspetos que se prendem com a realização de cálculos. Envolve também o seu uso nas mais variadas situações, desde a criação de materiais não estruturados até à vida quotidiana bem como outras áreas disciplinares. Segundo Ponte e Serrazina,

(...) a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias uteis de manipulação dos números e operações.

O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos (Ponte & Serrazina, 2000, p. 135).

O uso de diferentes formas de representação aumenta a compreensão da operação e das suas propriedades, nomeadamente a propriedade distributiva da multiplicação em relação à adição, que é a base para a compreensão do algoritmo, assim como a utilização de materiais.

### **26/10/2010**

A Professora cantou a canção do bom dia aos alunos. De seguida, pediu aos alunos para abrirem o Manual de Língua Portuguesa e prepararem a leitura do texto

“O Sapo Apaixonado”, para, posteriormente, fazerem um exercício ortográfico. Depois, pediu às estagiárias para fazerem a correção do exercício.

Enquanto os alunos foram ao recreio, as estagiárias ficaram na sala a arrumar os trabalhos no dossiê. Após o recreio, a Professora distribuiu uma proposta de trabalho de matemática, para consolidação de conhecimentos.

### **Inferências**

A leitura persistente de excertos literários nos manuais escolares é uma realidade desde sempre presente nas Escolas. A maior parte das vezes, essa leitura tem a finalidade de desenvolver atividades e objetivos pedagógicos relacionados com o estudo da gramática ou com matérias relacionadas com o Estudo do Meio, ao invés de sensibilizar e desenvolver a imaginação e a comunicação através da linguagem dos alunos. Segundo Veloso, é importante: “desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo” (Veloso, 2001, p. 22).

A leitura de excertos literários nos manuais escolares direcionada para a realização de exercícios ortográficos, gramaticais ou outros integrados na aquisição de conhecimentos impede que a criança construa uma visão mais ampla e correta dos objetivos da leitura literária, e conduz a que este tipo de leitura seja perspectivada como obrigação e raras vezes como atividade lúdica e de enriquecimento pessoal. Se o texto pode e deve funcionar como reportório de conhecimentos e instrumento de pesquisa, também tem de estar presente na sala de aula como fonte de prazer. A constante leitura de textos literários com o objectivo de a explorar em termos gramaticais não favorece este tipo de leitura que é fundamental.

O livro *O sapo apaixonado*, do holandês Max Vethuijs, foi premiado em várias partes do mundo pela sua qualidade; trata-se, sem dúvida, de um texto literário. Segundo José António Gomes, a introdução da leitura de textos literários (como é o caso deste volume) deveria ser uma leitura lúdica, que não passasse pelo excerto, mas pelo recurso ao livro: “O livro tem de se tornar familiar, a criança necessita de um convívio constante com o livro” (Gomes, 2000, p. 35). O livro deve entusiasmar a criança com o brilho das lombadas, com as ilustrações, com o mundo que, afinal, cabe dentro das suas páginas.

## **29/10/2010**

A Professora juntou os alunos em grupos de trabalho. Quem tinha trabalhos atrasados ficava num grupo, com as estagiárias, e quem não tinha ficava noutro grupo, com a Professora, a fazer algumas revisões da matéria do ano anterior.

Às 11:00h, fizeram o recreio na sala, porque estava a chover. Alguns alunos foram para a biblioteca (ler e jogar xadrez) e outros ficaram na sala a brincar com objetos trazidos de casa.

Às 11:30h, voltaram a sentar-se nos lugares e a Professora mostrou um acetato com os diferentes tipos de texto (prosa, poesia, texto dramático, banda desenhada) e as suas características. De seguida, distribuiu uma proposta de trabalho de enriquecimento do léxico: ordenar as letras de forma a construir palavras e, depois, fazer frases com essas palavras.

### **Inferências**

O estudo dos diferentes tipos de texto faz parte do Programa de Língua Portuguesa no 1º Ciclo. É esclarecido que, no âmbito do Bloco da Análise e Funcionamento da Língua, devem ser trabalhados textos de banda desenhada, bem como, também, os três diferentes modos literários (prosa, poesia, texto dramático). Assim, ao fazer esta apresentação, a Professora está a cumprir o estipulado.

## **2/11/2010**

Às 9:00h, quando chegámos ao Jardim-Escola, foi pedido a todas as estagiárias para se dirigirem ao ginásio, porque a Professora Lúcia ia fazer uma explicação sobre os procedimentos a ter em conta sobre o alarme da escola. Por volta das 10:00h, voltámos para a sala, onde os alunos estavam a realizar um exercício caligráfico; posteriormente, procuraram no dicionário palavras de que não sabiam o significado.



Quando voltámos às 11:30h, a Professora apresentou um PowerPoint sobre o Paleolítico, onde abordou o *Homo Habilis* (período da Pedra Lascada) e o *Homo Erectus* (descoberta do fogo). Por voltas das 12:30h, escreveu no quadro os sumários que estavam atrasados na disciplina de História de Portugal.

### **Inferências**

Os audiovisuais têm um papel preponderante nas aulas de História. A imagem, pode desempenhar um papel tão ou mais importante que um documento escrito, já que, através dele, é possível transmitir um número quase ilimitado de informações. Segundo Proença: “(...) a escola tem que aproveitar as vantagens da utilização dos audiovisuais, já que este responde a muitas necessidades da aprendizagem” (Proença, 1990, p. 105).

Contudo a utilização de audiovisuais só por si de nada serve, sem a correta intervenção do professor, para que a informação chegue aos alunos de uma forma eficaz. A Professora, nesta aula, através do recurso a este meio, soube fazer a passagem do conteúdo que queria transmitir aos alunos.

### **5/11/2010**

Esta aula foi dada por uma estagiária (Susana I.). No âmbito da Língua Portuguesa, começou por distribuir um texto (“A Maratona dos Batoteiros”, de António Torrado), que, seguidamente, leu em voz alta. Depois, pediu aos alunos para lerem o texto. De seguida, a estagiária pediu a um aluno para ir ao quadro escrever a primeira frase do texto e fazer a análise sintática da mesma, após o que explicou como se encontra o complemento direto. Posteriormente, distribuiu uma ficha informativa do complemento direto e leu em voz alta a ficha. Depois, realizou o jogo “Quem quer ser Milionário”, com exercícios do complemento direto em que, supostamente, se ganhava dinheiro com as respostas certas.

No âmbito da Matemática, distribuiu uma ficha informativa sobre os ângulos e, para iniciar a aula, começou por falar nas retas, semirretas e segmento de retas. Falou dos ângulos giro, raso, reto, obtuso e agudo. Quando voltámos do recreio, a estagiária

distribuiu uma proposta de trabalho com exercícios sobre os ângulos, para os alunos realizarem. Fez depois a correcção no quadro.

Em Estudo do Meio, apresentou um PowerPoint sobre a pequena circulação. Distribuiu uma ficha de palavras cruzadas com texto lacunar. Fizeram a correção na folha de acetato que estava projectada para a turma.

### **Inferências**

Na aula de Estudo do Meio sobre a pequena circulação, o trajeto do sangue no organismo foi transmitido aos alunos através de imagens estimulantes e elucidativas, pois é através da visualização destas imagens que as crianças melhor conseguem entender o funcionamento do nosso corpo.

No programa de Estudo do Meio do 1.º Ciclo do Ensino Básico é apontado que se devem “Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais: circulação (pulsção, hemorragias...)” (Ministério da Educação, 2004), pelo que a matéria apresentada responde na perfeição à estratégia proposta na sala de aula.

Deve ser oferecida aos alunos a possibilidade de realizarem atividades que lhes permitam construir conceitos e ligações entre eles, de forma a compreenderem os fenómenos e os acontecimentos observados e, deste modo, contribuir para um melhor conhecimento, compreensão e domínio do mundo que os rodeia.

### **8/11/2010**

A aula foi dada por mim, a pedido da professora Susana. Tinha-me sido pedido uma aula de Língua Portuguesa sobre o complemento indireto; uma de Matemática sobre a milésima e uma aula de Estudo do Meio sobre a grande circulação.

Em Língua Portuguesa, comecei por distribuir um texto de António Torrado, “A Última Castanha”. Depois de o ler em voz alta, pedi aos alunos para o fazerem também. Fiz algumas perguntas de interpretação sobre o texto, como, por exemplo, se a castanha estava feliz e porquê, se os alunos achavam que a castanha fazia de propósito para não cair, porque é que a castanha acabou por cair. Também questionei os alunos sobre se sabiam o que era o São Martinho, e falei-lhes na lenda de São

Martinho. Coloquei uma frase no quadro (“A Margarida ofereceu as castanhas à Matilde”). Relembrei-lhes o que era o complemento direto e expliquei o complemento indireto. Os alunos podiam acompanhar esta explicação seguindo a ficha informativa que lhe tinha distribuído. Depois, distribuí uma ficha com cinco frases diferentes; os alunos tinham que completar o quadro (onde estavam o sujeito, o predicado, o complemento direto e o complemento indireto).

Após o recreio, na aula de Matemática mostrei um PowerPoint onde relembrei a décima, centésima e milésima. Também com a ajuda do PowerPoint expliquei o que era a milésima e, de seguida, distribuí uma ficha com exercícios sobre a milésima.

Na aula de Estudo do Meio, apresentei cerca de dez imagens. Nelas mostrava-se o percurso do sangue na grande circulação. De seguida, completei a apresentação acerca da grande circulação com a da pequena circulação para que os alunos conseguissem perceber o percurso total do sangue. Depois, distribuí uma ficha com um texto lacunar, na qual os alunos tinham que preencher os espaços à medida que viam as imagens no PowerPoint.

### **Inferências**

A Literatura Infantil não pode ser confundida com qualquer tipo de paraliteratura. António Torrado é considerado um dos autores com uma escrita de qualidade em que o sentido de humor encanta. Segundo José António Gomes, em António Torrado, “além do humor fino e do sentido crítico, sublinha-se neste autor a qualidade da prosa” (Gomes, 1997, p. 39). Por estes motivos, ele foi o autor que escolhi para esta aula.

Para que as crianças sintam prazer na leitura e consigam ter autonomia na escolha dos bons livros, cabe ao Professor oferecer condições para que adquiram efetiva capacidade de ler. Como refere Magalhães, “por lidarem quotidianamente com crianças, [os professores] têm naturalmente melhores hipóteses de responder a tão nobre desafio; são eles quem melhor pode ajudar a celebrar o acto de ler e a erigir uma melhor sociedade leitora” (Magalhães, 2008, p. 69). Recorrer a textos de um autor como António Torrado é uma das formas de oferecer aos alunos alguns dos melhores textos que se publicam no nosso país, visto ele ser já considerado como um dos “clássicos da literatura infantil portuguesa” (Magalhães, 2008, p. 71).

Cabe à Escola, especialmente no 1º Ciclo, garantir uma seleção rigorosa e criteriosa dos textos literários. Segundo Magalhães, a oferta de textos literários de qualidade é a única forma de “a sensibilidade das mais diversas gentes [ser] ofertada, a mediocridade cultural combatida” (Magalhães, 2008, p. 70). À infância deve-se oferecer o que de melhor foi produzido para ela, o que mais harmonioso e sabiamente a ajude a medrar. No caso do texto “A Última Castanha”<sup>1</sup>, encontra-se nele o humor e sentido crítico acima referidos, a qualidade de escrita que lhe é reconhecida.

## **9/11/2010**

A Professora da turma chegou um pouco atrasada e as estagiárias iniciaram a manhã com um jogo – o loto da tabuada. Os alunos tinham tabuleiros e, à medida que tiravam um número do saco, tinham que verificar se o resultado correspondia à multiplicação.

Chegada a Professora, esta começou a distribuir o material geoplano por cada aluno. Posteriormente, fez uma pequena revisão, pedindo aos alunos para fazerem um quadrado, retângulo, linhas paralelas e concorrentes. Desenhou um esquema no quadro, explicando o que são linhas perpendiculares. Solicitou aos alunos que exemplificassem no geoplano. De seguida, realizou um ditado no geoplano para avaliação. Dividiu a turma em três grupos aos quais ia pedindo os exercícios. As estagiárias iam preenchendo uma grelha de avaliação.

Após o recreio, a Professora pediu aos alunos para irem ao quadro escrever algumas palavras que ela ia ditando, para trabalhar a escrita e tentar evitar erros ortográficos. Depois, distribuiu uma folha com a letra de uma música com alguns espaços para preencher. Após terem ouvido a música algumas vezes, os alunos conseguiram preencher grande parte dos espaços. De seguida, fizeram a interpretação da letra da canção.

---

<sup>1</sup> Retirado do site do autor, [historiasdodia.pt](http://historiasdodia.pt)

## **12/11/2010**

Neste dia, iniciaram-se as aulas por Língua Portuguesa, com a revisão dos ditongos. A Professora fez um esquema no quadro e explicou a formação dos ditongos recorrendo à Cartilha Maternal.

De seguida, entrou na sala uma Professora da Prática Pedagógica, que me pediu para, em 30 minutos, fazer com os alunos a leitura e interpretação de um texto (“Augusto e Magusto”, de Maria Isabel de Mendonça Soares), incluído no manual escolar *Giroflé*, bem como a análise morfológica e sintática de uma frase. Eu saí da sala e, nos 10 minutos que são habitualmente dados pelas Professoras da Prática Pedagógica para preparação desta “aula surpresa”, preparei a leitura e interpretação do texto e escolhi a frase a analisar.

Regressada à sala de aula, li o texto em voz alta e pedi aos alunos para o fazerem também. Fiz oralmente a interpretação do texto com os alunos. Perguntei-lhes se sabiam os significados de todas as palavras do texto; se sabiam o que era o magusto; se no local onde moravam festejavam o magusto. Distribuí folhas para que os alunos escrevessem a frase “O Augusto festeja o magusto na escola” e a classificassem sintaticamente. Terminada a análise sintática, pedi a um aluno para fazer a correção no quadro. Após essa análise, pedi que fizessem a análise morfológica das palavras e fiz a correção oralmente.

Quando chegaram do recreio, a Professora Susana pediu a alguns alunos para irem ao quadro escrever palavras que podiam dar origem a alguns erros. Fizeram ainda um exercício caligráfico sobre o texto “Castanhas Assadas”, de Manuel Ramalho (adaptado), incluído no Manual de Língua Portuguesa.

## **16/11/2010**

Cada uma das duas estagiárias do 2º ano da Licenciatura em Educação Básica deu uma aula de trinta minutos. A estagiária Inês começou por entregar uma proposta de trabalho (sopa de letras) para os alunos descobrirem o tema da sua aula, o que gerou alguma agitação, porque os primeiros alunos a receber a folha descobriram logo o tema enquanto outros ainda nem a tinham recebido. Depois de descoberto o tema da aula, perguntou aos alunos de que cor era o sangue e quais os seus constituintes.

Apresentou um PowerPoint onde mostrava imagens dos constituintes do sangue (plasma, plaquetas e glóbulos vermelhos) e entregou um protocolo onde explicava os procedimentos que iam realizar para observar o sangue ao microscópio. Anunciou que, após terem feito a observação, teriam que moldar em plasticina o que tinham visto.

De seguida, a estagiária Bárbara iniciou a sua aula, mostrando no Youtube o batimento cardíaco e questionou os alunos sobre o que estavam a observar. Apresentou um PowerPoint com imagens de um coração e explicou como se fazia a circulação do sangue. Por fim, apresentou um filme da série “Era uma vez o corpo humano”, para consolidação da matéria.

Após o recreio, a Professora Susana leu um texto do manual de Língua Portuguesa, “O coelho branco e o ouriço-cacheiro”, e pediu aos alunos para fazerem a leitura preparatória enquanto conversou com as estagiárias sobre as aulas.

### **Inferências**

O visionamento de pequenos filmes sobre o interior do nosso corpo é muito importante, pois é mais fácil chegar às crianças e explicar o seu funcionamento, tornando a aprendizagem aliciante e eficiente.

Este tema é muito importante e desperta muita curiosidade tornando-se indispensável para a divulgação da prevenção de algumas doenças. Para que a função circulatória se realize com eficiência, os constituintes do sangue têm que realizar bem as suas tarefas. Ora, “é devido às funções dos seus constituintes que o sangue mantém a vida no organismo” (Peralta, 2007, p. 83). Para que isso suceda é também importante a prática de exercícios e uma alimentação saudável. Segundo Peralta:

O sedentarismo é um dos mais sérios problemas da saúde pública. Não praticar actividade física, isto é, fazer uma vida sedentária, implica o enfraquecimento do coração e a perda da elasticidade com mais dificuldade. Pelo contrário, o exercício físico ajuda a controlar a tensão arterial e outras doenças (Peralta, 2007, p. 90).

**19/11/2010**

A Professora Susana começou a manhã pedindo aos alunos que acabassem de ler o livro *O Menino Escritor*, de Rosário Alçada Araújo. Depois, pediu a um aluno que fizesse um pequeno resumo do mesmo. Questionou os alunos sobre a parte que mais tinham gostado do livro. Posteriormente, os alunos preencheram uma ficha sobre os dados da escritora e do livro.

A seguir ao recreio, iniciaram um trabalho para Área de Projeto, no qual tinham que completar frases cujo tema era “Se eu fosse escritor...”, para colocarem no jornal do Jardim-Escola.

### **Inferências**

No Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no Bloco da Comunicação Oral, refere que se deve ler e contar histórias aos alunos e que também estes devem “Contar histórias; contar histórias inventadas; participar, em grupo, na elaboração de histórias, de relatos” (Ministério da Educação, 2004, p.143).

Mas ler e contar histórias remete também para o lúdico e para o enriquecimento pessoal, não só para a leitura com o objetivo de ser perspectivada como uma obrigação. Segundo Gomes:

(...) a ‘hora do conto’ ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias (Gomes, 2000, p. 35).

Quando o professor lê em voz alta um conto, ou uma parte de uma narrativa aos seus alunos, ou propõe às crianças que o façam, em contexto de espaço escolar ou em casa, esse deveria constituir um momento diferente na rotina escolar, uma hora calma e de libertação do imaginário, no qual todos os alunos deveriam sentir harmonia. A leitura recreativa “é uma actividade diária que decorre em casa, na pré-escola e na rua, e em todas as circunstâncias” (Gomes, 2000, p. 29). Ela reflete a escolha do leitor, do que quer ler e também no tempo e local onde vai fazer a leitura.

Através da leitura recreativa, a criança pode sonhar, desvendar mistérios, viver a magia das palavras. O lúdico, presente neste tipo de leitura, torna esta prática mais

prazerosa, possibilitando maior aproximação das crianças com os livros, dando a oportunidade de entender melhor o mundo à sua volta. Sem contar que, com este tipo de leitura, a arte de criar e recriar torna-se constante e, com isso, as crianças conseguem abrir a mente para o novo, pensar melhor no futuro, sonhar mais, conquistar a sua autonomia e serem valorizadas e respeitadas pelas suas criações.

## **22/11/2010**

Neste dia, dei uma aula programada pela Professora Cooperante, que tinha acordado comigo que a aula fosse sobre Língua Portuguesa, Matemática e História de Portugal.

Comecei por fazer uma breve conversa com os alunos, perguntando-lhes como tinha corrido o fim-de-semana, e se havia novidades que quisessem contar aos colegas. Iniciei a aula de Língua Portuguesa mostrando aos alunos o a capa do livro *Figuras Figuronas*, de Maria Alberta Menéres, a fotografia da autora que vem na contracapa. Expliquei-lhes quem era Maria Alberta Menéres (idade, profissões exercidas), que havia escrito vários volumes para crianças e que o livro de poesia de que iriam falar era dela. Distribuí uma folha com um poema (“Triângulos”). Depois de a ler com os alunos, analisei o poema. Perguntei se sabiam o nome a dar a cada frase (verso); o nome de um grupo de duas, três ou quatro frases juntas (estrofe). Perguntei-lhes ainda o que pensavam que a autora queria dizer com os três braços e com o pé cansado, já que estávamos a falar de triângulos.

Questionei os alunos sobre os nomes que a escritora dava a cada figura geométrica, assim como sobre as características dos três triângulos quanto ao comprimento dos lados. Mostrei os triângulos em cartolina de várias cores e fixei-os no quadro, pedindo a três alunos que, individualmente, procurassem dentro do saco um balão com a fala de cada triângulo, especificando as suas características.

Após o recreio, comecei a aula de História de Portugal. Atrás das figuras geométricas que tinham sido usadas para trabalhar a Matemática, estava escrito o tema da aula de História: “Celtas e Celtiberos”. Perguntei aos alunos se tinham reparado no que estava escrito atrás das figuras e pedi para as irem ver, colocando as palavras coladas no quadro. Comecei por falar no período neolítico, fazendo,



oralmente, uma breve revisão da matéria. Apresentei depois um PowerPoint com cerca de duas dezenas de imagens sobre os celtas e os celtiberos.

### **Inferências**

A escolha de um poema da autoria de Maria Alberta Menéres deveu-se ao fato de ser uma das escritoras consagradas da literatura infantil e me interessar dar a conhecer autores de qualidade.

Maria Alberta Menéres tem uma vasta obra poética, estando representada em várias antologias literárias nacionais e estrangeiras; recebeu o Grande Prémio Calouste Gulbenkian. A sua narrativa possui um estilo muito característico, conseguido através da atualização da memória de antigas oralidades, criando no leitor um envolvimento real e mágico ao longo do desenrolar das histórias. Como poeta, Maria Alberta Menéres tem refletido sobre temas vários, modulados numa linguagem depurada e de grande riqueza rítmica. José António Gomes diz-nos que esta escritora “colhe nas formas encantatórias, nas rimas tradicionais e no jogo verbal infantil os modelos textuais que depois reinventa em poemas de assinalável originalidade e efeito cómico” (Gomes, 1997, p. 40).

Maria Alberta Menéres privilegia, na escrita para a infância, temas do quotidiano com os quais as crianças têm de se relacionar. É esse o caso do volume *Figuras Figuronas*, livro onde ocorre uma “curiosa exploração das potencialidades poéticas da geometria” (Gomes, 1997, p. 40), que, ao animizar as figuras geométricas, em consequência, de forma lúdica, obriga o leitor infantil a pensar essas figuras de forma inusual.

Foi gratificante poder planear uma aula em que o texto do autor não serviu para fazer uma análise gramatical, mas antes uma leitura orientada. Para além da leitura recreativa, o texto literário tem de ser submetido a uma leitura orientada. Esta incide sobre o funcionamento do fenómeno literário. Neste caso, explorei aspectos formais (constituição do poema – verso e estrofe) e, ao perguntar-lhes o que pensavam que o poema queria dizer, ou seja, aspectos de conteúdo, fiz a sensibilização para as diferentes interpretações que, ao contrário de todos os demais tipos de texto (informativo, recreativo, de divulgação e estudo, didáctico, etc.), só o texto literário proporciona. As perguntas feitas tiveram por base as seguintes palavras de Violante F. Magalhães, que defende ser necessária “uma didáctica do texto literário apropriada,

inventiva, que conceda e proporcione ao aluno a experiência subjectiva e irrepetível de contacto com textos literários” (Magalhães, 2008: 68), que corresponda, enfim, a “um acto de encaminhamento do ouvinte para um percurso de reinvenção do lido” (Magalhães, 2008: 68-69).

## **23/11/2010**

A Professora Susana iniciou a aula pelas revisões de Língua Portuguesa, porque os alunos iam fazer teste no dia 26/11/2010 (6ª feira).

Entrou na sala uma Professora da Prática Pedagógica e pediu à estagiária Susana para dar uma aula de Língua Portuguesa; teria que fazer a leitura do texto “O Leão e o Rato”, incluído no manual escolar *Giroflé*, e depois a análise gramatical, dando ênfase aos adjetivos.

Após a preparação de dez minutos, a estagiária Susana regressou à sala. Leu o texto em voz alta; pediu, de seguida, aos alunos, que fizessem leitura em voz alta. Fez perguntas sobre o texto, tais como, quem era o autor do texto, quantos parágrafos tinha, que tipo de texto era. Pediu a um aluno para fazer um breve resumo do texto. Questionou os alunos sobre a solidariedade que estava retratada no texto.

Depois, em algumas frases do texto, foi questionando os alunos sobre os graus dos adjetivos que ali estavam presentes. Pediu a um aluno para ir ao quadro escrever uma frase e fazer a análise morfológica e, em seguida, pediu que lhe dissesse um nome comum e um verbo, recorrendo ao texto. Solicitou aos alunos que classificassem algumas palavras morfológicamente e pediu um antónimo e um sinónimo de palavras do texto.

Às 11:00h as estagiárias foram para a reunião para falarem das aulas que tinham decorrido naquela manhã. Às 12:15h voltaram para a sala, onde a Professora continuava a fazer revisões para o teste.

Depois de ter feito as revisões para o teste de Língua Portuguesa, a Professora dividiu o quadro ao meio e pediu a dois alunos para irem realizar divisões com dois algarismos no divisor, enquanto os outros alunos faziam as operações no lugar.

## **Inferências**

O algoritmo da divisão é uma operação aritmética que a maior parte dos alunos tem dificuldade de concretizar. Esta operação deverá começar por ser bem trabalhada com materiais concretos, que podem ser resolvidos inicialmente por contagem e, mais tarde, através de relações entre números. Segundo Caldeira:

A tarefa da aritmética é chegar à simbolização e formalização das operações matemáticas partindo das acções físicas; essa tarefa implica: abstrair as diferentes relações e transformações que ocorrem, os processos análogos, diferenças, reversibilidade, etc. (Caldeira, 2009, p. 81).

Depois da conceptualização e estruturação, simboliza-se para existir compreensão e uso. Para isso é necessário que se trabalhem uma série de fatos, de resultados e técnicas ou destrezas, que permitem calcular qualquer operação, tudo ligado a uma estruturação e simbolização dos conjuntos numéricos.

## **26/11/2010**

Neste dia, a Professora dispôs individualmente os alunos pelas mesas de trabalho e distribuiu o teste de Língua Portuguesa. Leu-o em voz alta, para evitar dúvidas. Os alunos realizaram o teste até às 11:00h. Os primeiros alunos que acabaram dirigiam-se com a Professora para o recreio, enquanto as estagiárias ficaram na sala com os alunos que ainda não tinham terminado.

Depois do recreio, a turma do 3.º A, da Professora Joana, foi para a sala do 3.º B para começarem os ensaios para a festa de natal.

## **29/11/2010**

A Professora iniciou a aula pedindo a dois alunos para irem ao quadro realizar duas divisões com dois algarismos no divisor, enquanto as estagiárias foram buscar o material geoplano. Distribuiu o material por cada aluno e colocou um no retroprojector para que os alunos pudessem observar. Deu a noção de linha poligonal e pediu para os alunos representarem um polígono. Depois de os alunos terem entendido a noção

de polígono, pediu para representarem polígonos regulares e irregulares. Pediu às meninas para representarem polígonos regulares e aos meninos para desenharem polígonos irregulares. Após as representações, a Professora pediu para os alunos escreverem a definição de polígono, polígono regular e irregular.

Regressados do recreio, os alunos fizeram a correção dos trabalhos de casa de Estudo do Meio e a seguir ensaiaram para a festa de natal.

### **Inferências**

O geoplano é um material manipulativo e estruturado para a observação e análise de figuras geométricas, podendo ter interesse pedagógico ou livre. Segundo Caldeira (2009, p. 409), este material é excelente pela sua mobilidade e para que as crianças explorem problemas geométricos, registem no papel ponteadado, os seus desenhos, de forma a desenvolverem a sua destreza.

O geoplano desperta a curiosidade e estimula o aluno a criar hipóteses e a chegar às próprias soluções, organizando as ideias e refletindo sobre a atividade, ajudando na coordenação motora; memória; percepção da forma; tamanhos; cores e lateralização. Para Serrazina e Matos, trata-se de “uma descoberta activa, raciocínio indutivo, elaboração e teste de inferências e conjecturas e o desenvolvimento da percepção visual e da imaginação” (Serrazina e Matos 1996, p. 10).

O geoplano é um dos materiais manipulativos que permite aos alunos transformar o abstrato, que, muitas vezes, se torna difícil de entender numa forma concreta facilitadora para os alunos.

## **1.2. 2.º MOMENTO DE ESTÁGIO (4.º ANO B)**

Este 2.º Momento de Estágio foi realizado entre dia 30 de novembro de 2010 e 11 de fevereiro de 2011. Foi efetuado no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, na sala do 4.º Ano (Bibe Azul Escuro), turma B, com a Professora Cooperante Rita Augusto.

### **1.2.1 Caracterização da turma**

A turma do 4.º Ano B é constituída por dezoito elementos: dez raparigas e oito rapazes.

Segundo informações fornecidas oralmente pela Professora titular, dois alunos frequentam o apoio educativo, sendo que um deles está ao abrigo do Decreto-lei 3/2009, com a necessidade educativa especial permanente de dislexia. O outro aluno beneficia de apoio pedagógico individualizado nas áreas em que revela maiores dificuldades de aprendizagem: Língua Portuguesa e Matemática.

A turma apresenta maiores dificuldades na área da Matemática, nomeadamente no algoritmo da divisão, na tabuada e no raciocínio lógico inerente às situações problemáticas. Na área da Língua Portuguesa, as maiores dificuldades centram-se na pouca riqueza de vocabulário e na estruturação de textos escritos.

A turma é homogénea no que concerne a comportamentos e atitudes. Alguns membros têm alguma dificuldade em manter o silêncio durante a realização das atividades e, também, em manter uma postura correta no decorrer das aulas. No entanto, a maioria dos elementos da turma revela um grau de calma e de sociabilidade adequada ao grau de ensino em que se encontram.

### **1.2.2. Espaço e horário**

A sala do 4.º B está situada no 1º piso, em frente à biblioteca. Tem dezoito mesas individuais, um quadro interativo e um quadro verde (para uso de giz). A sala tem um lavatório, ao lado deste quadro, e painéis nas paredes onde a Professora

expõe os trabalhos dos alunos na área da Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Duas das paredes da sala têm janelas grandes.



Figura 3 – *Aspeto da sala do 4.º B*

Quanto ao horário da manhã – período de aulas a que assistimos ao longo do estágio, ele é o que a seguir se transcreve:

Quadro 2 – *Horário do 4.º B*

3º Ano	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00-9:50 10:00-10:50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11:00-11:30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:30-12:10 12:10-13:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13:00-14:30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio

### **1.2.3. Relatos Diários**

#### **30/11/2010**

Por volta das 9:30h, a Professora Rita distribuiu o teste de História e Estudo do Meio pelos alunos, que o realizaram até às 11:00h.

Após o recreio, os alunos do 4.º A deslocaram-se à sala da do 4.º B para iniciarem os ensaios para a festa de natal. A Professora distribuiu pelos alunos as personagens que iam interpretar e um guião com o texto para que pudessem começar a decorar as falas das mesmas.

#### **3/12/2010**

Neste dia, coube-me dar uma aula assistida pela Professora da Prática Pedagógica no 3.º B (isto, apesar de já estar a realizar estágio no 4.º B).

Iniciei a aula com uma breve conversa com os alunos, explicando-lhes que iriam começar por falar de História de Portugal. Apresentei duas imagens do guerreiro Viriato. Fixei-as no meio do quadro, explicando a vida e obra do guerreiro. Perguntei aos alunos o que observavam nas imagens. À medida que os alunos iam dizendo o que observavam, eu pedia-lhes para irem escrever ao quadro o que haviam dito. Depois de terem mencionado tudo o que viam, expliquei-lhes que tudo o que eles tinham observado no retrato podia ser chamado de retrato físico, e que tudo o que lhes tinha referido anteriormente (sobre a braveza, a coragem de Viriato) se podia considerar retrato psicológico. Expliquei-lhes então que, nos textos que lemos no âmbito da Língua Portuguesa, as personagens são habitualmente caracterizadas com um ou dois daqueles retratos (físico e psicológico).

Posteriormente, introduzi a Matemática com um problema sobre a vida de Viriato: “No mês de outubro, Viriato e os seus soldados percorreram 500km, mas no mês a seguir, devido ao cansaço e ao mau tempo, só conseguiram percorrer uma centésima desses quilómetros. Quantos quilómetros percorreram no mês de

novembro?”. A partir daí, expliquei a multiplicação por 10; 100; 1000 e a divisão por 0,1; 0,01; 0,001.

Depois do recreio, as estagiárias reuniram com as Professoras da Prática Pedagógica para falarem sobre a avaliação das aulas.

### **Inferências**

A Professora Ana Maria Barbosa, da Prática Pedagógica, disse que, em relação à aula de História de Portugal, eu tinha sido muito expositiva, devia ter mostrado mais imagens (e não apenas as duas imagens de Viriato). Na aula de Língua Portuguesa, quando expliquei a diferença entre retrato físico e retrato psicológico devia, segundo a Professora, ter recorrido a um aluno, para que o exemplo fosse mais explícito.

Quanto à aula de Matemática, a Professora da Prática Pedagógica comentou que, quando distribuí as fichas, devia ter pedido aos alunos para efetuarem as operações na folha, para aferir se os alunos sabiam efetuar as operações. Segundo Carlos Grosso e Maria Branca Ruas:

Para multiplicarmos um número por 10, 100, 1000, (...) basta colocar um, dois, três, ... zeros respetivamente à direita da sua representação. Se o número for decimal desloca-se a vírgula uma, duas, três, ... casas decimais para a direita, acrescentando zeros, se necessário (Grosso & Ruas, 1999, p. 92).

Visto que esta multiplicação e divisão são exercícios de cálculo mental e esta aula não era para aferir se os alunos sabiam representar os algoritmos, mas sim se tinham percebido que, perante estes tipos de multiplicação e divisão, não necessitariam de efetuar as operações.

### **6/12/2010**

A Professora Rita iniciou a manhã a questionar os alunos sobre o fim-de-semana. Depois, pediu a um aluno para continuar a leitura em voz alta do livro *As bruxas*, de Roald Dahl, enquanto nos mostrava, a nós, estagiárias, o dossiê das



grelhas de avaliação e o projeto curricular de turma e fazia a marcação das aulas das estagiárias.

Feita a leitura de um capítulo, a turma do 4.º A juntou-se à outra turma para continuarem a ensaiar para a festa de natal. Enquanto isso, as estagiárias foram para a biblioteca com alguns alunos das duas turmas para ajudarem nos trabalhos que estavam atrasados.

Após o recreio continuaram os ensaios de natal. A pedido da Professora Rita, as estagiárias realizaram um exercício ortográfico com os alunos que estavam na biblioteca, quando tocou o alarme do jardim-escola e tiveram que sair para o recreio.

### **Inferências**

A leitura partilhada e em voz alta tende a tornar-se, com o tempo, em leitura gratificadamente solitária e silenciosa, permitindo ao leitor sentir as palavras. Segundo Rui Veloso, “o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica” (Veloso, 2001, p. 24).

É cada vez mais difícil integrar a leitura recreativa no tempo escolar a fim de praticar um momento de prazer devido ao extenso currículo que os docentes têm como prioridade. Como refere Veloso, “As práticas que se adoptam no 1º Ciclo são muito condicionadas pelos conteúdos contidos nos programas, o que leva os professores a excluírem do quotidiano escolar momentos de pura fruição do texto, considerando uma mera perda de tempo” (Veloso, 2001, p. 23). Desta forma, no que respeita à criação de oportunidades, a biblioteca é por excelência um espaço apropriado, com algum conforto, luminosidade, silêncio e recursos materiais para a leitura. Usar-se esse espaço para fazer exercícios ortográficos é, segundo considera o autor citado, contraproducente.

### **7/12/2010**

Neste dia, a Professora iniciou a manhã com os ensaios de natal com as duas turmas. As estagiárias estiveram na biblioteca com os mesmos alunos do dia anterior para poderem terminar o trabalho que tinham iniciado.

Depois do recreio continuaram os ensaios e o trabalho que estavam a realizar na biblioteca.

### **Inferências**

As festas desempenham um papel muito importante nas escolas, porque permitem às crianças a união entre elas para um só objetivo e também possibilitam que haja um envolvimento dos pais na educação dos filhos, muitas vezes fazendo com que estes tenham um melhor aproveitamento:

A melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias é abrir as escolas aos pais, criar espaço para eles se reunirem, proporcionar comunicação frequente, trata-los como verdadeiros membros da comunidade educativa (Marques, Davies & Silva, 1993, p. 33).

Só assim os pais vão influenciar, apoiar e encorajar os alunos e envolverem-se nas atividades escolares dos filhos.

A escola integra e amplia a obra educativa dos pais. Depois da família, é a escola que exerce a influência máxima também na transmissão de valores, da cultura e das tradições. A festa de natal é uma das atividades que durante o ano escolar une a comunidade à escola, fazendo com que os alunos se interessem em mostrar o trabalho que realizam. Segundo Marques: "Os alunos beneficiam porque sentem, de perto, o interesse dos pais e ficam mais aptos a corresponder às expectativas de pais e professores" (Marques, 2001, p. 109). A participação positiva dos pais em atividades que a escola promove ao longo do ano, faz com que exista uma confiança acrescida por parte dos professores e um maior êxito na aprendizagem dos alunos.

### **10/12/2010**

Após ter chegado à sala, a Professora encaminhou os alunos que tinham trabalhos em atraso para a biblioteca. Pediu às estagiárias que fizessem a preparação da lição "Dia de Natal", do Manual de Língua Portuguesa e, posteriormente, um exercício ortográfico, enquanto continuava com os restantes alunos os ensaios de natal.

## **14/12/2010**

A Professora aproveitou o facto de este ser o último dia de estágio antes da festa de natal (a realizar no dia 17/12/2010), para as estagiárias ajudarem os alunos com a memorização das falas da peça de teatro e com a pintura de alguns cenários que ainda estavam inacabados.

### **Inferências**

O teatro na escola tem uma importância fundamental na educação, pois permite ao aluno evoluir a vários níveis: na socialização, criatividade, coordenação, memorização, vocabulário, entre outros. A memorização necessária para reproduzir as falas atribuídas numa peça de teatro é fundamental, pois, “Memorizar é um dos requisitos primários e indispensáveis à aprendizagem” (Rebelo, 1993, p. 159).

Por outro lado, quando devidamente estruturado e acompanhado, a participação dos alunos nos preparativos da peça a representar ajuda o professor a aperceber-se de traços da personalidade do aluno, do seu comportamento individual e em grupo.

## **17/12/2010**

Neste dia, realizou-se a festa de natal no Jardim-escola. Às 9:30h, o pré-escolar iniciava, com as crianças do Bibe Amarelo (3 anos), a sua atuação. Apresentaram um pequeno teatro; no final, encaminharam-se para o Jardim-Escola para receber os pais nas salas. Enquanto isso, começava no ginásio da Escola Superior de Educação a atuação dos meninos do Bibe Encarnado (4 anos) e posteriormente os do Bibe Azul (5 anos).

A parte da tarde ficou reservada para os alunos do 1.º Ciclo. Às 14:00h, as crianças do Bibe Castanho (6 anos) iniciaram a sua atuação com músicas ensaiadas pelo Professor Paulo Viana; posteriormente, apresentaram as peças de teatro que tinham vindo a ensaiar.

Enquanto os meninos do Bibe Verde (7 anos) faziam a sua atuação, as estagiárias do 4.º B, a pedido da Professora Rita, distribuíam por sobrescritos as avaliações dos alunos para, após a atuação das crianças, ao receber os pais na sala, lhas entregarem. Acabada a atuação do 3.º B, as estagiárias no 4.º B foram ajudar a encaminhar os alunos na dramatização feita por esta turma.

Às 20:00h, no salão do Jardim-escola, seguiu-se o jantar de natal para os docentes e não docentes e para os estagiários do 4.º ano que se quiseram juntar.

### **Inferências**

A participação da família nas atividades escolares, seja ela no estudo ou nas festas, mostra que existem enormes vantagens tanto para os alunos como para os pais: “Um dos objectivos mais importantes das relações escola/ famílias/ comunidades é aumentar o número de famílias que se envolvem na educação dos filhos. Este envolvimento pode incluir a comunicação pais/ filhos, pais/ professores” (Marques, Davies & Silva, 1993, p. 107).

A escola é um espaço onde os professores, alunos e pais se encontram livremente para poderem integrar em produções culturais de uma forma lúdica e participada.

### **3/1/2011**

Nesta manhã, a Professora Rita entrou na sala e encontrou os alunos muito agitados por causa dos presentes que haviam recebido no natal. A pedido da Professora, só iriam falar sobre o natal quando se conseguissem acalmar. Depois de estarem mais calmos, começaram então a contar o que tinham feito nas férias e quais tinham sido os dois presentes que mais haviam gostado.

Posteriormente, na aula de Língua Portuguesa, abriram o Manual e fizeram a leitura e preparação do texto “A Viagem à Serra”, enquanto a Professora Rita mostrava às estagiárias os temas e calendário de aula.

Regressados do recreio, a Professora distribuiu o Geoplano e começou por pedir aos alunos para representarem figuras geométricas e a sua simetria. Depois,

dificultou os exercícios com figuras mais complexas, e posteriormente realizou um ditado do texto que haviam preparado.

### **Inferências**

O ditado constitui uma das práticas tradicionalmente empregadas no ensino da leitura e da escrita. O ditado favorece a aprendizagem do vocabulário, proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras de um contexto e desenvolve a capacidade de para ouvir de forma concentrada o Professor: “o exercício de registrar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem” (Condemarín & Chadwick., 1987, p. 186).

Os ditados realizados devem ter um aumento de dificuldade progressivo e sempre com um propósito significativo para os alunos, para que a criança assimile, através da audição, as palavras, e consiga, através deste exercício, aprender corretamente a sua ortografia.

### **4/1/2011**

A Professora começou por travar um diálogo com os alunos sobre os livros que estão a ler em casa, por iniciativa própria. Depois entregou um texto que tinha erros ortográficos; os alunos deveriam sublinhar os erros e, após, fazer a correção noutra folha (esta outra folha tinha um quadro em que os alunos tinham que colocar a palavra com erros e depois a palavra escrita corretamente).

Posteriormente, as estagiárias do 2.º ano chegaram à sala e fizeram a sua apresentação perante a turma. Às 10.15h, a Professora fez a correção do trabalho que havia sido dado, colocando a folha com o texto no retroprojeter para que todos os alunos pudessem ir vendo o texto e depois pediu aos alunos para fazerem a respectiva correção.

Após o recreio, a Professora pediu a um aluno para ir escrever ao quadro os sumários anteriores das aulas de Matemática; enquanto isso, ajudou os alunos com maiores dificuldades a resolver situações problemáticas.

## **Inferências**

Os erros ortográficos se, por um lado, devem ser detetados e corrigidos, por outro lado, podem ser uma forma de descobrir novas palavras e criar novas histórias a partir delas.

Rodari defende que “O erro ortográfico, se bem considerado, pode dar lugar a toda a espécie de histórias cómicas e instrutivas” (Rodari, 2006, p. 49), sugerindo, na sequência, a construção de textos a partir do que chama “o erro criativo” (Rodari, 2006, p. 48). Muitos dos erros dados podem, assim, ser o mote para criações autónomas, obrigando a criança a criar uma realidade que lhe é totalmente desconhecida. Rodari aponta exemplos como o seguinte: uma “pestola”, com “e” dispara pétalas e não balas; daqui surge uma história.

## **7/1/2011**

A Professora começou por ler um capítulo do livro *As Bruxas*, de Roald Dahl. Por volta das 9.45h, disse para irmos para a sala do 2.º B, porque a estagiária Vânia G. ia dar uma aula surpresa e nós tínhamos que assistir.

Quando chegámos à sala, a Vânia já tinha começado a aula, e estava a relembrar os graus dos adjetivos. Entretanto, a Vânia O. foi chamada por uma Professora da Prática Pedagógica para ir para a sala do 1.º B, para dar também uma aula surpresa de Língua Portuguesa. A Professora da Prática Pedagógica deu à minha colega um texto, de autor desconhecido, e pediu à Vânia O. para ajudar os meninos com mais dificuldade a ler esse mesmo texto.

A estagiária Vânia O. começou por ler o texto e, posteriormente, pediu aos alunos para o fazerem também. Depois escreveu no quadro a palavra “branca” e pediu a um aluno para dividir a palavra e a classificar por sílabas. Depois de tal ter acontecido, a Professora da Prática Pedagógica interrompeu a aula e pediu à Vânia que colocasse no quadro uma frase com erros e que pedisse aos alunos para identificarem os erros que estavam na frase.

Quando regressámos do recreio fomos para uma reunião com as Professoras da Prática Pedagógica, comentar as aulas dessa manhã.

### **Inferências**

Receber o parecer dos Professores de Prática Pedagógica é um momento importante da formação dos estagiários, pois é através da comunicação que estes tomam consciência dos seus progressos e/ ou dificuldades em relação às aprendizagens que têm que desenvolver. Segundo Fernandes, é fundamental que os estagiários, durante a sua formação, saibam “aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam e utilizar para perceber como melhorar as suas aprendizagens” (Fernandes, 2005, p. 83).

Os alunos precisam de orientações sistemáticas e de avaliações do seu trabalho e dos seus desempenhos que os ajudem a melhorar as suas aprendizagens, que os motivem, ajudando a ultrapassar os momentos menos positivos.

### **10/1/2011**

A Professora iniciou a manhã conversando com os alunos sobre o fim-de-semana. Depois de todos terem contado alguma coisa sobre o fim-de-semana, a Professora começou a passar pelos lugares dos alunos, para ver quem tinha feito os trabalhos de casa. Pediu a um aluno para ir ao quadro escrever uma frase com o adjetivo no grau normal; depois, com base na mesma frase, pediu ao mesmo aluno para alterar o grau do adjetivo para o superlativo absoluto analítico, sintético, superlativo relativo (de superioridade e inferioridade). O aluno teve muitas dificuldades em conseguir dar resposta a estas solicitações. A Professora saiu da sala para ir falar com a diretora e pediu às estagiárias para fazerem o registo da tabuada.

Depois do recreio, a Professora fez a correção no quadro de um exercício que quase todos os alunos tinham tido dificuldade em resolver e explicou o raciocínio. Enquanto a Susana I. mostrava os planos de aula à Professora, pois ia dar aula na semana seguinte, eu estive a rever, com alguns alunos, determinadas dúvidas que eles tinham acerca da ficha de matemática que tinham de preencher para efeitos de

avaliação. À medida que esclarecia as dúvidas dos alunos, ajudava outros a fazer o sapo em origami e também a arrumar alguns trabalhos nos dossiês.

### **Inferências**

A prática do origami estimula o desenvolvimento das habilidades artísticas e intelectuais. Fazendo exercício muito simples, ou fazendo outros mais complexos, os origamis podem ser um universo de símbolos e expressões. Os professores usam-nos como uma ferramenta para o ensino nas escolas, para desenvolver as capacidades espaciais e destrezas. O origami, além de ser uma arte muito criativa, também permite que os alunos deem asas à imaginação noutras unidades curriculares como a Matemática, Língua Portuguesa, Estudo do Meio, etc.

A criatividade do professor é fundamental. Este deve dar inúmeras oportunidades para a criança tentar ser bem-sucedida, enfatizando a ajuda recíproca no processo de aprendizagem. Segundo Gênova, “Uma boa ideia individual pode ser enriquecida com a contribuição de outras vindas do grupo. Isto, certamente, levará a um bom relacionamento” (Gênova, 1998, p.12). Para esta autora,

Utilizar esta técnica do Origami, em algumas disciplinas auxilia no despertar das noções de equilíbrio, espaço e na fixação das dobras na sua programação do que será feito e a ordem para executá-lo até chegar ao resultado final. Além disso acalma quem faz e agrada a quem recebe pois cada peça tem intencionalmente um significado (Gênova, 1998, p. 12).

O fascínio proporcionado pela transformação de um simples pedaço de papel por meio de dobras parece contribuir para a aprendizagem. As transformações que podem surgir destas dobragens também desenvolvem a imaginação.

### **11/1/2011**

A Professora iniciou de novo a manhã lendo mais um capítulo do livro *As Bruxas*. Depois, pediu às estagiárias para cada uma delas ler um capítulo, enquanto imprimia trabalhos para os alunos fazerem. De seguida, distribuiu um teste de avaliação extraordinário para avaliar os conhecimentos sobre os adjetivos.



Regressados do recreio, a Professora fez a correção dos trabalhos de casa e pediu às estagiárias para fazerem uma grelha de avaliação com a cotação do teste. Entretanto, a minha colega de estágio saiu mais cedo e a professora pediu-me para finalizar as cotações e corrigir os testes.

## **14/1/2011**

A Professora chegou à sala e partilhou com os alunos um origami diferente, que a mãe de um aluno tinha feito: um marcador de livros. Depois, mostrou um sólido geométrico feito com vários origamis. Pediu aos alunos para colocarem em cima da mesa os trabalhos de casa e os trabalhos concluídos em sala de aula para, de seguida, irem arrumar os dossiês.

Regressados do recreio, a Professora distribuiu quatro folhas A5 coloridas, com as quatro operações, para os alunos exercitarem o cálculo.

## **Inferências**

É necessário que, desde muito cedo, as crianças se apercebam de que a Matemática é uma linguagem que traduz ideias sobre o mundo que as rodeia. No 1.º Ciclo deve ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado.

O Programa de Matemática do 1º Ciclo do Ensino Básico distribui-se ao longo dos quatro anos de escolaridade, por três blocos: o dos Números e Operações, o de Espaço e Forma, o de Grandezas e Medidas. Solicitar às crianças que realizem operações de modo a exercitar o cálculo, responde, na perfeição, ao propugnado no âmbito dos Números e Operações: “Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo” (Ministério da Educação, 2004, p. 178).

O treino intensivo “em procedimentos de cálculo deveria constituir uma prioridade para os primeiros anos de escolaridade, funcionando como um pré-requisito para uma aprendizagem posterior de competências ligadas ao pensamento e à resolução de problemas” (Abrantes, Serrazina & Oliveira, 1999, p. 21). Cabe à escola

a função de ajudar os alunos a desenvolver as suas capacidades e de cultivar a sua disposição para usá-las, mesmo que isso envolva algum esforço de pensamento.

## **18/1/2011**

Neste dia, as estagiárias de 2.º ano iam dar uma aula de vinte minutos cada. A Vanessa deu uma aula sobre os movimentos de rotação e translação do planeta Terra. Mostrou uma maquete com o planeta Terra e com o Sol e, a partir daí, deu a aula. A Ana deu uma aula sobre o eclipse da lua, pediu a colaboração de alunos para se vestirem de planeta Terra e de lua e explicou o que acontecia na Terra quando se dá o eclipse da lua.

As aulas terminaram às 10:30h e a Professora distribuiu uma ficha de matemática pelos alunos, enquanto falava com as estagiárias sobre as aulas e eu mostrava os planos de aula para a minha aula da semana seguinte.

Depois do recreio, a Professora distribuiu pelos alunos folhas que continham palavras várias, cujo significado os alunos tinham que ir ver no dicionário e decorar, porque depois lhes iria ser perguntado o dito significado.

## **Inferências**

O Programa de Estudo do Meio do 1º Ciclo do Ensino Básico distribui-se ao longo dos quatro anos de escolaridade, por seis blocos: à descoberta de si mesmo; à descoberta dos outros e das instituições; à descoberta do ambiente natural; à descoberta das inter-relações entre espaços; à descoberta dos materiais e objectos; à descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade (Ministério da Educação, 2004). Falar às crianças sobre os movimentos de rotação e translação do planeta Terra, ilustrando o que é dito com material de apoio, e pedir a colaboração dos alunos para encenar o planeta Terra e a Lua respondem ao item incluído no âmbito da Descoberta do Ambiente Natural: “Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações (...). Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases. Observar num modelo o sistema solar” (Ministério da Educação, 2004, p. 118).

Ao professor cabe a orientação de todo este processo, constituindo também ele próprio mais uma fonte de informação em conjunto com os outros recursos da comunidade, os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação indispensáveis na sala.

## **21/1/2011**

A Professora chegou à sala e perguntou-me se queria dar uma aula de Matemática ou Língua Portuguesa, visto que a minha colega de estágio não estava. Acrescentou que eu poderia escolher a área que queria dar. Optei pela Matemática, especificamente por explorar o volume do paralelepípedo. A Professora deu-me 10 minutos para preparar a aula.

Comecei por desenhar no quadro um retângulo e determinar a sua área. Depois, desenhei um paralelepípedo e dei a definição de volume; referi que tinha três dimensões (tridimensional); que o expoente é 3 (ao contrário da área que só tem duas – bidimensional, e o expoente é 2); expliquei a fórmula do volume do paralelepípedo ( $V = c \times l \times a$ ). Pedi a um aluno para ir ao quadro resolver uma situação problemática (tinham que encontrar o volume de um paralelepípedo).

No segundo exercício, que era um pouco mais complexo, desenhei no quadro dois paralelepípedos com volumes diferentes (volume A=  $5\text{cm} \times 4\text{cm} \times 2\text{cm}$ ) e (volume B=  $6\text{cm} \times 7\text{cm} \times 3\text{cm}$ ) e perguntei aos alunos se um quilograma de arroz cabia em qualquer um desses paralelepípedos.

## **Inferências**

No programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é indicado que os alunos devem comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide (Ministério da Educação, 2004).

A resolução de problemas coloca o aluno em atitude ativa de aprendizagem, dando-lhe a possibilidade de construir noções como resposta às interrogações levantadas ou incitando-o a utilizar as aquisições feitas e a testar a sua eficácia. A descoberta que a criança faz do espaço e da forma é fator de interesse e

empenhamento nas atividades da área da Matemática. As capacidades que desenvolvem e os conhecimentos que adquirem intuitivamente, em interação com o meio, devem ser alargados na escola de forma ativa e dinâmica.

## **24/1/2011**

Neste dia, durante a manhã, a pedido da Professora Cooperante, a aula foi dada por mim. Em Língua Portuguesa falei dos casos especiais da formação do superlativo dos adjetivos; em Matemática, nos divisores de um número natural; em História de Portugal, em D. Manuel I.

Comecei com a área da Língua Portuguesa. Distribuí um texto de António Torrado, pedi aos alunos para prepararem a leitura em silêncio e para, depois, o fazerem em voz alta. Fiz perguntas de interpretação e recordei os graus dos adjetivos, baseando-me no texto. Apresentei os casos especiais da formação do superlativo, recorrendo a uma tabela que distribuí pelos alunos. Depois, distribuí uma proposta de trabalho para os alunos aplicarem os conhecimentos adquiridos e, com o auxílio do retroprojektor, projetei a proposta no quadro para que todos pudessem ver a correção.

Na área da Matemática, recorri à quantidade de animais de que o texto de António Torrado falava e pedi para os alunos dividirem por duas e oito pessoas, a fim de estes perceberem que o resultado da divisão pode ser exato ou inexato, quando não dá resto zero. A partir destas divisões, apresentei os múltiplos de um número.

Na área de História de Portugal, apresentei, com o auxílio do PowerPoint, dados sobre a vida e características do rei D. Manuel I. No final, dividi a turma em grupos e realizei um jogo para aferir os conhecimentos dos alunos.

## **Inferências**

São as estratégias de ensino que definem o processo como se aprende. Qualquer estratégia está dependente, na sua aplicação, da existência de comunicação entre o professor e o aluno. O envolvimento dos alunos em estratégias diferentes do que acontece em aulas rotineiras faz com que desenvolvam empatia com a aprendizagem da História. Segundo Proença, “A participação do aluno nestas aulas

diversificadas perfaz um leque quase ilimitado dos assuntos estudados” (Proença, 1990, p. 135).

Jogos como o realizado no final da aula podem ser uma técnica motivadora, que estimula o domínio da imaginação, criatividade e capacidade de expressão para o ensino da História.

## **25/1/2011**

A Professora iniciou a manhã com a correção das composições. Explicou que ia existir um júri que iria atribuir uma avaliação (de 1 a 5), através de cartões, tendo em conta os erros ortográficos, pontuação e repetição de palavras. Enquanto os alunos faziam a avaliação, a Professora pediu à estagiária Susana I. para dar uma aula surpresa sobre classificação de triângulos quanto aos ângulos. Deu-lhe algum tempo para preparar a aula e, depois, interrompeu a avaliação das composições.

A Susana começou por desenhar no quadro um triângulo e relembrar os ângulos e respetivas amplitudes, matéria que os alunos já conheciam. No triângulo que estava desenhado no quadro apontou um ângulo reto, obtuso e agudo e explicou que, derivado ao nome dos ângulos, os triângulos assumiam o nome de cada triângulo – retângulo, obtusângulo e acutângulo, respetivamente. Posteriormente, dividiu o quadro ao meio e escreveu um exercício no qual pedia para classificarem os triângulos quanto aos ângulos e outro para desenharem um triângulo à escolha e classificá-lo quanto aos ângulos.

## **Inferências**

A geometria e a visualização espacial proporcionam meios de perceber o mundo físico e de interpretar, modificar e antecipar transformações relativamente aos objetos. No 1º Ciclo é importante haver uma diferenciação progressiva de propriedades geométricas relacionadas com o tamanho, distância e direção, conduzindo à medida de comprimentos, aos ângulos.

Estabelecer e comunicar relações espaciais entre os objetos, fazer estimativas relativamente à forma e à medida, descobrir propriedades das figuras e aplicá-las em

diversas situações são processos importantes do pensamento geométrico. Assim, “O desenho, a manipulação e a construção de objetos geométricos permitem a exploração de conjecturas e a investigação de relações que precedem o uso do raciocínio formal” (Ministério da Educação, 2004, p. 68).

## **28/1/2011**

Neste dia a Susana I. deu uma aula de treino para a aula assistida de dia 31/1/2011. Começou por ler uma notícia de um jornal e, depois, introduziu o superlativo absoluto sintético numa frase mal formulada (“É o mais bom”), para que os alunos alterassem o adjetivo recorrendo ao comparativo. Pediu então aos alunos para se lembrarem de palavras que se formam de maneira diferente. Distribuiu uma folha informativa, com alguns exemplos do comparativo, e pediu exemplos de frases com alguns desses adjetivos.

Na área da Matemática, falou dos critérios de divisibilidade por 2, 3, 4, 5 e 6 e distribuiu uma ficha informativa. Colocou no quadro uma tabela com os divisores e pediu aos alunos para fazerem a correspondência do número com o divisor.

Na área da História de Portugal, apresentou o poeta Luís Vaz de Camões e, com o auxílio do PowerPoint, mostrou a vida e obra do escritor e depois leu o poema “Amor é fogo que arde sem se ver”.

Após o recreio, a Professora reuniu os alunos em grupo e cada um tinha que realizar uma tarefa para o jornal da escola com os temas Área de Projeto, visita de estudo e tema livre.

## **Inferências**

A aprendizagem da leitura não decorre só nas escolas perante os Professores, mas sim nas atividades do dia-a-dia e no meio onde estão inseridas. As atividades com os pais podem suscitar interesse e curiosidade na criança para a atividade da leitura. Segundo Marques, “os métodos que os pais usam para ensinar as crianças a ler diferem dos usados na escola primária. Os pais ajudam os filhos a aprender a ler todos os dias, quando os levam ao supermercado ou quando lhes apontam os sinais

de trânsito” (Marques, 1983, p. 47). Evidentemente, se a criança for proveniente de uma família que usa, no cotidiano, o jornal, esse não lhe será um instrumento estranho.

Contudo, como nem sempre isso ocorrerá, torna-se obrigação da escola introduzir o jornal na sala de aula. Aliás, o próprio Programa o explicita: “Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...)” (Ministério da Educação, 2004, p. 147)

## **1/2/2011**

A Professora informou os alunos que às 11:30h o primeiro grupo ia para a aula de cerâmica e pediu para colocarem os trabalhos de casa em cima das carteiras para os ver. Depois, solicitou aos alunos, individualmente, para lerem os resumos do livro *As Bruxas* e para a restante turma comentar. Distribuiu uma folha para os alunos escreverem os sumários e realizarem um exercício ortográfico: tinham que procurar no dicionário o significado das várias palavras.

Após o recreio, metade da turma foi para a sala de cerâmica, ao passo que os outros alunos foram para a sala realizar um ditado de lateralização. Enquanto isso, a Professora comentava a aula da Susana I.

## **Inferências**

As atividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis deverão ser praticadas, com frequência. Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes. O prazer de ir dominando a plasticidade e a resistência dos materiais leva, progressivamente, os alunos a utilizá-los de forma pessoal, envolvendo-se numa atividade criadora.

O Programa de Expressão e Educação Plástica do 1º Ciclo do Ensino Básico distribui-se ao longo dos quatro anos de escolaridade, por três blocos : Descoberta e Organização Progressiva de Volumes – Modelagem e Escultura; Descoberta e Organização Progressiva de Superfícies – Desenho; Exploração de Técnicas Diversas

de Expressão – Recorte, Colagem, Dobragem (Ministério da Educação, 2004). Explorar e manusear o barro nas aulas de cerâmica corresponde ao propugnado no âmbito da Descoberta e Organização Progressiva de Volumes – Modelagem e Escultura, especificamente no que é indicado relativo a “tirar partido da resistência e plasticidade do barro. Modelar usando as mãos e utensílios” (Ministério da Educação, 2004, p. 90).

Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos. O carácter lúdico, geralmente associado a estas atividades, garante o gosto e o empenho dos alunos.

## **7/2/2011**

Neste dia, dei aula durante a manhã, a pedido da Professora Rita.

Iniciei a manhã com a área da Língua Portuguesa, cujo tema era o dos verbos transitivos e intransitivos. Comecei por fixar no quadro quatro imagens; pedi aos alunos para dizerem uma frase sobre cada imagem e que a fossem escrever ao quadro por baixo de cada uma. Depois de estarem todas as frases escritas, pedi, individualmente, para que os alunos classificassem sintaticamente as frases e se apercebessem que existem verbos que pedem complementos diretos e indiretos e outros que não.

Na aula de Matemática, e para criar interdisciplinaridade com a Língua Portuguesa, peguei numa frase que os alunos tinham feito para uma das imagens fixadas e perguntei se os alunos também gostavam de ir ao cinema. Depois, mostrei um folheto dos filmes para crianças que estavam em exibição no cinema e perguntei a um aluno a duração do filme, que estava em minutos. Questionei-os sobre qual seria a duração em horas, ao que alguns alunos não sabiam responder. Expliquei que havia uma forma mais simples de transformar esses números (incomplexos em complexos), realizando a operação da divisão. De seguida distribuí uma proposta de trabalho em que os alunos tinham que transformar números incomplexos em complexos.

Na aula de História de Portugal, cujo tema era D. Sebastião, vesti-me a rigor, incorporei a personagem e contei a história da vida de D. Sebastião.



## **Inferências**

As simulações históricas baseiam-se no princípio de que os alunos são capazes de viver o papel das personagens de épocas e sociedades diferentes da sua. Essa vivência pode tomar a forma de uma dramatização, que, segundo Proença, apela “à criatividade do aluno que vai imaginar, apoiado em dados científicos correctos, como viviam indivíduos de épocas diferentes” (Proença, 1990, p. 135).

Pelo envolvimento dos alunos e/ ou do Professor com personagens, ideias e factos de outras épocas, a simulação desenvolve neles a imaginação empática tão necessária à aprendizagem da História, e contribui para que esta disciplina se torne estimulante e motivadora.

## **8/2/2011**

Neste dia, a estagiária Susana I. ia repetir a aula de Matemática sobre números complexos que tinha pedido à Professora para dar. Começou por questionar os alunos se conheciam alguns medidores de tempo e deu quatro exemplos: relógio, calendário, cronómetro e ampulheta, mostrando as imagens no PowerPoint. Explicou as unidades de tempo e distribuiu uma ficha para os alunos realizarem a adição e a subtração de números complexos.

Após o recreio, a Professora pediu a uma estagiária do 2º ano para realizar um exercício ortográfico com os alunos, enquanto falava com as estagiárias sobre as aulas.

## **11/2/2011**

A Professora entrou na sala e disse aos alunos que a Susana ia dar uma aula assistida por uma orientadora da Prática Pedagógica. A Susana I. começou pela área de Língua Portuguesa. Distribuiu seis palavras pelos alunos e começou a ler um texto lacunar que estava fixado no quadro em tamanho grande. À medida que ia lendo o texto, os alunos que tinham a palavra correspondente tinham que se levantar e ir

colocar a palavra no espaço. Depois, explicou que aquelas palavras se classificavam de homófonas.

Na área da Matemática distribuiu uma caixa do material Cuisenaire por cada dois alunos e explicou a potencialização. Pediu que realizassem com as peças a potência 3, para ver se todos os alunos tinham entendido a explicação. Após todos terem percebido, solicitou a um aluno que realizasse uma potência e a um outro que a fosse escrever ao quadro.

Em Estudo do Meio, fez uma experiência com copos e uma bacia com água. Mergulhou um copo com um cartão dentro, com a abertura para baixo dentro da bacia com água, e todos verificaram que a água não entrou dentro do copo. Depois, fez o mesmo procedimento, mas fez um corte na base do copo e os alunos puderam visualizar que a água molhou o cartão.

### **Inferências**

A multiplicação de fatores todos iguais tem o nome de potenciação e o seu resultado chama-se potência. Caldeira esclarece: “A operação da potenciação é a operação que ao par ordenado de números inteiros quaisquer  $a$  e  $b$ , faz corresponder um só número inteiro  $a^b$  em que  $a^b = a \times a \times \dots \times a$ ;  $a$  e  $b$  não podem ser simultaneamente zero” (Caldeira, 2009, p. 151).  $\underbrace{\hspace{1.5cm}}_b$

O material Cuisenaire, para além do desenvolvimento da lógica matemática, possui um considerável valor na educação sensorial, pois é um instrumento e descoberta nas mãos dos alunos. Serrazina esclarece o seguinte:

(...) investigações têm constatado que os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados, que os que não o fizeram, pois os alunos são indivíduos activos que constroem, modificam e integram ideias a interacionar com o mundo físico, os materiais e os seus colegas (Serrazina, 1991, p. 21).

Estes objetivos implicam que os alunos participem em variadas experiências relacionadas entre si, que explorem, que façam tentativas e errem, que resolvam problemas, testando e conjecturando e, assim, aperfeiçoem o pensamento matemático.

### **1.3. 3.º MOMENTO DE ESTÁGIO (1.º ANO B)**

Este 3.º Momento de Estágio foi realizado entre dia 14 de fevereiro de 2011 e 15 de abril de 2011. Foi efetuado no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, na sala do 1.º ano (Bibe Castanho), turma B, com a Professora cooperante Paula Toscano.

#### **1.3.1. Caracterização da turma**

Conforme informação cedida pela Professora, a turma do 1.º ano B é constituída por vinte e oito alunos; quinze elementos do sexo feminino e treze elementos do sexo masculino.

Os alunos são oriundos de famílias equilibradas financeiramente. O seu nível socioeconómico caracteriza-se, maioritariamente, entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na profissão. A maioria das crianças tem pelo menos um irmão, havendo apenas três alunos que não têm irmãos. Dos vinte e cinco alunos que têm irmãos, apenas nove têm um quarto só para si, uma vez que os restantes partilham o mesmo quarto com os irmãos.

Em termos culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia e apoiada pelos familiares que se interessam pelo desempenho escolar dos seus filhos.

Decorrentes da análise da turma, ao nível das competências essenciais de Língua Portuguesa, as principais dificuldades centram-se na leitura e na escrita de pequenas frases e textos, bem como a sua interpretação, no entanto existem oito alunos que o conseguem fazer corretamente e sem ajuda. Existem cinco alunos que leem de forma silábica, sendo que no total treze alunos já leem e catorze estão a rever as lições da Cartilha Maternal e um está a iniciar o processo de aprendizagem da leitura e escrita. A maioria da turma não aplica os sinais de pontuação no final da frase, bem como o uso de maiúscula no início da frase e também não utilizam corretamente os sinais gráficos de acentuação. No entanto a maioria dos alunos consegue relacionar a letra de imprensa com a manuscrita.

Relativamente à área curricular de Matemática, a turma revela dificuldades nas operações (adição e subtração), bem como no cálculo mental. De modo geral, identificam as ordens dos algarismos até às centenas de unidades; as cores e ordens

dos Calculadores Multibásicos. No Cuisenaire conseguem corresponder a cor das peças ao seu valor, mas nem sempre conseguem fazer composição e decomposição de números.

Após uma análise global da prestação dos alunos em sala de aula, a turma é bastante interessada e motivada para a aprendizagem. A maioria dos alunos consegue manter a concentração da atenção, havendo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável.

Existem cinco crianças que merecem uma atenção especial, uma vez que não são autónomas na realização dos trabalhos e uma destas está a ter apoio pedagógico acrescido, uma vez que só este ano letivo iniciou o processo de aprendizagem ao nível da Matemática.

Este ano letivo entraram duas crianças para a turma, uma delas não sabe ler, nem escrever e tem noções matemáticas muito elementares, apresentando muita dificuldade a nível do cálculo mental.

### 1.3.2. Espaço e horário



Figura 4 – *Aspetto da sala do 1.º ano B*

A sala do 1.º Ano B está situada no rés-do-chão e é muito pequena. Tem vinte e oito mesas individuais, muito perto umas das outras, sendo o espaço entre elas quase inexistente. Tem um quadro verde, para uso do giz, ao meio da parede e nas paredes dos dois lados deste quadro, um quadro branco, onde a Professora expõe os

trabalhos e alguns materiais. A sala tem numa parede duas grandes janelas viradas para a entrada do Jardim-Escola.

Quadro 3 – Horário do 1.º Ano B

3º Ano	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00-9:50 10:00-10:50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:00-11:30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:30-12:10 12:10-13:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática Expressão Musical 12h10-13h00
13:00-14:30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio

### 1.3.3. Relatos diários

**14/2/2011**

Neste dia os alunos iam fazer teste de Matemática até às 11:00h e a Professora Paula pediu-nos que, nesse período, arrumássemos os dossiês.

Após o recreio, a Professora distribuiu uma folha para os alunos realizarem uma composição cujo título era “Se eu fosse um leão e vivesse na selva o que faria...”. À medida que os alunos acabassem a composição, na parte de trás da folha tinham escritas algumas palavras para fazerem corresponder ao género masculino ou feminino.

### Inferências

Tal como a fala se desenvolve e organiza em interação com outros falantes, também a escrita se desenvolve e organiza a partir da produção de escrita em interação com outras crianças, com o professor, com o meio mais alargado e distante.

A interação entre as crianças, e entre estas e o professor, a propósito da escrita dos seus textos, possibilita o diálogo, a troca de impressões clarificadoras das ideias, e conduz ao progressivo domínio da estruturação da linguagem escrita. Neste trabalho, “Importa privilegiar o que as crianças querem dizer, a quem, como porquê”. (Ministério da Educação, 1998, p. 92).

A dinâmica criada nesta aula leva a que as crianças queiram aperfeiçoar os seus textos, de modo a corresponderem às suas intenções comunicativas e aos interesses da Professora.

## **15/2/2011**

Chegados à sala, a Professora pediu para os alunos lerem o texto, “Pelo Ribeiro”, do Manual Escolar *As Letrinhas*. Depois de todos terem lido o texto silenciosamente, a Professora lê-lo em voz alta e pediu aleatoriamente a cada criança para o fazer.

Depois do texto lido, perguntou qual era o título do texto; quantos parágrafos tinha o texto; o que recomendam os pais aos filhos, e também realizou exercícios de morfologia (classificar palavras quanto ao número de sílabas) e de sintaxe (colocar a frase na negativa). Depois, fez um exercício ortográfico. Após o recreio, terminaram estes exercícios.

## **Inferências**

Quando a Professora pede aos alunos para fazerem a leitura em voz alta está a cumprir o que se pede no bloco da Comunicação Oral do Programa de Língua Portuguesa do 1º Ciclo: “Expressar-se por iniciativa própria: em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos)” (Ministério da Educação, 2004, p.139). Também os trabalhos de sintaxe e morfologia realizados correspondem ao determinado no âmbito da Comunicação Escrita, no 3.º Ano: “Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação). Distinguir sílaba tónica e sílaba átona” (Ministério da Educação, 2004, p.158).

## **18/2/2011**

Neste dia os alunos realizaram teste de Estudo do Meio até às 11:00h, enquanto a Professora marcava as aulas com as estagiárias e depois estas arrumavam os dossiês.

Depois do recreio, a Professora fez com os alunos um exercício caligráfico com algumas palavras do texto lido no dia anterior.

Às 12:00h foram para o ginásio com a turma do 1.º A e com o Professor Paulo Viana (Expressão Musical), para realizarem um teste onde tinham que fazer o reconhecimento de alguns sons que os instrumentos faziam.

## **Inferências**

O Programa de Expressão e Educação Musical do 1.º Ciclo do Ensino Básico distribui-se ao longo dos quatro anos de escolaridade, por dois blocos: jogos de exploração e experimentação; desenvolvimento e criação musical (Ministério da Educação, 2004). Solicitar às crianças que realizem um teste ouvindo sons e relacionando com os instrumentos, responde assim ao âmbito da experimentação, desenvolvimento e criação musical: "Identificar sons isolados: do meio próximo da natureza (...) Identificar ambientes/ texturas sonoras: do meio próximo da natureza" (Ministério da Educação, 2004, p.71).

Aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons resultantes de experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança. Os jogos de exploração e vivências musicais são pontos de partida para a aquisição de conceitos que enriquecem a linguagem e pensamento musical.

## **14/3/2011**

Neste dia o Jardim-Escola recebeu alguns Encarregados de Educação nas várias salas, para que estes pudessem ver algumas atividades escolares.

A Professora começou por conversar com os alunos sobre o fim-de-semana e pediu que cada um dissesse alguma coisa enquanto esperava que mais alunos chegassem.

Depois questionou os alunos oralmente sobre questões matemáticas, por exemplo: quanto é uma dúzia; quanto é uma dezena; quanto é meia centena; quanto é uma centena, para introduzir o tema da aula que ia falar. A Professora pediu a um aluno para ir distribuir pelos colegas a caixa de 4º Dom de Fröebel, enquanto distribuía as fichas de Matemática e pegando no que um aluno tinha falado sobre o fim-de-semana, começou por dizer que tal como o aluno também tinha ido a Leiria e tinha passado por uma ponte, pediu aos alunos para construírem essa ponte, e nessa ponte passavam camiões que transportavam cadeirões de uma fábrica, e pediu para construírem o cadeirão. A seguir a construírem o cadeirão, solicitou aos alunos que o colocassem no canto superior direito e distribuiu uma folha A4 com várias imagens do cadeirão para os alunos recortarem e colocarem no pictograma.

Posteriormente ao recreio realizaram situações problemáticas sobre o pictograma. Às 12:00h os Encarregados de Educação saíram da sala e os alunos finalizaram a ficha.

## **Inferências**

O envolvimento parental na escola é fundamental. Segundo Vasconcelos,

(...) as relações escola família não podem ser vistas em termos de poder/competência, mas apenas numa perspectiva de colaboração mais profunda, a parceria. O envolvimento dos pais converte-se, assim, numa variável importante na melhoria da qualidade de ensino. Deve haver continuidade entre o mundo da escola e da família, sem ruptura cultural e dos valores. O diálogo entre todos os agentes e parceiros educativos envolve persistência e espírito de missão (citado em Pereira, 2010, pp. 72-73).

Quando existe participação e colaboração, o trabalho dos Professores fica facilitado bem como a relação entre ambos. A educação está no meio caminho entre a competitividade e os afetos.



**15/3/2011**

Neste dia, havia combinado com a Professora da turma dar aula durante a manhã. Os temas foram: determinantes artigos indefinidos, na área da Língua Portuguesa; as horas, na área da Matemática; a classe das aves, na área do Estudo do Meio.

Comecei por distribuir um texto de António Torrado, “Fenómenos de Capoeira”<sup>2</sup>. Depois de fazer a leitura do texto em voz alta, pedi aos alunos para lerem também em voz alta. De seguida, fiz perguntas de interpretação para observar se os alunos tinham entendido o texto. Relembrei os determinantes artigos definidos que a minha colega de estágio tinha trabalhado na sua aula, para, a partir daí, explicar os determinantes artigos indefinidos. Fui dando exemplos e solicitando aos alunos para o fazerem. Distribuí uma proposta de trabalho, com um quadro, para os alunos preencherem com os artigos definidos e indefinidos, ao mesmo tempo que alguns iam ao quadro fixar as palavras móveis nos respetivos lugares, de modo a completar a proposta de trabalho.

Na área da Matemática, e para criar interdisciplinaridade, questionei os alunos sobre as horas a que os galos despertavam, ao que eles não souberam responder. Fixei no quadro um relógio grande, desenhado em cartolina, com os ponteiros das horas, minutos e segundos, e porque a maioria dos alunos já sabia ver horas, relembrei-lhes quantas horas tem um dia, quantos minutos tem uma hora e quantos segundos tem um minuto. Depois distribuí uma proposta de trabalho; cada aluno tinha uma hora diferente e ia representá-la num relógio e depois pintar a seu gosto.

Para iniciar a aula de Estudo do Meio questionei os alunos sobre a classe a que pertenciam os animais da história, que características é que eles sabiam sobre essa classe. Depois de enumerarem algumas características, mostrei um PowerPoint com imagens das principais características (bico, pele, patas, acasalamento, reprodução, habitat, alimentação) e pedi a colaboração de quatro alunos para mostrar as aves reproduzidas em fantoche que eu havia feito e para que pudessem verificar, novamente, as características.

---

<sup>2</sup> Retirado do site do autor, [historiasdodia.pt](http://historiasdodia.pt)

## **Inferências**

O desenvolvimento harmonioso da criança depende do equilíbrio em que se processa o seu crescimento, que passa por fases biológicas e afetivas que, estimuladas corretamente, vão proporcionar uma aquisição de habilidades de pensamento e memorização de informações. Estas informações deverão ser específicas, a fim de se irem processando mudanças estruturais.

Segundo Alves & Andrea, “o fantoche é por si só, uma oportunidade de desenvolvimento, favorece a experimentação, a descoberta, o espírito inventivo e a concentração a par do exercício constante de poder conferir as suas habilidades”. (2001, p.10). Através das propostas de trabalho com materiais conhecidos e com o consequente prazer das experimentações fica facilitada a motivação.

## **18/3/2011**

Os alunos do 1º Ano (A e B), ao chegarem à escola, dirigiram-se para as salas, porque tinham que sair para uma visita de estudo à kidzânia como estava combinado. A kidzânia representa uma cidade semelhante às reais onde as crianças experienciam uma vida como a dos adultos, trabalham e usufruem de serviços, como por exemplo, experimentar ser construtor civil, pintor, bombeiro, médico, fotógrafo, polícia, cabeleireiro, piloto, futebolista, entre outros.

Depois de estarem todos prontos, a Professora mandou fazer o “comboio” e saímos do Jardim-Escola para entrarmos no autocarro. Os alunos estavam muito contentes e bem-dispostos, a cantar e a trocar experiências passadas na kidzânia.

Ao chegar à kidzânia, estivemos à espera que outras escolas entrassem. Depois, os alunos foram identificados com pulseiras e receberam um cheque que tiveram que ir trocar ao banco. Depois de entrarmos no recinto, as crianças tiveram liberdade para andar sozinhas (os adultos não podem entrar nos locais que constituem a cidade da kidzânia). Os adultos ficaram numa sala onde havia computadores com internet, televisão, secretárias, livros e sofás. Tal como ficou combinado com as crianças, ao meio dia e meia saíram para almoçar e até à hora que o estabelecimento fecha as crianças ficaram a brincar.

Às 15h30 encontrámo-nos todos no salão e ficámos à espera da nossa vez para fazer o check-out e voltar para o Jardim-Escola.

### **Inferências**

As visitas de estudo são viagens organizadas pela escola e levada a cabo com objetivos educacionais ou não, na qual os alunos podem observar e estudar os objetos de estudo nos locais funcionais. As visitas de estudo também fomentam a descoberta de novos dados e a relação entre conhecimentos, no sentido de desenvolver a interdisciplinaridade. Segundo Almeida, "a mudança de espaço tem influência na comunicação" (Almeida, 1998, p.55). Durante as visitas de estudo, a proximidade estabelecida entre professores e alunos é determinante na melhoria do clima interpessoal. Segundo o mesmo autor, "o aluno, longe das quatro paredes da sala de aula, num outro ambiente, tende a tornar-se igual a si próprio"(Almeida, 1998, p.55).

O professor pode, durante a visita, ser mais observador dos comportamentos dos seus alunos, esbatendo-se qualquer indício de diretividade na dinâmica de grupo: "Há uma aprendizagem recíproca de novas formas de participar, de ouvir e de executar" (Almeida, 1998, p.55).

As visitas de estudo são ainda apontadas como potenciadoras ao nível da aquisição de valores e atitudes, no despertar nos alunos do sentido de responsabilidade, na criação do sentido de solidariedade, proporcionando um enriquecimento cultural e criando a necessidade de contatos com o mundo fora da escola.

### **21/3/2011**

Neste dia, houve no museu reunião de Prática Pedagógica com os alunos dos mestrados de Educação Pré-Escolar, Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Ensino do 1.º e 2º Ciclos do Ensino Básico. Estavam presentes todas as Orientadoras de Estágio e o Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus. Lerem em voz alta as avaliações do 2º

momento de avaliação de todos os alunos referente ao estágio nos vários Jardins-Escolas.

### **Inferências**

A promoção e o desenvolvimento são uma das funções principais da educação. A escola, enquanto lugar privilegiado da educação, terá como responsabilidade encontrar condições de aprendizagem, que permitam a todo o indivíduo atingir o mais alto nível de rendimento que seja possível, cabendo-lhe a formação.

As reuniões de Prática Pedagógica são importantes, pois tornam o aluno estagiário mais responsável e atento à sua formação. Segundo Alves, “À escola caberá, então, interrogar-se sobre os saberes indispensáveis ao exercício dessa actividade profissional, e sobre a melhor forma de transmitir e avaliar com eficácia esses saberes” (Alves, 2002, p.138). É neste contexto de desenvolvimento do indivíduo que é importante que tanto o ensino quanto a avaliação passem por consideráveis transformações para se adaptarem às novas condições impostas pela própria sociedade, não podendo ignorar-se que, cedo ou tarde, os alunos ingressarão numa atividade profissional.

### **22/3/2011**

Os alunos fizeram teste de Matemática até às 11:00h, enquanto as estagiárias estiveram a arrumar dossiês.

Depois do recreio a Professora começou a ler um texto (“A Páscoa”), do manual de Língua Portuguesa *As Letrinhas*, e pediu aos alunos para lerem em voz alta.

### **Inferências**

A leitura nos primeiros anos de escolaridade é muito importante, pois ajuda a criança a construir a sua identidade, a sua relação com o mundo e a tornar-se num ser

ativo e tolerante. Mediante o apelo ao imaginário, a leitura permite-lhe a transposição de universos, a vivência de outros modos de ser, a resolução de conflitos interiores e de problemas de ordem psicossocial. Segundo Magalhães, "durante a infância, a insistência em actividades regulares aparenta ser bem mais fecunda do que em qualquer outra idade; a promoção de uma regularidade de leitura junto deste grupo etário torna-se, indiscutivelmente, uma aposta promissora"(Magalhães, 2008, p.5 8).

Assim, um bom leitor é aquele que, ao fomentar as operações de tratamento linguístico ao nível lexical e sintático de forma automática, vai, também, focar a sua atenção para a construção de um modelo de texto, interpretando-o. O Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo privilegia "a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua)" (Ministério da Educação, 2004, p.137).

É, por isso mesmo que a leitura é um fator decisivo na maturidade da criança (e do adolescente), no seu equilíbrio afetivo, na sua inserção no coletivo da escola e da comunidade em geral.

## **28/3/2011**

Neste dia ia dar mais uma aula no 1º Ano, conforme combinado com a Professora da turma. Planeei começar com a área de Língua Portuguesa, com a classificação de palavras quanto à sílaba forte, na área da Matemática, com o pictograma e em Estudo do Meio com a classe dos répteis.

Iniciei a manhã com a leitura da fábula "A lebre e a tartaruga". Fiz um livro grande (50x80cm) e, à medida que ia lendo, os alunos podiam ver as imagens. Pedi a um aluno para fazer um resumo da fábula, à medida que eu folheava o livro. De seguida, fiz perguntas de interpretação para observar se os alunos tinham entendido a história.

Distribuí um envelope com palavras (esdrúxulas, graves e agudas). As palavras estavam impressas em papel de várias cores. A folha de trabalho estava dividida em três colunas. Cada aluno recebeu uma folha, para que pudessem classificar as palavras quanto à sílaba forte (tónica), separando-as na folha consoante a

classificação. À medida que as separavam, os alunos iam ao quadro fazer a correção com as palavras móveis.

Na área da Matemática, referindo os animais da fábula “A lebre e a tartaruga”, construí no quadro um pictograma ao mesmo tempo que pedia a um aluno para distribuir um envelope com imagens de tartarugas inteiras e de metades para que construíssem o pictograma segundo as indicações. Depois do pictograma estar preenchido, distribuí uma proposta de trabalho com três perguntas e dei cinco minutos para tentarem realizar sozinhos. Depois, um aluno foi ao quadro fazer a correção.

Na área de Estudo do Meio, e visto que estávamos a falar de tartarugas, questionei os alunos sobre as classes de animais que conheciam e as quais as suas características. Introduzi a classe dos répteis e, com a ajuda do PowerPoint, mostrei imagens de outros répteis, da forma como vivem, se alimentam e se reproduzem.

### **Inferências**

Para haver ligação entre as áreas curriculares de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio recorri à interdisciplinaridade entre as áreas. A interdisciplinaridade é aconselhável, pois, segundo Piaget, ela “é objecto de significativas flutuações: a simples cooperação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum” (citado em Pombo et al., 1994, p.10).

### **1/4/2011**

A Professora começou a distribuir as propostas de trabalho de Matemática e de Língua Portuguesa para alguns alunos concluírem. Quanto às restantes propostas que já estavam corrigidas, pediu às estagiárias para que as arrumassem nos dossiês.

**4/4/2011**

Neste dia, e em acordo com a Professora, dei aula durante a manhã.

Comecei por pedir aos alunos para relatarem o fim-de-semana pois ainda faltava chegar muitos alunos. Depois de estes chegarem, iniciei pela área de Língua Portuguesa. Distribuí um texto lacunar “A casa dos bichos”, de Luísa Ducla Soares. Nele, os alunos tinham que preencher os espaços em branco com os animais que faltavam de forma a rimar com a última palavra do verso anterior. Depois de fazerem a leitura do texto, questionei os alunos sobre os animais que estavam presentes e a que classes pertenciam. Com a turma dividida em três filas, cada uma fazia o som dos animais e individualmente o som do animal que mais gostavam. De seguida fiz a revisão do plural das palavras (pinguim, cão, jardim), e o feminino e masculino dos animais.

Na área de Estudo do Meio, distribuí uma ficha informativa e relembrei as características externas das classes de animais que os alunos já conheciam (mamíferos, répteis, aves e peixes). Apresentei a classe dos anfíbios. Depois elaborei uma tabela em PowerPoint, que também foi entregue, em folha impressa, aos alunos, com as características e as cinco classes de animais. Pedi-lhes que preenchessem individualmente, com uma cruz, na folha entregue. Depois, no computador, também preencheram e fizeram a correção.

Na área da Matemática, e porque o tema era abrangente nas metodologias a utilizar em sala de aula, simulei uma situação do quotidiano. Os alunos tinham uma bancada com frutas e brinquedos para vender e comprar com a moeda do Euro. Expliquei qual era a moeda e como os alunos não sabiam realizar operações com empréstimo, os preços estavam facilitados em relação ao troco.

### **Inferências**

O brincar caracteriza o conceito de lazer baseado em fatores relativos a experiências, atitudes, valores, predisposições físicas e psicológicas, emocionais e de grupo, ao meio ambiente e à valorização das experiências de lazer. Segundo Onofre, “o objectivo da formação da criança visa colmatar a oferta e ir de encontro [sic] aos centros de interesse das crianças de forma a favorecer a sua auto-estima” (Onofre, 1997, p. 13).

Pretende-se assim dotar as crianças duma disponibilidade mental para que possam desenvolver competências físicas, pessoais, relacionais, cognitivas, estéticas e técnicas, para que sejam, sozinhas ou em grupo, capazes de inventar e de transformar aquilo que as rodeia, com sentido crítico e positivo.

### **5/4/2011**

A professora começou por pedir aos alunos para lerem o texto “Uma visita ao jardim zoológico”, do manual escolar. Fez perguntas de interpretação e depois pediu para sublinharem algumas palavras, pois de seguida iriam fazer um exercício ortográfico.

Depois do recreio, pediu aos alunos para fecharem o livro e escreverem as palavras que tinha pedido anteriormente para sublinhar. Pediu a um aluno para distribuir a ficha de matemática que alguns alunos não tinham terminado no dia anterior e fez a sua correção no quadro.

### **8/4/2011**

Neste dia, a pedido da Professora, repeti a aula de Matemática que tinha dado no dia 28 de março. Reformulei a proposta de trabalho de Matemática e elaborei com os alunos o pictograma.

Como no Jardim-Escola houve aulas surpresa nas salas onde estavam estagiárias do 1º ciclo, todas as estagiárias foram convidadas a ir assistir a uma reunião a comentar as referidas aulas (isto apesar de, no meu caso, não ter assistido a nenhuma, já que estava eu própria a dar uma aula).

Depois da reunião, voltei para a sala do 1.º Ano. Os alunos estavam a ter aula de música com o Professor Paulo Viana. O Professor estava a desenhar no quadro a música para os alunos adivinharem qual era e depois cantarem.



## **11/4/2011**

Nesta semana, de roulement, só estava no Jardim-Escola uma Professora de cada ano de escolaridade, por isso as estagiárias do 1.º Ano ficaram na sala da Professora Ana Paula do 1.º Ano A.

Os alunos entraram para a sala e a Professora distribuiu desenhos para os alunos pintarem. Depois, a Professora Inês, que apoia os alunos com dificuldades, entrou na sala e levou cinco crianças para outra sala a fim de as ajudar com os trabalhos em atraso. A Professora pediu às estagiárias para também ajudarem os alunos com os trabalhos em atraso. Às 11:00h as crianças foram para o recreio e voltaram para o refeitório às 12:30h para almoçar.

## **12/4/2011**

Neste dia, as estagiárias que estavam nas salas do 1.º Ano (A e B) combinaram com as estagiárias do 4.º Ano B e realizaram com os alunos uma receita de biscoitos.

Juntaram-se todos na cantina e as estagiárias distribuíram uma receita de biscoitos. À medida que um aluno ia lendo a receita, outros alunos juntavam os ingredientes dentro dos recipientes. Depois de estarem todos os ingredientes misturados, a massa foi dividida por todos, de maneira a moldarem e fazerem formas diferentes para colocarem no forno.

## **Inferências**

O facto de os alunos do 1.º e do 4.º Ano estarem todos juntos a colaborar na confeção de uma receita de biscoitos faz com que exista uma aprendizagem cooperativa: todos os alunos trabalham para um fim. Convém recordar que "Na aprendizagem cooperativa todos os elementos do grupo devem ter tarefas destinadas e serem responsáveis por elas" (Freitas & Freitas, 2002, p.26).

A estrutura da tarefa da aprendizagem cooperativa exige que os alunos, organizados em pequenos grupos, trabalhem juntos em tarefas que lhes são

propostas. Segundo Sanches, "trabalhar em grupo, cooperativamente, significa interdependência positiva relativamente a objetivos comuns significa sentido de responsabilidade e de posse de conhecimentos que se adquirem através da cooperação" (Sanches, 1994, pp. 42-43).

Posto isto, a aprendizagem mostra que aprender não é apenas e somente um ato isolado mas pode ser feita em cooperação com outros alunos.

#### **1.4. 4.º MOMENTO DE ESTÁGIO (ESTÁGIO INTENSIVO)**

O Estágio Intensivo foi realizado entre 28 de fevereiro de 2011 e 4 de março de 2011. Foi efetuado no Jardim-Escola João de Deus de Torres Vedras, na sala do 2.º Ano (Bibe Verde), com a Professora cooperante Ana Carla Jordão.

##### **1.4.1. Caracterização da turma**

Segundo informações dadas pela Professora Cooperante, a turma do 2.º ano é constituída por vinte e seis alunos; doze elementos do sexo feminino e catorze elementos do sexo masculino.

Em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o nível médio e médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta o curso superior e exerce-o na profissão. Vinte e cinco alunos residem próximo da escola e um aluno vive longe da mesma. Dez alunos deslocam-se a pé e dezasseis utilizam transportes próprios.

Em termos culturais é uma turma interessada no ambiente que a rodeia, mostrando-se participativa e empenhada no decorrer das aulas.

Na área da Matemática, revelam um bom aproveitamento, sendo que seis alunos têm um excelente aproveitamento ao nível do raciocínio e cálculo mental. Na área da Língua Portuguesa, todos leem e interpretam sem dificuldade, fazendo entoação. Existem dois alunos com algumas dificuldades: um ao nível da leitura e da escrita e outro ao nível da compreensão e concretização das tarefas. Na área do Estudo do Meio revelam bastantes conhecimentos quer de senso comum quer nas suas aprendizagens, no entanto quatro alunos revelam poucas vivências o que se reflete na concretização das suas tarefas.

Os alunos são assíduos, pontuais e interessados no ambiente que os rodeia, mostrando-se participativos e empenhados no decorrer das aulas. É uma turma homogénea, tendo um aproveitamento razoável, sendo que, por vezes, alguns elementos têm uma postura desadequada principalmente fora da sala de aula.

##### **1.4.2. Espaço e horário**



Figura 5 – *Aspetto da sala do 2.º Ano do Jardim-Escola João de Deus – Torres Vedras*

A sala do 2.º Ano está situada no 1º andar. Tem vinte e seis mesas individuais. Tem um quadro para uso de giz ao meio da parede e à volta da sala tem quadros onde a Professora expõe os trabalhos e alguns materiais. A sala tem uma parede com janelas e uma porta viradas para a entrada de um espaço de recreio, onde os alunos dos Bibes Castanho, Amarelo e Encarnado por vezes se encontram.

Quadro 4 – *Horário do 2.º Ano do Jardim-Escola João de Deus – Torres Vedras*

2º Ano	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
09:00	Relato de Fim de Semana	Jogos de Matemática	Adivinhas	Anedotas	Histórias
09.15	Língua Portuguesa	Materiais	Língua Portuguesa	Estudo do Meio	Língua Portuguesa
10:45	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Hora do conto/Informática	Matemática
13:00	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13:30	Ativ. Ao ar livre	Ativ. Ao ar livre	Ativ. Ao ar livre	Ativ. Ao ar livre	Ativ. Ao ar livre
14:30	Ed. Física	Trab. Manuais	Estudo do Meio	Inglês	Estudo do Meio/Experiencias
15:30	Estudo do Meio	Área de Projeto	T. Pesquisa	Trabalhos Manuais	Educação Musical
17:00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

### 1.4.3. Relatos diários

**28/2/2011**

Neste dia, três alunos, em conjunto com as mães, iam dar uma aula sobre o aparecimento do cinema. As crianças começaram por cantar uma pequena canção enquanto as mães filmavam e mostravam luzes. No final, os alunos disseram os nomes das várias pessoas que estavam atrás das câmaras. Enquanto as mães e os alunos arrumavam o material, a Professora aproveitou para lembrar que no dia 4 de março (6ª feira) ia haver o curso escolar de carnaval.

Quando as mães saíram da sala, a Professora perguntou aos alunos se tinham alguma coisa para contar do fim-de-semana. Após alguns alunos terem contado algumas das aventuras do fim-de-semana, a Professora pediu para lerem o texto “O ribeiro de águas transparentes”. Fez depois, oralmente, perguntas sobre o texto, aproveitando para falar na poluição.

Depois do recreio, os alunos fizeram um exercício caligráfico do texto, enquanto a Professora escrevia no quadro as perguntas que tinha feito oralmente sobre o texto, acrescentando ainda alguns exercícios gramaticais para os alunos passarem para a folha.

Depois do almoço os alunos foram para a aula de ginástica enquanto eu fiquei na sala com a Professora a fazer a montagem das fotografias das várias aulas para fixar na parede

### **Inferências**

A colaboração dos pais na vida escolar dos filhos é muito importante, pois quando trabalham em conjunto com a escola estabelecem e mantêm contextos de aprendizagem ativa com as crianças e os efeitos são inúmeros: “Ao colaborarem, os elementos obtêm reconhecimento, um sentido de trabalho bem-sucedido e um sentimento de pertença a um grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante” (Hohmann & Weikart, 1997, p.131).

**1/3/2011**

A Professora colocou no quadro papel de cenário para os alunos preencherem sobre as características dos répteis, uma vez que já tinham feito o mesmo a propósito dos mamíferos, dos peixes e das aves.

Após o recreio, a Professora pediu a dois alunos para irem buscar os 3º e 4º Dons de Fröebel. Contou uma pequena história e foi pedindo para realizarem duas construções (o templo da cruz baixa e a camioneta), ao mesmo tempo que ia fazendo e pedindo aos alunos algumas situações problemáticas.

Após o almoço, o Jardim-Escola recebeu a visita de um grupo de reformados de Torres Vedras e os alunos, desde o Bibe Amarelo até ao alunos do 4.º ano juntaram-se para recebê-los com o Hino Nacional, o Hino João de Deus e o Hino do Jardim-Escola de Torres Vedras.

Depois, seguiram para o ginásio para ouvirem o que o grupo de reformados lhes tinha preparado e, no final, alguns alunos de várias turmas disseram algumas lengalengas e trava-línguas.

### **Inferências**

A participação de pessoas idosas é especialmente interessante quando está relacionado com a comunidade. Neste dia estiveram presentes no Jardim-Escola a fim de cantarem para os alunos.

A presença das pessoas idosas nos estabelecimentos de ensino, principalmente nos do 1.º Ciclo do Ensino Básico é um dos meios para alcançar a qualidade de vida. As pessoas idosas mantêm-se em atividade. Segundo Moreira, “os idosos que optam por actividades que lhes dêem prazer, que lhes tragam bem-estar, sem dúvida possuem uma fonte interessante de aumento da sua qualidade de vida”. (Moreira, 2000, p. 53).

**2/3/2011**

A Professora entrou na sala e começou a conversar com os alunos sobre uma peça de teatro que ia haver num espaço cultural em Torres Vedras, escrita pela autora torreense Ana Meireles. A convite do Encarregado de Educação de uma aluna do Bibe Castanho convidou alguns alunos do Jardim-Escola para participar.

De seguida, pediu para lerem o texto “A árvore”, do manual escolar de Língua Portuguesa, pois ia fazer um ditado mudo. Escreveu no quadro perguntas de interpretação e gramática sobre o texto. Depois do recreio, pediu aos alunos para fazerem a correção dos exercícios no quadro.

A seguir ao almoço, os alunos tiveram aula de Expressão Plástica. Como estávamos na época do carnaval, os alunos ilustraram um palhaço com restos de tecido.

A seguir, na aula de Inglês, a Professora fixou no quadro imagens de alguns animais e ensinou o nome destes em inglês. Depois cantaram uma canção com os nomes dos animais referidos anteriormente.

### **Inferências**

A aprendizagem do inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico é essencial para a construção de uma consciência plurilingue e pluricultural, bem como um elemento fundamental de cidadania, enquanto desenvolvimento precoce de competências. A aprendizagem de uma língua estrangeira constitui-se, segundo García et al., numa “educação para uma cidadania mais responsável e participada”. (García et al 2002,p.302).

A oferta do ensino de inglês no 1º Ciclo do Ensino Básico assume também o objetivo de promoção de igualdade de oportunidades perante o sistema educativo. Trata-se de uma oferta educativa extracurricular que permite desenvolver competências e fomentar o interesse pela aprendizagem de um outro idioma ao longo da vida.

### **3/3/2011**

Os alunos que não tinham acabado o exercício, começaram por finalizar as situações problemáticas de Matemática com o 3º e 4º Dons de Fröebel. Depois do recreio, metade da turma foi para a aula de informática, enquanto os outros alunos ficaram na sala a colar desenhos de coelhos em cartão para enfeitar uma árvore que os alunos têm na sala. Passados trinta minutos, a metade da turma que tinha ido para a aula de informática chegou à sala para trocar com os outros colegas que haviam ficado na sala.

Depois do almoço, tiveram aula de Inglês. A Professora contou uma história sobre alguns animais que os alunos já sabiam e depois estes tinham que repetir. Na aula de Trabalhos Manuais, a Professora desta área fez com os alunos cartões com um poema sobre o mês de março e com desenhos feitos pelas crianças, para colocarem na árvore que está na sala.

### **Inferências**

As aulas de informática no 1.º Ciclo são importantes porque levam os alunos a utilizar as tecnologias de informação e comunicação e a construir hábitos de trabalho e de estudo que os acompanharão ao longo de toda a vida. Sedimenta-se, desta forma, o conhecimento tecnológico, imprescindível na vida futura académica do aluno. Os alunos que frequentam as aulas de informática mostram ter maiores capacidades motoras e rapidez de pensamento lógico-matemático, maior criatividade e motivação. Segundo Fisher,

A criança tem o computador como grande aliado no processo de construção do conhecimento porque quando digitam as suas ideias, ou o que lhes é ditado, não sofrem frente aos erros que cometem. Como o programa destaca as palavras erradas, elas podem autocorrigir-se continuamente, aprendendo a controlar suas impulsividades e vibrando em cada palavra digitada sem erro.

Neste contexto podemos perceber que errar não é um problema, que não acarreta a vergonha nem a punição, pelo contrário, serve para reflectir e para encontrar a direcção lógica da solução (Fisher, 2000, p. 39).

Estas aulas permitem criar um desenvolvimento de autonomia no aluno.



**4/3/2011**

Quando cheguei ao Jardim-Escola, estavam todos os alunos no ginásio mascarados de papagaios para irem desfilarem no curso de carnaval, cujo tema era a selva.

Chegadas as 10:00h, os alunos dirigiram-se para a Avenida Henriques Nogueira com as Educadoras, Professoras e estagiárias para começarem a desfilarem conjuntamente com todas as escolas dos vários agrupamentos do concelho de Torres Vedras.

Depois de termos dado duas voltas à Avenida, fomos para o Jardim-Escola almoçar, pois à tarde os alunos iam ter um baile de máscaras.

### **Inferências**

O carnaval expressa-se de uma forma própria em cada região. Ele é tão diversificado quanto a variedade das suas tradições. Segundo Aguera, “As festas e celebrações constituem actos extra, nas quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande utilidade para promover e socialização, a auto-estima a colaboração e a integração das crianças” (Aguera, 2008, p. 58).

Em todos os lugares, podemos viver momentos encantados, muitas vezes perdidos na ingenuidade da infância.

## **1.5. 5.º MOMENTO DE ESTÁGIO (2.º ANO B)**

Este Momento de Estágio foi realizado entre 2 de maio de 2011 e 8 de julho de 2011. Foi efetuado no Jardim-Escola João de Deus da Estrela, na sala do 2.º Ano (Bibe Verde), turma B, com a Professora Cooperante Vera Sena.

### **1.5.1. Caracterização da turma**

De acordo com dados fornecidos pela Professora Cooperante, a turma do 2.º Ano B é constituída por vinte e cinco alunos, sendo treze do sexo masculino e doze do sexo feminino. Uma das alunas já tem oito anos, entrou uma criança nova que não tinha frequentado nenhum Jardim-Escola em anos anteriores e dois alunos faltam bastantes vezes à escola.

Em termos socioeconómicos, a turma caracteriza-se entre o nível médio e o nível médio alto, tendo em conta que a maioria das famílias apresenta curso superior e exerce-o na sua profissão.

Em termos culturais é uma turma interessada pelo ambiente que a rodeia. São faladores, ainda que trabalhadores. Em termos gerais é uma turma homogénea, realizando as tarefas escolares que lhe são pedidas. Neste momento, dois alunos continuam a usufruir do apoio individualizado como no ano anterior.

A partir dos testes diagnósticos foi possível tirar as seguintes conclusões: na área da Matemática, a turma apresentou maiores dificuldades na leitura de números por ordens e classes, na resolução de situações problemáticas e na realização do algoritmo da subtração com empréstimo, na multiplicação e na divisão. Alguns apresentaram dificuldades na numeração romana e nas unidades de tempo. Na área da Língua Portuguesa, a turma ainda comete muitos erros ortográficos e apresenta dificuldades na produção de textos escritos.

O fato de ser uma turma homogénea, a nível de rendimentos e aproveitamento escolar, faz com que a maior parte das vezes as tarefas propostas para o dia sejam executadas, pela maioria dos alunos.

### 1.5.2. Espaço e horário



Figura 6 – *Aspetto da sala do 2.º Ano B*

A sala do 2.º Ano B está situada no 1º andar. Tem dez mesas duplas e cinco mesas individuais dispostas em filas de quatro. Tem um quadro para usar giz, e nas paredes laterais dois painéis onde a Professora expõe os trabalhos das aulas e alguns desenhos que os alunos trazem de casa. No fundo da sala, atrás da secretária da Professora, há um móvel com os dossiês dos alunos e livros. A sala tem numa parede duas grandes janelas viradas para o recreio do Pré-Escolar.

Quadro 5 – *Horário do 2.º Ano B*

3º Ano	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9:00-9:50 10:00-10:50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:00-11:30	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
11:30-12:10 12:10-13:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13:00-14:30	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio	Almoço e Recreio

### 1.5.3. Relatos diários

**2/5/2011**

A Professora começou por perguntar individualmente como tinha corrido o fim-de-semana. Depois, distribuiu uma ficha de Matemática para os alunos acabarem o que já tinham começado no dia anterior, enquanto esperava por alguns alunos porque ia dar matéria nova.

Fez perguntas de cálculo mental (“7×9”; “se tivesse duas dúzias de laranjas e perder duas, com quantas fico?”; “quanto são duas centenas e meia?” “e menos meia centena?”). Quando os alunos chegaram, a Professora começou a explicar a divisão por dois algarismos no divisor e depois fizeram uma ficha para treinar. À medida que iam realizando a ficha, a Professora pedia a um aluno para ir fazer a correção ao quadro.

Após o recreio, a Professora pediu para os alunos lerem um texto (“A princesa das Tranças Longas”, de Maria Rosa Colaço) inserido no manual escolar de Língua Portuguesa, *Desabrochar*. Depois de terem lido o texto em voz alta, um aluno pediu para fazerem um jogo que a Professora costuma fazer. A Professora leu o texto substituindo algumas palavras e quando os alunos as detetassem tinham que bater as palmas e dizer a palavra que estava escrita no texto.

### Inferências

Maria Rosa Colaço, cujo texto foi abordado em sala de aula, pertence a um conjunto de autores que, tais como Aquilino Ribeiro, Alves Redol, Matilde Rosa Araújo, Sidónio Muralha, entre outros, está entre o conjunto de autores “a que não são estranhas uma tardia influência neo-realista (no plano literário)” (Gomes, 1997, p. 35).

Maria Rosa Colaço era uma autora fascinada pelo imaginário infantil, mas sempre sensível às múltiplas agressões de que é vítima a criança numa sociedade que não a respeita. Segundo Gomes, esta autora saberia “como ninguém dar voz aos sonhos dessa infância em narrativas de intensa poeticidade” (Gomes, 1997, p.36).

Esta autora deve ser trabalhada no 1.º Ciclo dada a importância das suas obras.

### **3/5/2011**

A Professora entrou na sala e, enquanto esperava que mais alunos chegassem, começou a fazer questões oralmente sobre a tabuada e conjugação de verbos.

Depois de mais alunos terem chegado, distribuiu uma ficha de Matemática com duas divisões e a respetiva prova dos nove para treinarem a operação.

Após o recreio, pediu a dois alunos para fazerem a correção numa parte do quadro, enquanto, na outra parte, escrevia frases desordenadas para os alunos ordenarem do outro lado.

### **Inferências**

O estudo da aprendizagem das operações estabelece uma relação entre uma operação concreta ou imaginada e uma tradução por uma linguagem específica: a da Matemática.

A tabuada é dos casos que todo o aluno deve conhecer, sob pena de ficar absolutamente paralisado perante a operação mais simples. Exercitar a tabuada é imprescindível, pois, "o importante é pôr em evidência a estrutura da nossa numeração decimal e ensinar o aluno a aplicar os resultados obtidos em situações análogas" (Mialaret, 1975, p. 75).

A tabuada deve ser repetida um grande número de vezes, de uma maneira "leve" para que as crianças adquiram o mais completo automatismo.

**9/5/2011**

A Professora entrou na sala e perguntou individualmente como tinha corrido o fim-de-semana. Depois pediu a um aluno para dizer um verbo da 1ª conjugação e conjugá-lo no presente do indicativo e a outro aluno para conjugar o mesmo verbo no pretérito perfeito.

De seguida disse uma frase (“O João dormia”) e pediu a um aluno para acrescentar um grupo móvel no início e, depois, colocá-lo no meio e no fim da frase.

Mandou abrir o manual escolar e ler o texto “Pedro”, de Maria Rosa Colaço, silenciosamente. Depois de os alunos o terem lido, foi a vez de a Professora o fazer em voz alta e pediu aos alunos para o fazerem também.

Distribuiu folhas para os alunos fazerem um exercício ortográfico do texto. Depois do recreio, a Professora explicou que a correção do exercício ia ser feita pelos alunos. A seguir ao exercício, iam fazer a cópia e depois comparavam e assinalavam os erros no próprio exercício.

### **Inferências**

Neste dia, além de a Professora iniciar a manhã com perguntas de cálculo mental, começou por questionar os alunos sobre gramática. Pedir às crianças que conjuguem os verbos e digam a conjugação que está presente, corresponde ao defendido no Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo: “Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ser, estar, ter)” (Ministério da Educação, 2004, p. 159).

Quando a Professora pede aos alunos que, perante uma frase, analisem os seus constituintes e os alterem, isso corresponde igualmente ao que está estabelecido no Programa, no Bloco de Funcionamento da Língua – Análise e Reflexão, “Explorar diferenças semânticas e estéticas resultantes da mobilidade de elementos da frase. (Ministério da Educação, 2004, p.159).

**13/5/2011**

A Professora começou por colocar várias perguntas de cálculo mental a um aluno: “o dobro de  $5 \times 2$ ”; “uma centena e meia menos dois”; “contar de dois em dois até vinte por ordem crescente e decrescente”; “contar de três em três até trinta por ordem crescente e decrescente”.

Depois, os alunos escreveram o sumário e a Professora distribuiu uma folha para fazer um ditado de palavras (“escola, raiz, exercícios, pretérito, comum e feminino”). Trocaram a folha com o colega de carteira e fizeram a correção.

No verso da folha tinham dois exercícios: no primeiro, tinham que identificar o grupo nominal, grupo verbal e grupo móvel e sublinhar na frase com a cor correspondente; no segundo exercício, tinham que alterar os grupos móveis para o início, meio e fim da frase.

Quando voltaram do recreio, fizeram um ditado de lateralização (chaleira) e no verso da folha passaram um exercício do quadro para completarem as igualdades com os sinais de menos e/ou mais.

### **Inferências**

Refletindo sobre os ditados de lateralização, convém lembrar que eles são determinantes para o movimento, especificamente para a definição da lateralidade. É através do movimento que a criança integra os dados sensitivo-sensoriais que lhe permite adquirir a noção do seu corpo e a determinação de sua lateralidade. O desenvolvimento psicomotor da criança gira em torno de componentes fundamentais ao seu desenvolvimento como: esquema corporal, equilíbrio, coordenação, estruturação espacial, temporal e lateralidade. Assim, “A lateralidade gráfica implica uma actividade altamente simbólica que requer uma organização perceptiva motora específica e complexa. A lateralidade é expressa em actividades de manipulação e heterogéneas” (Condemarin & Chadwick, 1987, p. 29).

É preciso que a criança conheça e compreenda o seu corpo para controlar melhor os seus movimentos. Nessa consciencialização do seu próprio corpo em diferentes posições, o domínio corporal é o primeiro elemento do comportamento, é

através do movimento dinâmico que se consegue o controlo do corpo e a perceção especial.

## **16/5/2011**

A minha colega de estágio deu aula conforme combinado com a Professora. Começou por relembrar as regras da sala e colocou uma adivinha: “Qual é a coisa, qual é ela, que anda com os pés em cima da cabeça?”. Os alunos deram várias respostas entre elas, o piolho e pulga. A Susana perguntou a que classe pertencia a pulga e piolho e a partir daí começaram a falar dos insetos. Distribuiu uma ficha informativa com as características dos animais, que pediu para os alunos lerem em voz alta, e explicou algumas palavras que os alunos não conheciam.

Depois, distribuiu uma ficha para os alunos pintarem os animais que pertenciam à classe dos insetos, enquanto circulava pela sala e mostrava os insetos aos alunos.

Após terem terminado as fichas e visto os insetos, A Susana pediu a um aluno para recolher as fichas e para, com a ajuda de um colega, distribuir as caixas do 5º Dom de Fröebel.

Quando os alunos chegaram do recreio, a Susana começou a fazer a construção do poço enquanto lhes dizia que no fim-de-semana tinha estado na quinta dos avós e reparou que ao pé do poço estava uma nuvem de mosquitos. A partir desta história inventada, ia colocando perguntas de cálculo mental (“ao pé do poço estava um carreiro com quarenta formigas e juntaram-se sessenta, quantas ficaram?”; “qual é o dobro de cem?”; “ao pé do poço tinha uma colmeia com mil e duzentas abelhas e de repente voaram para seis buracos, quantas ficaram em cada buraco?”).

Depois de terem feito a construção, explicou como é que se arrumava a caixa do 5º Dom e distribuiu um texto de António Torrado, “O mosquito ignorante”, e leu-o em voz alta. Perguntou se os alunos não tinham percebido alguma palavra do texto e explicou as dúvidas. Depois perguntou qual era o título e o autor do texto; pediu um nome comum; um verbo da 1ª conjugação e um adjetivo do texto. Colocou uma frase no quadro, “O mosquito era ignorante”, e pediu a dois alunos para identificarem o grupo nominal e o grupo verbal, explicando que o grupo nominal é composto pelo



sujeito e o grupo verbal pelo predicado. Distribuiu ainda um envelope por cada dois alunos, com palavras móveis, para os alunos ordenarem e identificarem o sujeito e o predicado.

### **Inferências**

O 5º dom de Fröebel é um material matemático inventado por Friedrich Wilhelm August Fröebel. A caixa de madeira do 5º Dom de Fröebel é constituída por vinte e um cubos inteiros, três cubos partidos em dois meios e outros três cubos partidos em quatro quartos.

Através do manuseamento dos Dons, a criança está em relação concreta com o mundo e realiza livremente algumas coligações com a natureza. Com os Dons, Fröebel permitiu às crianças a passagem do conhecimento concreto para o abstrato. Segundo Rodríguez, “A educação não é senão a via ou meio que conduz o homem, ser inteligente, racional e consciente, a exercitar, desenvolver e manifestar os elementos de vida que possui em si mesmo” (citado em Caldeira, 2010, p. 238). A construção, ao ser feita a partir das vivências das crianças, torna a aprendizagem mais eficaz, pois a criança precisa de ter a mente ativa e livre para abrir as portas do conhecimento.

### **17/5/2011**

A Professora começou a aula lendo em voz alta o livro *As cozinheiras de livros*, de Margarida Botelho, e pediu para os alunos seguirem a leitura. Depois pediu-lhes para abrirem o manual de Língua Portuguesa e lerem, em silêncio, o texto “O Espanta-Pardais”, de Maria Rosa Colaço. Fez perguntas de interpretação: “quem é a personagem principal?”; “quem é a autora do texto?”; “o que é um espanta-pardais?”; “o que é um espantalho?”; “quem fazia troça do espanta-pardais?”; “qual era o grande desejo do espanta-pardais?”.

Após terem escrito o sumário, os alunos começaram a fazer o exercício caligráfico do texto.

Após o recreio, acabaram o exercício caligráfico e fizeram uma ilustração. A Professora pediu aos “chefes de material” para recolherem as folhas de Língua Portuguesa e distribuírem as folhas de Matemática, enquanto escreveu no quadro uma multiplicação e deu nome às parcelas (multiplicando, multiplicador e produto). Fizeram a prova dos nove, a prova pela mesma operação e a prova pela operação inversa.

### **Inferências**

A hora do conto é um dos momentos privilegiados do dia, pois tem como objetivo formar o gosto pela leitura, divertir e estimular o desenvolvimento da imaginação, atenção, observação, memória e reflexão. Com esta prática da leitura não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura, mas também a experiência indireta do mundo.

Assim, a “defesa da hora do conto na perspectiva de contador/ leitor visa sensibilizar para a importância desta prática no desenvolvimento das competências da leitura” (Gomes, 2000, p. 38). Além do poder, da magia e da atração que o contador exerce sobre os ouvintes, também é incentivada a afetividade, estimulando a criatividade, criando hábitos, despertando emoções e valorizando sentimentos.

### **20/5/2011**

Neste dia, conforme combinado previamente com a Professora, dei aula durante a manhã. Os temas propostos eram: na área da Língua Portuguesa o complemento direto, na área da Matemática Calculadores Multibásicos, na área do Estudo do Meio os répteis.

Iniciei a aula de Língua Portuguesa com a leitura em voz alta de um texto de António Torrado, “A maratona dos batoteiros”<sup>3</sup>. Pedi aos alunos para lerem o texto em voz alta. Realizei algumas perguntas de interpretação sobre o texto a fim de observar se os alunos entenderam o texto.

---

<sup>3</sup> In António Torrado. *Trinta por uma Linha*. Porto: Civilização, 2008.

Fixei no quadro uma frase (“A tartaruga fez uma corrida à tarde”), com palavras móveis, e pedi a um aluno para classificar sintaticamente a frase (sujeito, predicado e grupo móvel). Depois, pedi a outro aluno para alterar o grupo móvel. Expliquei que dentro do predicado ainda podemos classificar outra palavra (“corrida”) dando-lhe o nome de complemento direto.

Na área da Matemática, distribuí duas caixas de Calculadores Multibásicos por cada dois alunos. Pedi para abrirem as caixas, unirem as placas pelas extremidades e ditei um número para os alunos colocarem nas placas. De seguida, com o número, pedi individualmente para fazerem a leitura por cores, ordens e classes e depois de limparem as placas com os dados que os alunos disseram, fizeram uma adição com transporte e realizaram a leitura desse número.

Na área de Estudo do Meio, mostrei um PowerPoint com imagens de répteis e falei no habitat, alimentação, deslocação e reprodução. Dividi a turma por sexos e, também em PowerPoint, realizei um jogo para aferir os conhecimentos dos alunos.

### **Inferências**

Os Calculadores Multibásicos são um material matemático que é constituído por um conjunto de três placas de plástico, com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze peças verdes, treze peças encarnadas, dez peças azuis, duas peças cor-de-rosa e duas peças de cor lilás. Encaixam umas nas outras e nos orifícios, formando “torres”. Este material permite às crianças representar quantidades, efetuar cálculos e realizar leitura de números, começando por colocar as unidades no orifício mais à direita da placa.

Para facilitar a contagem das peças é comum agrupá-las. Ao estabelecer o número de peças que devem constituir cada agrupamento estamos a definir uma base. Segundo Palhares, a “Base dum sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior” (Palhares, 2004, p.171).

Os Calculadores Multibásicos ajudam as crianças a construir conceitos matemáticos, a partir dos conhecimentos que já possuem, através das vivências do

seu dia-a-dia e de experiências significativas que as conduzem a colocar hipóteses, a refletir e a tirar conclusões.

## **24/5/2011**

A Professora entrou na sala e, enquanto esperava que mais alunos chegassem, começou a fazer individualmente perguntas de cálculo mental. Depois dividiu o quadro ao meio e escreveu, de um lado do quadro, uma multiplicação e, do outro lado, uma divisão. Pediu a dois alunos para resolverem as operações e fazerem a prova real pela mesma operação e pela operação inversa. Distribuiu uma proposta de trabalho com as operações de multiplicação e de divisão para exercitarem o cálculo.

Depois do recreio, a Professora Ana Maria pediu para as Professoras do 1.º Ciclo irem ao salão, e a Professora Vera Sena pediu às estagiárias para ajudarem os alunos a resolver a proposta de trabalho. A Professora Vera quando chegou fez a correção no quadro.

## **Inferências**

Ao pedir aos alunos para realizarem as provas, a Professora pretendia que estes se conseguissem aperceber que, quando estão a realizar os algoritmos da divisão e multiplicação, uma das formas para verificar se o resultado está correto é recorrer às provas. Como esclarecem Grosso e Ruas, "Para confirmar o resultado de um cálculo, é costume efectuar-se um outro cálculo, chamado *prova*, pela mesma operação ou pela operação inversa e, com base nas propriedades das operações, fazer a confirmação que se pretendia" (Grosso & Ruas, 2002, p. 121). Este é um conteúdo que deverá ser abordado no 2.º Ano, segundo o Programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

**27/5/2011**

Neste dia houve aulas assistidas no Jardim-Escola pelas Orientadoras de Estágio. A minha colega Joana G. deu aula no 3.º Ano B; os temas foram: as fases da lua; gráfico de barras; verbos regulares do modo conjuntivo.

A Joana começou a aula com Estudo do Meio. Mostrou uma maquete com o Sol, planeta Terra e a Lua e lembrou os movimentos da Terra e da Lua. Depois, num cartaz (com o sol e o planeta Terra desenhados), que estava fixado no quadro, fez a legenda com as quatro fases da Lua.

Na aula de Matemática, apresentou um gráfico de barras e entregou uma ficha aos alunos com um gráfico igual, para que estes pudessem analisá-lo e responder às questões.

Na aula de Língua Portuguesa, colocou uma frase no quadro (“Se pudesse, a Marta faria uma viagem à Lua”) e pediu a um aluno para classificar morfológicamente o verbo “fazer”, o que ele não conseguiu. Assim, a Joana perguntou quais os modos verbais que conheciam e apresentou o modo conjuntivo e as suas terminações. Pediu para um aluno conjugar o verbo oralmente.

Às 11:00h, reunimo-nos na sala do 4.º Ano A com as Orientadoras de Estágio para falar das aulas assistidas.

## **Inferências**

A estatística é contemplada em todos os programas escolares e é um conjunto de técnicas apropriadas para recolher, classificar, apresentar e interpretar conjuntos de dados. A crescente importância da estatística nos nossos dias tem-se repercutido nos currículos escolares.

Segundo o Programa de Matemática do 1.º Ciclo do Ensino Básico (Ministério da Educação, 2004), deve-se solicitar às crianças que façam a leitura e interpretação de um gráfico, respondendo, assim ao propugnado no âmbito da Forma e Espaço (Iniciação à Geometria): “A utilização de setas, diagramas, tabelas, esquemas e gráficos, contribuirão para: Comunicar e registar ideias de forma mais simples e clara; Ler e interpretar informação com maior facilidade” (Ministério da Educação, 2004, p.

170). O registo dos dados recolhidos pode ser apresentado em gráficos e tabelas, sendo o gráfico de barras um desses exemplos.

### **31/5/2011**

Neste dia, a pedido da Professora da turma dei aula durante a manhã, abordando, na área da Língua Portuguesa, as palavras homónimas, na área da Matemática, a noção de área; na área do Estudo do Meio, apresentei uma atividade experimental.

Iniciei a manhã com Língua Portuguesa. Distribuí o texto “Táxi”, de António Torrado<sup>4</sup> e fiz a leitura em voz alta e pedi também para os alunos a fazerem em voz alta.

De seguida pedi a um aluno para classificar a palavra “são” no contexto em que estava inserida, ao que respondeu que era um verbo e depois pedi para classificar a palavra “São” que estava noutra frase e referia-se a um nome próprio. A partir dessas palavras expliquei que as palavras que se escrevem e leem da mesma maneira mas que têm significados diferentes chamamos de palavras homónimas.

De seguida propus aos alunos que tentassem encontrar outras palavras homónimas no texto.

Na área da Matemática, distribuí uma caixa do material Cuisenaire por cada aluno. Relembrei com eles as cores e valores das peças. Depois, expliquei que a peça branca ia representar uma unidade de área, e pedi para colocarem em cima da mesa as peças todas juntas: na base uma peça rosa (quatro unidades), mais uma peça verde clara (três unidades) e uma peça encarnada (duas unidades); ao mesmo tempo, eu colocava também as peças grandes feitas em esferovite no quadro. Fiz o “contorno” das peças e quando retirei as peças, expliquei-lhes que ao dito “contorno” damos o nome de perímetro, e ao espaço limitado pelo perímetro damos o nome de área. Depois, com a peça branca que representa uma unidade os alunos puderam verificar que a área daquela figura era nove unidades de área. Propus-lhes ainda que, com outras peças diferentes, realizassem uma figura com a mesma área e designei-as de áreas equivalentes.

---

<sup>4</sup> In António Torrado. *100 Histórias bem Dispostas*. Porto: ASA, 2005.

Na área de Estudo do Meio, pus os alunos a trabalhar a pares. Realizei uma atividade experimental. Pedi a colaboração a dois alunos, para ajudarem na distribuição dos materiais (balões com bicarbonato dentro, uma garrafa pequena de plástico com 100 ml de vinagre) e do protocolo. Depois de lerem o protocolo em voz alta, para ver se todos tinham o material necessário, leram os procedimentos para realizarem a experiência, passo a passo. Depois de todos terem o material, e ao mesmo tempo, colocaram com a ajuda do colega a “boca” do balão no gargalo da garrafa e quando o bicarbonato se misturou com o vinagre o balão encheu de dióxido de carbono.

### **Inferências**

As atividades práticas são parte integrante de qualquer currículo de ciências, pelas potencialidades que encerram para o desenvolvimento de capacidades dos alunos. Segundo Hodson, “qualquer estratégia de aprendizagem que exija num aluno uma atitude activa em vez de passiva, levando a aprender melhor com a experiência directa, pode ser designada por actividade prática” (citado em Almeida, 1998, p. 43).

Segundo Almeida (1998), as experiências/ atividades práticas são metodologias que têm como finalidade compreender factos e teorias científicas através de experiências concretas; desenvolvem e/ ou ilustram a abordagem científica para resolver problemas; encorajam o desenvolvimento do raciocínio empírico e as capacidades de inquérito; desenvolvem capacidades psicomotoras e promovem a motivação gerando um interesse espontâneo; fornecem alguma ideia acerca do modo como se constrói a ciência; desenvolvem a confiança do aluno em relação às suas capacidades, promovendo satisfação pelo cumprimento das tarefas; estimulam a cooperação, a tomada de decisões e o espírito de liderança.

**3/6/2011**

Neste dia e durante toda a manhã os alunos realizaram a Prova intermédia de Língua Portuguesa.

### **Inferências**

A Prova intermédia constitui uma avaliação intercalar que se enquadra no tipo de avaliação sumativa. Segundo Ribeiro e Ribeiro, "A avaliação somativa [*sic*] procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado" (Ribeiro & Ribeiro, 1989, p. 359).

A avaliação sumativa contempla, assim, um ciclo de avaliação em que foram utilizadas a avaliação diagnóstica e formativa.

**6/6/2011**

A Professora entrou na sala e pediu às estagiárias para dobrarem as provas tipo de Matemática, enquanto os alunos relatavam o fim-de-semana.

Distribui a 1ª parte da prova tipo, que começou a fazer com os alunos, quando tocou o alarme de incêndio no Jardim-Escola e os alunos saíram todos para os locais combinados. Quando os alunos estavam a sair do Jardim-Escola, já estavam nos corredores dois elementos da proteção civil, carros de bombeiros e uma ambulância.

Os alunos, Professores e estagiárias mantiveram-se nos locais até os bombeiros realizarem o procedimento todo. Nesta ação (um simulacro), foi sugerida a participação de uma funcionária deste Jardim-Escola fazendo passar-se por vítima do simulacro.

Os alunos fizeram o recreio e quando voltaram para a sala fizeram a correção no quadro dos testes que tinham iniciado.



## Inferências

Neste dia ao toque do alarme de incêndio do Jardim-Escola, todos os alunos seguiram regularmente o Plano de Emergência.

Quando chegaram ao recreio, estava a Proteção Civil a realizar mais uma prevenção de segurança. Segundo o Ministério da Educação:

Devem efectuar-se, regularmente, testes ao Plano de Emergência de modo a garantir a sua funcionalidade durante um fenómeno de risco, analisando, profundamente, as estruturas de comando e de controlo, a reacção dos intervenientes, a interacção entre estes e a regulamentação a aplicar, assim como, a capacidade de recuperação das funções de gestão de uma Instituição (Ministério da Educação, 1996, p. 35).

## 7/6/2011

A Professora entrou na sala e escreveu no quadro os sumários atrasados, enquanto as estagiárias distribuíram a 2ª parte da prova tipo de Matemática. Os alunos escreverem os sumários começaram a realizar as provas com a ajuda das estagiárias.

Após o recreio, a Professora pediu aos alunos para abrirem o manual de Língua Portuguesa, *Eu e o Bambi*, e fazerem a leitura preparatória do texto “O mealheiro”, do livro *Da rua do contador para a rua do ouvidor*, de António Torrado.

A Professora fez a leitura em voz alta, pediu que os alunos também o fizessem. Fez perguntas de interpretação: “Qual é o título do texto?”; “O que é um mealheiro?”; “Quem é que tem um mealheiro?”; “Quantos parágrafos tem o texto?”; “Quem é o autor do texto?”. De seguida, os alunos pediram para fazer um jogo, que fazem algumas vezes (a Professora lê o texto com palavras diferentes e os alunos têm que bater as palmas cada vez que ouvem essa palavra e dizer a palavra correta). Depois distribuiu folhas para os alunos escreverem o sumário e fazerem um exercício caligráfico do texto e depois escreverem o alfabeto.

## **Inferências**

Os alunos do 2.º Ano estabelecem uma boa relação com a Professora da sala e entre eles, o que faz com que exista um ambiente facilitador da aprendizagem.

Segundo Sprinthall e Sprinthall, "a qualidade da relação interpessoal entre o professor e os alunos tem, de facto, um impacto em muitas facetas da interacção na sala de aula e em relação ao grau de aprendizagem real do mundo" (citado em Vieira, 2000, p. 39). O jogo que é proposto pelos alunos é a prova que existe uma grande cumplicidade, harmonia e bem-estar entre os alunos e a Professora.

## **14/6/2011**

A Professora começou por questionar os alunos individualmente sobre o fim-de-semana. De seguida, realizou oralmente perguntas de cálculo mental, quando apareceu uma Professora da Prática Pedagógica e pediu à Susana I. para fazer uma construção do 5º Dom de Fröebel à sua escolha com situações problemáticas.

A Susana fez a construção da casa e criou situações problemáticas relacionadas com a construção durante trinta minutos. Depois, a Professora saiu da sala e pediu-me para ir assistir a outra aula surpresa, no 3.º Ano, da estagiária Mónica. Pediu à Mónica para fazer leituras de números até à classe dos milhões com o material Calculadores Multibásicos, durante trinta minutos. Quando saímos da sala do 3.º Ano, fomos para uma reunião, para as Professoras darem o feedback das aulas assistidas.

Quando cheguei à sala do 1.º Ano os alunos estavam a fazer a leitura silenciosa de um texto ("O mealheiro", de António Torrado), porque a Professora ia realizar um ditado de palavras. Depois de realizarem o ditado, a Professora escreveu o sumário e os alunos trocaram o exercício com o colega de carteira para realizarem a correção.

## **Inferências**

Quando os alunos trabalham em grupo existe mais probabilidade de aprenderem, do que se estiverem a trabalhar individualmente, por isso, se "deve dar ênfase às relações que se estabelecem entre aluno – aluno isto é entre o grupo de pares" (Salvador, 1997, p. 43).

Em algumas situações, a Professora formou pares em que um dos alunos tinha mais dificuldades, para que pudesse ocorrer uma entreajuda, de forma a estimular o espírito de cooperação e aprendizagem mútua. Desta forma, "cada aluno promove a aprendizagem dos seus companheiros, a analisar conceitos que estão a ser aprendidos, ou ainda ensinar o que sabe aos seus companheiros" (Freitas & Freitas, 2002, p. 44). Com este género de exercício os alunos adquirem responsabilidades e sentem que podem ajudar os colegas respeitando as diferenças.

## **17/6/2011**

Neste dia, houve no Jardim-Escola Prova Prática de Aptidão Profissional do Pré-Escolar e os alunos do 1.º Ciclo foram com os Professores e com as estagiárias para o Jardim da Estrela, para participarem em atividades lúdicas. Os alunos estiveram a praticar várias atividades entre elas, o badmington, saltar à corda, pinturas com tintas, reciclagem, brincar livremente.

## **Inferências**

As atividades lúdicas são sempre importantes, sobretudo quando as crianças podem estar no exterior em contato com a natureza, onde podem brincar livremente e praticar atividades motoras. Segundo Cordeiro, "Brincar não é necessariamente sinónimo de actividade, mas a maioria dos jogos e brincadeiras, envolve a acção dos músculos, articulações e ossos, da visão, audição e percepção dos movimentos, coordenação entre o cérebro e o corpo, ou psicomotricidade" (Cordeiro, 2010, p.334).

**20/6/2011**

Foi dia de Prova Prática de Aptidão Profissional do 1.º Ciclo. Dei aula no 1.º Ano B, às 9:30h. Comecei com a Língua Portuguesa, passei para a Matemática, o Estudo do Meio e, por fim, fiz um Jogo. Todas as áreas estavam relacionadas com o tema “caracol africano”.

Na área da Língua Portuguesa, distribuí um texto de António Torrado, “Os caracóis”<sup>5</sup>. A seguir à minha leitura do texto em voz alta, pedi para os alunos lerem também o texto em voz alta. Fiz perguntas de interpretação sobre o texto. Depois, pus a palavra “caracóis” no quadro e questionei um aluno sobre o número de sílabas e a sua classificação, ao que o aluno me respondeu que eram palavras agudas. Propus aos alunos que, olhando para o texto, encontrassem outras palavras agudas e ia passando pelas carteiras para verificar se os alunos sabiam identificar estas outras palavras agudas, dando-lhes reforço positivo.

Na área da Matemática, e para fazer interdisciplinaridade com a área anterior, questionei os alunos sobre a alimentação dos caracóis e pedi para retirarem debaixo da carteira um envelope com oito caracóis plastificados, designados com as letras do alfabeto, oito folhas plastificadas, numeradas de um a oito, e uma folha A4 verde, plastificada, para colocarem como base para o exercício.

De seguida, e com a ajuda do PowerPoint, onde tinha representado o que os alunos tinham na folha A4 verde e nas oito folhas, os alunos tinham que colocar os caracóis nas folhas respetivas, segundo as minhas orientações (por ex. “O caracol A está entre a 2ª e a 4ª folha).

Na área de Estudo do Meio, e como estávamos a falar de caracóis, questionei os alunos sobre as características externas deste gastrópode. Mostrei no PowerPoint imagens dos caracóis que eles conhecem (comuns) e, noutra imagem, apresentei um caracol com características diferentes – o caracol africano.

Expliquei a que classe pertencem os caracóis, a sua classificação. No final, mostrei, passando pelas carteiras dos alunos, dois caracóis africanos que tinha levado comigo.

---

<sup>5</sup> In António Torrado. *100 Histórias bem Dispostas*. Porto: ASA, 2005.

No jogo, formei três pares (que eram os caracóis); os restantes alunos eram a comida. Os alunos que iam ser os caracóis andavam de mãos dadas e unidos com uma fita castanha e tinham que apanhar os alunos que eram a comida. Quando a apanhassem formavam filas.

## **INFERÊNCIAS**

Durante a minha aula, e principalmente na área de Língua Portuguesa, recorri por diversas vezes a um reforço positivo, dando às crianças a oportunidade de assumir o trabalho realizado por si mesmos. Estes reforços

são as consequências positivas de um comportamento que o promovem e consolidam, aumentam as probabilidades deste se manifestar novamente. O educador não deve partir do pressuposto que a criança tem o dever de se comportar bem e por isso não deve ser recompensada pelo seu bom desempenho. Os comportamentos adequados devem ser reforçados. O esforço é um instrumento fundamental da educação (Canavarro, Pereira & Pascoal, 2001, p. 44).

## **21/6/2011**

A Professora escreveu os sumários que estavam em atraso no quadro, enquanto pediu às estagiárias para distribuir as propostas de trabalho de Matemática.

Antes de irmos para o recreio, a Professora lembrou aos alunos que estava na Jardim-Escola um escritor, António Sala, e que ia ler o primeiro livro dele editado para crianças.

Depois do recreio, os alunos do 1.º Ciclo foram para o museu da Escola Superior de Educação para assistirem à leitura de uma história do livro.

**24/6/2011**

Os alunos do 2.º Ano A e B juntaram-se na sala do 4.º Ano A e estiveram a ver um filme até à hora do recreio, Depois, estiveram a brincar livremente até à hora do almoço, com as estagiárias a supervisionarem, enquanto as Professoras estiveram a realizar as avaliações dos alunos e das estagiárias.

### **Inferências**

Mais importante do que jogar é brincar, sobretudo se for ao ar livre e com possibilidade de correr e saltar. Segundo Cordeiro, “O jogo, especialmente na versão faz-de-conta, oposição e limite, e porventura também com os factores sorte e azar, ajudam a expressar e lidar com os sentimentos” (Cordeiro, 2010, p. 334).

Desta forma, a brincadeira contribui para o processo de socialização das crianças, oferecendo-lhes oportunidades de realizar atividades coletivas livremente, além de ter efeitos positivos para o processo de aprendizagem e estimular o desenvolvimento de habilidades básicas e aquisição de novos conhecimentos.

**27/6/2011**

Neste dia, houve no Jardim-Escola Prova Prática de Aptidão Profissional do Pré-Escolar e os alunos do 1.º Ciclo foram com os Professores visitar uma quinta em Alenquer e realizar várias atividades, enquanto as estagiárias ficaram no Jardim-Escola a assistir às Provas.

Às 9:30h fui assistir à aula da estagiária Soraia, no Bibe Amarelo, cujo tema era a bananeira. A estagiária começou a aula de Estimulação à Leitura com as crianças sentadas no chão, e contou uma história, inventada por ela, de um macaco (“O Tobias”) que não gostava de bananas. Apoiou-se em imagens. Depois mostrou o macaco Tobias feito em esferovite.

Antes da aula de iniciação à Matemática, a estagiária cantou uma música com as crianças, e depois levou-os para se sentarem nas cadeiras. Com os frutos que

tinham à sua frente, iniciou sequências; depois, retirava frutos e perguntava individualmente qual era o fruto que faltava.

Na área do Conhecimento do Mundo, a estagiária questionou as crianças sobre a planta cujo fruto eram as bananas e, depois de mostrar a planta, questionou-as sobre os constituintes da planta. De seguida, fez batido de banana e distribuiu-o pelas crianças.

Para o Jogo, a estagiária elaborou um percurso em que as crianças tinham que transportar bananas de um lado para o outro com um cesto na cabeça.

Às 11:00h fui assistir à aula da estagiária Denise, no Bibe Encarnado, cujo tema era o chocolate branco. A estagiária começou a aula com a área da Iniciação à Matemática. Colocou as crianças sentadas nas cadeiras e na mesa cada aluno tinha três baús com pedras “preciosas” e o material Tangram. À medida que a estagiária contava a história de um pirata que andava de barco à procura do seu tesouro, as crianças construíram o barco nas peças do tangram e, depois, com as pedras fizeram contagens.

Na área da Estimulação à Leitura sentou as crianças no chão. Com as imagens projetadas no PowerPoint, contou a história “Hansel e Gretel”, dos Irmãos Grimm. Mostrou uma casa feita de chocolate para as crianças identificarem as vogais.

Na área de Conhecimento Mundo, a estagiária levou as crianças em comboio para as mesas e fizeram bombons com o chocolate branco e bolacha.

Quanto ao Jogo, a turma foi dividida em duas equipas (chocolate branco e chocolate negro). Tinham que fazer um percurso, apanhar a imagem com a cor do chocolate da equipa e voltar com a imagem. Ganhava quem tivesse mais imagens.

## **Inferências**

Ouvir contar histórias na infância leva à interiorização de um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e soluções, que proporcionam às crianças um enorme enriquecimento pessoal. Ouvir contar contribui para a formação de estruturas mentais que permitirão às crianças compreender melhor e mais rapidamente não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu quotidiano. A

história que foi contada em sala de aula, Hansel e Gretel é um dos contos tradicionais mais conhecidos internacionalmente.

O conto tradicional ou de expressão oral, sobretudo, uma das suas subcategorias – o conto “maravilhoso”, caso de “Hansel e Gretel”, como defendido por Maria Augusta Seabra Diniz, “quer na sua forma oral quer tenha sido fixado pela escrita, além de divertir a criança e de desenvolver a sua imaginação, proporciona-lhe experiências que a vão pôr em contacto com os seus problemas reais” (Diniz, 1993, p. 55).

As histórias tradicionais, que as crianças acolhem com agrado, devem ser abordadas o mais cedo possível, em Jardim de Infância, e continuarem a ser usadas no 1.º Ciclo do Ensino Básico, como, aliás, se insiste no Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo, no Bloco da Comunicação Oral, ao longo dos quatro anos de escolaridade.

**28/6/2011**

Neste dia os alunos do 2.º Ano estiveram na sala, a brincar livremente. Depois do recreio, voltaram para a sala onde a Professora esteve a realizar jogos.

### **Inferências**

O jogo, a partir de uma certa idade, constitui uma atividade séria, ainda que gratuita, uma conduta por vezes fatigante, um comportamento que integra a personalidade total e uma tentativa permanente de conquista e de superação de si próprio. Assim, “o jogo é um auxiliar educativo, podendo recorrer também como um divertimento” (Chateau, 1975, p.6). O jogo não poderá ser um fim em si, mas apenas um dos meios mais eficazes de educar a criança.



## **CAPÍTULO 2**

### **PLANIFICAÇÕES**



Neste capítulo serão apresentados três planos de aula (um de Língua Portuguesa, um de Matemática e um de Estudo do Meio). Todos eles são referentes às aulas dadas no 1.º Ano B. Estas aulas serão contextualizadas e fundamentadas cientificamente.

## **2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os planos de aula que serão apresentados seguirão o Modelo T de Aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez. O modelo designa-se de modelo T, porque tem forma de T no campo de conteúdos e procedimentos/ métodos, bem como forma de T nas competências (capacidades/ destrezas e valores/ atitudes).

Segundo Martiniano Pérez, “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (Pérez, s.d, p.40). Desta forma, o modelo T integra os seguintes elementos:

- Capacidades/ destrezas - indicam os objetivos fundamentais cognitivos que queremos desenvolver;
- Valores/ atitudes - mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver;
- Procedimentos/ métodos - apresentam-se como forma de executar para serem aprendidas no decorrer do ano letivo.

Quadro 6 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Conteúdos	Procedimentos
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores - Atitudes

As planificações realizadas por mim ao longo dos quatro anos de formação disseram respeito a um tipo de planificação a curto prazo, sendo que foram executadas para aulas com duração de 20/ 30 minutos e/ ou para uma manhã de aulas (4 horas). Assim, apesar de o modelo seguido ter sido o de Martiniano Pérez, é importante salientar que ele não foi totalmente adotado, na medida em que este autor considera uma planificação curta aquela que tem a duração mínima de 6 semanas.

É possível verificar-se que todos estes planos de aula estão sujeitos a alterações, de modo a possibilitar a flexibilidade necessária para mudar o rumo da aula sempre que as circunstâncias o exijam.

É unânime para os autores que trabalham educação que planificar é um ato fundamental ao longo de todo o processo educativo. É essencial que o professor planeie as suas aulas de acordo com a turma que tem à sua frente, não esquecendo que cada aluno é um ser individual, com dificuldades e facilidades distintas dos outros. Logo, é importante que o professor tenha sempre em atenção aquele que vai aprender.

Segundo as Orientações Curriculares, planificar “é condição para que a educação escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades” (Ministério da Educação, 1997, p. 26).

Quando planificamos, temos como metas as nossas previsões, desejos e aspirações, explícitas num projeto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo um plano para as concretizar. Zabalza observa o seguinte: “muitas vezes os professores fazem as suas planificações no início do ano por razões administrativas, constatando-se de imediato que as suas turmas não se parecem nada com as pré-configurações” (Zabalza, 2000, p. 55).

Os docentes devem ter a preocupação de planificar, porque, para além de lhes permitir realizar o seu trabalho com mais confiança, tal acto serve de fio condutor nas suas aulas.

## **2.2. PLANIFICAÇÕES FUNDAMENTADAS**

Passo a apresentar os meus Planos de Aula de Língua Portuguesa, de Matemática e de Estudo do Meio, para alunos do 1.º ano de escolaridade do Ensino Básico 1º Ciclo, e as respetivas descrição das aulas e fundamentação teórica.

Quadro 7 – Plano de Aula de Língua Portuguesa (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
1º Ano B  
Data: 28 de março de 2011

Estagiária: Cláudia Xavier  
Ano: M1C  
Número: 11

**Plano de aula**

Área: Língua Portuguesa  
Tema: Classificação de palavras quanto à acentuação

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos - Métodos
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Classificação de palavras quanto à acentuação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Começar a aula com os alunos sentados nos seus lugares;</li> <li>▪ Travar um diálogo com os alunos de modo a criar uma interação;</li> <li>▪ Apresentar a fábula “A Lebre e a Tartaruga” num livro grande;</li> <li>▪ Realizar algumas questões de interpretação do texto;</li> <li>▪ Explicar que as palavras podem ser classificadas quanto à acentuação, (esdrúxulas, graves e agudas);</li> <li>▪ Mostrar alguns exemplos recorrendo às regras da cartilha;</li> <li>▪ Realizar exercícios sobre a classificação de palavras quanto à acentuação.</li> </ul>
Competências	
Capacidades - Destrezas	Valores – Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Classificação;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- caracterizar;</li> <li>- distinguir;</li> </ul> </li> <li>▪ Socialização;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- dialogar;</li> <li>- reconhecer.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Tolerância;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- saber ouvir;</li> <li>- interesse.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações

Material: Livro grande, proposta de trabalho.

Nesta manhã, iniciei a minha aula com a leitura, feita em voz alta, de uma fábula, “A Lebre e a Tartaruga”, proveniente da Literatura Tradicional.

É cada vez mais importante fomentar o gosto e a necessidade de leitura, adotando estratégias diversificadas que possibilitem a cada leitor a construção de um percurso autónomo. Para Rui Veloso e Leonor Riscado, “ler é crucial para a construção de leitores e isso passa pelo ambiente que envolve a criança. Se a família se demite dessa tarefa ou se transforma o livro num objecto de tortura, terá de ser a Escola a mostrar que ler é gratificante e fonte de prazer” (Veloso & Riscado, 2002, p. 26).

As fábulas, como esclarece Maria Augusta Seabra Diniz, são um “género narrativo, com antecedentes culturais próprios” (Diniz, 1993, 62). Elas definem-se como “um relato quase sempre breve, de acção relativamente tensa, [sendo] interpretadas por personagens também não excessivamente complexas (personagens que são muitas vezes animais irracionais), apontando para uma conclusão de dimensão ético-moral” (Diniz, 1993, p. 62). Fazendo parte da Literatura Tradicional – também denominada de Literatura Popular, de Literatura Oral ou de Literatura de Expressão Oral, as fábulas “integram o indivíduo num determinado grupo a quem confere marcas de identidade” (Diniz, 1993, p. 47). O facto de terem vindo a ser transmitidas ao longo de séculos deve-se a:

(...) retratarem os grandes problemas do homem – de hoje e de sempre: a luta pela autonomia, a rivalidade (...), a construção de uma identidade adulta, a solidão do homem na terra e a realidade trágica e por vezes cruel das relações humanas (Diniz, 1993, p. 47).

É por estes motivos que se considera ser essencial contar Literatura Tradicional às crianças do 1.º Ciclo.

Transcrevi o texto “A Lebre e a Tartaruga” para um livro grande (formato 80x50cm), em cartolina, para que os alunos, através da leitura da história e do contato com as imagens, fossem associando o que ouviam ao que viam. Segundo Spodek e Saracho:

(...) ler em voz alta livros aumentados enriquece o divertimento e o entendimento da literatura, desenvolve o vocabulário oral, promove o conceito de leitura (...),

desenvolve a discriminação visual (...) e dá a oportunidade para atividades que promovam as habilidades de pensamento crítico e criativo, dá às crianças uma ideia da 'linguagem dos livros', desenvolve a discriminação visual e o reconhecimento das letras e palavras e dá a oportunidade para actividades que promovem as habilidades de pensamento crítico e criativo (Spodek & Saracho, 1998, p. 249).

No decorrer da exploração do texto, o principal objetivo a trabalhar era a compreensão oral e de mensagens, descrições orais e, ao mesmo tempo, o enriquecimento da linguagem. A aquisição do léxico produz-se através da interação da criança com o mundo físico e social, existindo uma estreita relação significativa entre a atividade da criança sobre o meio, o desenvolvimento da sua inteligência e a evolução da linguagem.

Após a leitura da história, foi solicitada a interação dos alunos, com perguntas como: "Quem é que desafiou a tartaruga para uma corrida?", "Porque é que achas que a tartaruga ganhou a corrida, se a lebre é mais rápida?". Isto porque tive em consideração que, "ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido" (Teberosky & Colomer, 2003, p. 119).

No final da leitura, distribuí uma proposta de trabalho e um envelope com palavras de várias cores para que os alunos dividissem, quanto às regras de acentuação (esdrúxula, grave e aguda). Ao mesmo tempo que iam realizando a proposta, ia um aluno ao quadro colocar no sítio correspondente, recordando a sílaba forte com as regras da *Cartilha Maternal*. Segundo Ruivo, "para aprender a escrever e a ler é preciso não só escrever e ler muito, mas, principalmente, é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer e de reforço da autoconfiança" (Ruivo, 2009, p. 79). Estes alunos, que aprenderam há um ano a ler pela *Cartilha Maternal*, têm particular prazer quando recordam as regras da mesma.



## Quadro 8 – Plano de Aula de Matemática (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
 1º Ano B  
 Data: 28 de março de 2011

Estagiaria: Cláudia Xavier  
 Ano: M1C  
 Número: 11

**Plano de aula**  
 Área: Matemática  
 Tema: Pictogramas

<b>Conteúdos Conceptuais</b>	<b>Procedimentos – Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Pictogramas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Iniciar com os alunos sentados nos lugares lembrando de que animais falavam a fábula;</li> <li>▪ Distribuir uma folha com um quadro retangular e um envelope por cada aluno com imagens de uma tartaruga a fim de realizarem um pictograma;</li> <li>▪ Realizar algumas questões sobre o pictograma;</li> <li>▪ Realizar em conjunto a correção no quadro.</li> </ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades - Destrezas</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raciocínio Lógico;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- interpretar ;</li> <li>- aplicar;</li> </ul> </li> <li>▪ Socialização;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- dialogar;</li> <li>- reconhecer.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Responsabilidade;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- organizado;</li> <li>- interessado.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações

Material: Proposta de trabalho, envelope com imagens

Iniciei a minha aula de Matemática com os alunos sentados nos seus lugares, porque a matéria (pictograma) exigia atenção e concentração. Comecei por relembrar os animais que estavam retratados na fábula "A Lebre e a Tartaruga", contada anteriormente.

Os pictogramas são informações de objetos ou conceitos traduzidos de forma gráfica extremamente simplificada. Eles são um embrião da estatística. A estatística é o ramo da matemática que tem por objetivo obter, organizar e analisar uma informação. Segundo Brocado & Mendes, a estatística "é entendida como uma ferramenta que permite compreender e interpretar o mundo que nos rodeia, contribuindo assim para a formação de indivíduos autónomos, críticos e intervenientes na sociedade actual" (citado em Caldeira, 2010, p. 273). A leitura dos pictogramas é uma experiência sensorial e pessoal, por isso são fundamentais para uma comunicação de procura rápida e precisão de entendimento.

Distribuí uma proposta de trabalho com um pictograma, exercícios e um envelope com imagens de uma tartaruga para os alunos fazerem corresponder no pictograma. Tive em atenção as observações de Caldeira:

As crianças precisam constatar que muitos tipos de dados podem apresentar-se sob diferentes formas e que existem muitas maneiras de os coligir, organizar e exibir, assim como de pensar sobre eles. Numa sociedade baseada na tecnologia e na comunicação, seleccionar, interpretar dados, tomar decisões ou fazer previsões com base nessa informação, são capacidades que permitem uma visão mais alargada da matemática (Caldeira, 2009, p. 273).

Após o pictograma estar preenchido, coloquei questões de cálculo mental (por exemplo, "Quantas tartarugas correram na 2ª feira e na 3ª feira"), de modo a que as crianças olhassem para o pictograma e conseguissem associar a imagem à quantidade. Os autores Castro e Rodrigues referem:

(...) a análise de dados de uma área da Matemática que, no mundo actual tem grande importância, uma vez que uma forte ligação ao quotidiano, quer de adultos quer de crianças, proporcionando ocasiões muito ricas de desenvolvimento numérico. Tarefas que promovam classificação, contagem e comparação podem considerar-se a base para o desenvolvimento da organização e tratamento de dados. Assim levar as crianças a procurar responder a questões cujas respostas

não são óbvias, poderá ajudar, não só, a desenvolver o sentido de número como as capacidades de recolha, organização, tratamento e análise de informação significativa. A aprendizagem deve basear-se nas situações do dia-a-dia. Em todas elas, cabe ao educador estimular o surgimento de questões e a análise da tomada de decisões, utilizando uma linguagem apropriada ao nível de desenvolvimento dos alunos (Castro & Rodrigues, 2008, p. 67).

Sendo as imagens um material não estruturado, é importante que possibilitem a representação de modelos concretos, permitindo, assim, uma melhor estruturação desses conceitos. No Programa do 1.º Ciclo do Ensino Básico afirma-se: “as crianças têm proveito especial por questões interessantes apresentadas por histórias, que constituam verdadeiros problemas à medida da sua idade” (Ministério da Educação, 2004, p. 168).

Caldeira (2009), baseada em Serrazina (2005), afirma que “a matemática deve ser ensinada de uma forma motivante para as crianças. Deve-se desenvolver o cálculo mental de uma forma que os alunos se interessem” (Caldeira, 2009, p. 138). No próprio Programa de Matemática se especifica que a resolução de situações problemáticas (numéricas e não numéricas) “é uma actividade promotora do desenvolvimento do raciocínio e da comunicação, deverá (...) ancorar em operações lógicas elementares e apoiar-se em materiais e linguagem gráfica que constituam uma ponte entre o real e as abstrações matemáticas” (Ministério da Educação, 2004, p. 164).

No final do exercício fiz a correção da proposta de trabalho no quadro, para que todas as crianças pudessem ler e, ao passar para a folha, tentassem não dar erros.

Quadro 9 – Plano de Aula de Estudo do Meio (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
1º Ano B  
Data: 28 de março de 2011

Estagiaria: Cláudia Xavier  
Ano: M1C  
Número: 11

**Plano de aula**  
Área: Estudo de Meio  
Tema: Répteis

<b>Conteúdos Conceptuais</b>	<b>Procedimentos - Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Os Répteis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Mostrar uma tartaruga viva e perguntar se sabem a que classe de animais pertence;</li> <li>▪ Mostrar um PowerPoint com imagens de outros répteis;</li> <li>▪ Explicar as principais características (habitat, alimentação, reprodução deslocação) desta classe de animais;</li> <li>▪ Distribuir uma proposta de trabalho para identificação e características dos répteis.</li> </ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades - Destrezas</b>	<b>Valores - Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raciocínio Lógico;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- observar;</li> <li>- relacionar;</li> </ul> </li> <li>▪ Expressão oral e escrita;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- vocabulário;</li> <li>- interpretação.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Tolerância;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- saber ouvir;</li> <li>- interesse.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações

Material: Tartaruga viva, imagens em PowerPoint, proposta de trabalho

Todas as crianças possuem uma grande curiosidade principalmente por temas/fenómenos que não podemos observar diretamente. Cabe à escola valorizar e reforçar a sistematização desses conhecimentos, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens mais complexas.

Na área do Conhecimento do Mundo, levei para a sala um réptil (tartaruga), para que as crianças pudessem estabelecer contato com o animal, motivando-as, assim, ao mostrar-lhes, de uma forma mais apelativa, o tema a tratar.

É muito importante que, nas aulas de Estudo do Meio, os alunos consigam visualizar o que lhes é comunicado. Para que isso sucedesse, utilizei o PowerPoint. De acordo com Garcia et al. (2002, p. 300):

(...) a simples presença das novas tecnologias na aula não assegura um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter primário (como a motivação) e de carácter secundário (como função inovadora e estruturadora/ reestruturadora da realidade) (citado em Formosinho, coord., 2009, pp.176-177).

O uso do PowerPoint já não é algo de novo na aplicação das aulas. O docente pode fazer uso deste ou de slides, fotografias, documentários, pequenos filmes que viabilizem o conhecimento. As Tic's contribuem para uma maior interação com os alunos possibilitando simplificar e demonstrar uma realidade que por vezes é difícil de imaginar ou retratar. Segundo Kenski: “as Tic's (tecnologias da informação e comunicação) não são apenas novos suporte tecnológicos, elas são uma maneira particular de comunicar com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas” (Kenski , 2003, p. 38).

A utilização de meios audiovisuais, por um lado, possibilita, em simultâneo, o uso da audição e da visão, o que permite aprender mais eficientemente e reter durante mais tempo o que se aprendeu e, por outro lado, o professor tem toda a vantagem em recorrer, com frequência, aos meios audiovisuais, já que permitem diversificar as estratégias de ensino. Segundo Cândida Proença, “os meios audiovisuais despertam a curiosidade e sustentam o interesse do aluno, mudam as relações entre o professor e o aluno e ainda obtêm uma melhor eficácia pedagógica” (Proença, 1990, p. 107).

Procurei adaptar e criar situações de aprendizagem, uma vez que todas as estratégias influenciam as crianças e ajudam a desenvolver o espírito crítico e o sentido de observação. Muitas vezes, as crianças pensam que uma tartaruga não pertence à classe dos répteis por estarem em contato direto com elas. Assim, com o apoio desta nova tecnologia, pude levar as crianças a observar e a verbalizar, de uma forma dinâmica, este conceito de habitat e as características deste réptil. De acordo com Herrero, a observação atenta e contínua dos alunos é uma condição elementar e “imprescindível para se desenvolver uma prática educativa e eficiente” (Herrero, s.d., p. 49).

Distribuí uma proposta de trabalho com cinco imagens de animais, para que os alunos pudessem pintar os animais que pertenciam à classe dos répteis. Isto porque tive em conta as seguintes observações:

(...) ao propor actividades que visam à observação e compreensão de determinados aspectos, a escola está a fornecer à criança condições para desenvolver o raciocínio lógico e incorporar o método contínuo de investigações, essenciais para o posterior estudo das ciências da natureza (Figueiredo, 2005, p. 161).

Por fim, os alunos enumeraram características que tinham sido referidas ao longo da aula de Estudo do Meio.

Quadro 10 – Plano de Aula da PPACP de Língua Portuguesa (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
1º Ano B  
Data: 20 de junho de 2011

Estagiaria: Cláudia Xavier  
Ano: M1C  
Número: 11

**Plano de aula**

Área: Língua Portuguesa

Tema: Caracol Africano

<b>Conteúdos Conceptuais</b>	<b>Procedimentos - Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Explorar gramaticalmente o texto: “Caracóis”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Iniciar a aula com uma adivinha, a fim de os alunos perceberem o tema da aula;</li> <li>▪ Distribuir um texto de António Torrado intitulado de “Caracóis”;</li> <li>▪ Interpretar o texto;</li> <li>▪ Classificar a palavra caracol quanto à sílaba forte;</li> <li>▪ Relembrar as terminações das palavras que fazem a última sílaba forte;</li> <li>▪ Pedir que os alunos encontrem no texto outras palavras agudas;</li> <li>▪ Colocar uma frase no quadro para relembrar os sinais de pontuação e o tipo a que pertence.</li> </ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades – Destrezas</b>	<b>Valores - Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Classificação; <ul style="list-style-type: none"> <li>- caracterizar;</li> <li>- distinguir;</li> </ul> </li> <li>▪ Socialização; <ul style="list-style-type: none"> <li>- dialogar;</li> <li>- reconhecer.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito; <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Tolerância; <ul style="list-style-type: none"> <li>- saber ouvir;</li> <li>- interesse.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações  
Material: Texto, palavras móveis, sinais de pontuação.

Nesta manhã realizei a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional. Comecei com a área da Língua Portuguesa, onde, para introduzir o tema da aula (o caracol africano), recorri a uma adivinha.

Quando os alunos adivinharam o tema da aula (o caracol africano), ficaram muito entusiasmados. De seguida, pedi a um aluno para me ajudar a distribuir o texto “Os Caracóis”, do autor António Torrado. Comecei a lê-lo em voz alta e, posteriormente, pedi aos alunos individualmente para o fazerem.

Segundo Teberosky e Colomer, a leitura de histórias facilita “a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção” (Teberosky & Colomer, 2003, p. 32). Depois da leitura do texto, realizei algumas perguntas de interpretação, de modo a que os alunos conseguissem interpretar e perceber o texto.

Explorei a gramática, nomeadamente trabalhando a classificação da sílaba tónica (forte), a classificação de palavras quanto ao número e os tipos de frase. Com a palavra *caracóis*, pedi a um aluno para a classificar morfológicamente e, de seguida, pedi para a colocar no singular, visto que queria classificá-la quanto à sílaba forte e recorrer aos que os alunos tinham aprendido na *Cartilha Maternal* João de Deus.

Escrevi no quadro as terminações das palavras que fazem a última sílaba forte, recorrendo à *Cartilha* e à lembrança das crianças. Posteriormente, lancei o desafio de os alunos conseguirem encontrar no texto outras palavras agudas.

Seguidamente, disse oralmente a frase “Os caracóis foram à corrida”. Pedi a um aluno para ir buscar a frase, que estava em cima da mesa nas palavras móveis e para colá-las no quadro, ao que alguns alunos se aperceberam que faltava o sinal de pontuação. Mediante a mesma frase, colocaram, então, o sinal de pontuação, identificaram o tipo de frase que estava presente e leram com a entoação certa.



## Quadro 11 – Plano de Aula da PPACP de Matemática (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
1º Ano B  
Data: 20 de junho de 2011

Estagiaria: Cláudia Xavier  
Ano: M1C  
Número: 11

**Plano de aula**

Área: Matemática

Tema: Problemas não rotineiros

<b>Conteúdos Conceptuais</b>	<b>Procedimentos – Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Problemas não rotineiros</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Relembrar a alimentação dos caracóis;</li> <li>▪ Pedir para os alunos retirarem o envelope e a folha A4 verde debaixo da mesa;</li> <li>▪ Colocar as folhas (da planta) em cima da folha verde A4 por ordem ordinal (1ª, 2ª, 3ª...8ª);</li> <li>▪ Pedir aos alunos que coloquem os caracóis numerados (A,B,C,D,E,F,G,H) em cima da folha respetiva, segundo as orientações;</li> <li>▪ Correção em simultâneo no PowerPoint.</li> </ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades – Destrezas</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raciocínio Lógico; <ul style="list-style-type: none"> <li>- interpretar ;</li> <li>- aplicar;</li> </ul> </li> <li>▪ Socialização; <ul style="list-style-type: none"> <li>- dialogar;</li> <li>- reconhecer.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito; <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Responsabilidade; <ul style="list-style-type: none"> <li>- organizado;</li> <li>- interessado.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações  
Material: folhas verdes A4, envelope com oito folhas e oito caracóis, PowerPoint.

Para realizar a passagem para a área da Matemática, e como o texto “Os caracóis” falava que os caracóis estavam na horta em cima das folhas, questionei-os sobre a alimentação destes.

Para iniciar a atividade de Matemática, tinha colocado anteriormente debaixo da carteira uma folha A4 verde plastificada, um envelope com oito caracóis identificados com as letras do alfabeto e oito folhas numeradas, para que, consoante as instruções dadas por mim, os alunos colocassem os caracóis em cima das folhas. Quanto aos materiais utilizados, foram elaborados por mim e, a meu ver e segundo a opinião das Orientadoras da Prática Pedagógica, estava bastante apelativo e adequados à idade. Estes materiais permitiram ainda a manipulação individual. Aliás, “considera-se fundamental que, no caso dos grandes grupos, haja a preocupação de disponibilizar recursos a todas as crianças” (Martins et al., 2009, p 21). Matos e Serrazina defendem também que os bons materiais devem ter em consideração os seguintes aspetos: “devem ser motivantes” e “devem proporcionar manipulação individual” (Matos e Serrazina, 1996, p. 198).

Recorri a problemas não rotineiros, porque, além de querer que a aula fosse diferente, é um género de aula que não é frequente no 1.º Ciclo e, as crianças não estão habituadas. Segundo Fonseca et al.:

devemos ter presente que há muitas formas diferentes de abordar os mesmos temas, muitos materiais inovadores para construir ou já construídos para usar com as crianças, mais ou menos criatividade da parte dos professores para propor actividades e problemas mas é essencial que neste processo esteja sempre presente que a aprendizagem que as crianças façam seja significativa (Fonseca et al., 2008, p. 74).

Propus-me, por isso, conciliar nesta atividade todos os aspetos já mencionados, criando materiais inovadores e uma estratégia diferente e criativa.

Quadro 12 – Plano de Aula da PPACP de Estudo do Meio (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
1º Ano B  
Data: 20 de junho de 2011

Estagiaria: Cláudia Xavier  
Ano: M1C  
Número: 11

**Plano de aula**

Área: Estudo do Meio  
Tema: Caracol Africano

<b>Conteúdos Conceptuais</b>	<b>Procedimentos – Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Características do Caracol Africano</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apresentar aos alunos outra espécie de caracol com imagens no PowerPoint;</li> <li>▪ Explicar as características principais do caracol, (corpo, esqueleto, classificação, deslocação, alimentação) recorrendo às imagens do PowerPoint;</li> <li>▪ Mostrar o caracol africano.</li> </ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades – Destrezas</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raciocínio Lógico;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- observar;</li> <li>- relacionar;</li> </ul> </li> <li>▪ Expressão oral e escrita;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- vocabulário;</li> <li>- interpretação.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Tolerância;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- saber ouvir;</li> <li>- interesse.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações  
Material: PowerPoint com imagens do caracol africano, caracol africano vivo.

Para a atividade de Estudo do Meio, apresentei uma espécie de caracóis com os quais os alunos não têm contato diariamente. Para Catita, “a abordagem ao tema “animais” é fascinante para as crianças destas idades. As crianças têm uma relação face ao mundo animal muito semelhante ao dos humanos” (Catita, 2007, p. 66).

Mostrei as imagens reais do caracol africano em PowerPoint, e falámos acerca das principais características (corpo, esqueleto, classificação, deslocação e alimentação). Segundo Spodek e Saracho, “as fotografias estimulam discussões e oferece informação” (Spodek & Saracho, 1998, p.335). As imagens mostradas em PowerPoint, na minha opinião, estavam bem visíveis e ocupavam toda a tela, de modo a que todas as crianças conseguissem ver. Os mesmos autores referem ainda que “As fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante” (Spodek & Saracho, 1998, p. 335).

De seguida, e para comparar a espécie do caracol africano com a espécie que os alunos estão mais familiarizados, mostrei dois caracóis africanos para que os alunos pudessem verificar melhor as características que tínhamos falado. Na minha opinião, penso que esta foi uma forma criativa e lúdica de abordar as características do caracol africano, comparando-o com outro. Segundo Catita,

Cabe, (...) ao educados planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição de auto-estima (Catita, 2007, p. 26).

Com esta atividade, penso que consegui desenvolver também a linguagem nas crianças, pois à medida que surgiam palavras que os alunos desconheciam, eu escrevia no quadro e pedia que a repetissem.

## Quadro 13 – Plano de Aula da PPACP do Jogo (1.º Ano B)

**Jardim-Escola João de Deus – Estrela**

Professora: Paula Toscano  
1º Ano B  
Data: 20 de junho de 2011

Estagiária: Cláudia Xavier  
Ano: M1C  
Número: 11

**Plano de aula**

Área: Jogo

Tema: “Caça à comida”

<b>Conteúdos Conceptuais</b>	<b>Procedimentos – Métodos</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Jogo “Caça à comida”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Levar os alunos para um espaço ao ar livre;</li> <li>▪ Formar duas equipas com dois alunos que serão os caracóis e os restantes a comida;</li> <li>▪ Colar as imagens do caracol nos grupos e as imagens da comida nos restantes alunos.</li> <li>▪ Explicar as regras do jogo: os alunos que serão os caracóis estão agarrados com uma fita castanha e têm que apanhar os alunos que serão a comida e colocá-los no lugar respetivo.</li> <li>▪ No final ganha que tiver apanhado mais “comida”.</li> </ul>
<b>Competências</b>	
<b>Capacidades – Destrezas</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Raciocínio Lógico;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- observar;</li> <li>- relacionar;</li> </ul> </li> <li>▪ Expressão oral e escrita;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- vocabulário;</li> <li>- interpretação.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Respeito;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- escutar;</li> <li>- compreender;</li> </ul> </li> <li>▪ Tolerância;               <ul style="list-style-type: none"> <li>- saber ouvir;</li> <li>- interesse.</li> </ul> </li> </ul>

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações.

Material: fita castanha, imagens do caracol e de legumes e frutas.

Depois da aula de Estudo do Meio, levei os alunos para um espaço ao ar livre, pois “grandes espaços abertos encorajam actividades amplas” (Spodek & Saracho, 1998, p. 127), para realizar o jogo “Caça à comida”.

Este jogo consistia em formar três equipas, cada uma com dois alunos, que estavam atados com uma fita castanha, da cor do bibe e com a imagem do caracol colada à frente, para que a restante turma os pudesse identificar. Os restantes alunos, que tinham as imagens da comida (melancia, alface, banana, couve, melão) colada à frente do bibe, tinham que correr para não serem apanhados pelos colegas “caracóis”.

As corridas desenvolvem competências a vários níveis: cognitivo, motor, social e moral, contribuindo para um desenvolvimento integral da criança. Segundo Elkonin,

(...) o jogo de grupo pode ser utilizado para favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e moral. Os jogos prestam-se particularmente bem ao desenvolvimento da cooperação: no jogo, a criança coopera voluntariamente (de uma maneira autónoma) com as outras, praticando as regras. Os jogos deste género exigem muita descentração e coordenação inter-individual e as crianças são motivadas a utilizar a sua inteligência para jogar bem” (Elkonin, 1998, p. 417).

Assim sendo, julgo que este jogo pode ser considerado um jogo educativo, pois, não desprezando o carácter lúdico que acompanha os jogos, desenvolve nas crianças aprendizagens.

## **CAPÍTULO 3**

### **DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO**





No presente capítulo apresentam-se momentos de avaliação de uma proposta de trabalho para cada uma de três áreas trabalhadas, nomeadamente a de Matemática, a de Estudo do Meio e a de Língua Portuguesa.

A propósito de cada momento, há uma pequena descrição dos parâmetros, critérios e cotações. Posteriormente, é apresentada a grelha já com os critérios e cotações, a grelha de avaliação, com as classificações dos alunos e, por fim, é feita a apresentação dos resultados em gráfico.

### **3.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

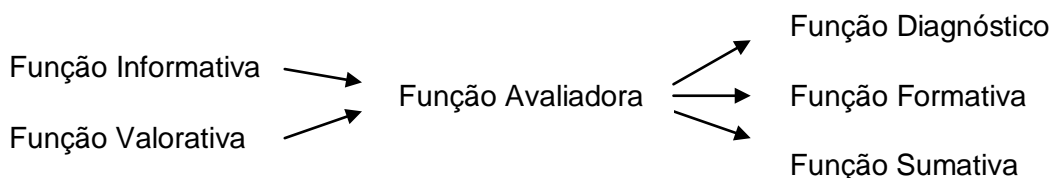
A avaliação é uma componente essencial no ensino. Pretende-se que a avaliação das aprendizagens seja coerente, com princípios de igualdade de oportunidades e de sucesso para todos.

Até há pouco tempo, a aprendizagem dos alunos era considerada como o objeto da avaliação; entretanto, o professor, a metodologia, os recursos e a própria instituição escolar foram sendo progressivamente introduzidos no âmbito do objeto de avaliação. Contudo, o objeto da avaliação não poderá limitar-se aos componentes acabados de citar (alunos, professor, meios) ou outros, por muita importância que tenham. Segundo Rosales, “é necessário considerá-los, a todos eles, na sua mútua interação e não apenas em um determinado momento” (Rosales, 1992, p. 33).

A avaliação do ensino deve assumir a dificuldade que a consideração simultânea de todos estes componentes implica, ao longo do seu desenvolvimento e não apenas em determinados momentos. Porém, sempre que avaliamos podemos cometer erros, porque não há nenhuma estratégia, técnica ou instrumento que nos permita avaliar exatamente determinadas aprendizagens. Segundo Fernandes, “não é fácil garantir que a avaliação abranja todos os domínios do currículo ou mesmo o essencial de cada um dos domínios” (Fernandes, 2005, p. 81).

Se considerarmos que a avaliação é composta pelas funções de informação e valorização e que constitui uma realidade diferente, é possível perceber que a

avaliação, como entidade global, desempenha três tipos de funções: diagnóstica, formativa e sumativa.



A função diagnóstica da avaliação tem o propósito de aprofundar o conhecimento das causas de determinados problemas ao longo do ensino e/ ou para decisões relativas à recuperação.

Já a avaliação formativa tem por base um conjunto de práticas variadas que se integram no processo ensino-aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas. Segundo Cortesão, ela compreende a “recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria” (Cortesão, 1993, p. 44).

A avaliação sumativa consiste na formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina, no quadro do respetivo projeto curricular de turma, dando uma atenção especial à evolução do conjunto dessas aprendizagens e competências. Para Cortesão, “ a avaliação sumativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para seleccionar e responsabilizar” (Cortesão, 1993, p. 44).

A avaliação é o aspeto mais complexo e controverso das práticas pedagógicas. A criação de estratégias adequadas a cada um dos domínios leva-nos à construção das grelhas de avaliação, pois a consciencialização e a reflexão sobre o trabalho realizado conduzem a progressos significativos no ensino/aprendizagem. De acordo com Leite et al., “As grelhas de avaliação passaram a ser uma tarefa para desenvolver os parâmetros a utilizar e as notações valorativas de carácter qualitativo e/ou quantitativo” (Leite et al., 1995, p. 61).

Deste modo, a avaliação adquire um caráter globalizante enquanto elemento estruturante e estruturador das aprendizagens e assume-se como um ato eminentemente pedagógico de importância relevante na formação integral do aluno.

As grelhas de avaliação são um suporte da avaliação que permite construir, de forma coerente e funcional, o percurso dos alunos. Para Leite et al., elas possibilitam a “reflexão atenta das práticas [o que] permite melhoramentos contínuos” (Leite et al., 1995, p. 60). Ao utilizarem grelhas de avaliação, os professores assumem uma responsabilização crescente. Com elas, dá-se uma clarificação, no momento adequado, dos objetivos dos trabalhos desenvolvidos com os alunos.

## **3.2. AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE LÍNGUA PORTUGUESA**

### **3.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações**

Durante o estágio que realizei com o 1.º Ano B, procedi à realização de uma proposta de trabalho na área da Língua Portuguesa, no dia 28 de março de 2011. A atividade foi realizada com todos os alunos presentes no contexto sala de aula e teve a duração de 50 minutos.

Li em voz alta a fábula “A Lebre e a Tartaruga”, num livro grande construído previamente por mim, questionei os alunos sobre a fábula e mostrei que as palavras se podem classificar quanto à acentuação (esdrúxulas, graves e agudas). Depois, distribuí um envelope com quatro palavras da fábula e uma proposta de trabalho onde os alunos tinham que separar quanto à acentuação e fazer corresponder.

A avaliação é feita através da escala de avaliação, mostrada anteriormente.

Quadro 14 – *Escala de avaliação utilizada*

0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

O quadro mostra o valor qualitativo e quantitativo, que o aluno irá ter, consoante a cotação atribuída. Assim, no trabalho realizado (classificação de palavras quanto à acentuação), se a cotação for menor que 2,9 valores, o aluno, no seu desempenho, terá a avaliação de Fraco. Se a cotação rondar os 3 e os 4,9 valores, o seu desempenho será ainda Insuficiente. Porém, se atingir o Suficiente, a sua cotação será superior a 5 e menor que 7. A classificação de Bom será atribuída se a criança atingir entre 7 e 8,9 valores. Por fim, se a criança alcançar entre os 9 e 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom.

Nos restantes dispositivos de avaliação, utilizarei a mesma escala de avaliação.

### 3.2.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 15 – Grelha de critérios e cotações

Parâmetros	Critérios	Cotação	
Identificação da sílaba tónica (forte) nas palavras	Identificou todas as sílabas tónicas nas palavras	4	4 Valores
	Identificou as sílabas tónicas em 4 palavras	2	
	Identificou as sílabas tónicas em 8 palavras	3	
	Não identificou todas as sílabas tónicas nas palavras	0	
Classificação das palavras quanto à acentuação	Classificou todas as palavras quanto à acentuação	6	6 Valores
	Classificou 4 palavras quanto à acentuação	2	
	Classificou 8 palavras quanto à acentuação	4	
	Não classificou nenhuma palavra quanto à acentuação	0	
Total:		10 valores	

Quadro 16 – Grelha de correção

Alunos	Identificação da sílaba tónica (forte) nas palavras				Classificação das palavras quanto à acentuação				
	Identificou todas as sílabas tónicas nas palavras	Identificou as sílabas tónicas em 8 palavras	Identificou as sílabas tónicas em 4 palavras	Não identificou todas as sílabas tónicas nas palavras	Classificou todas as palavras quanto à acentuação	Classificou 4 palavras quanto à acentuação	Classificou 8 palavras quanto à acentuação	Não classificou nenhuma palavra quanto à acentuação	Total
1		3				2			5
2	4				6				10
3			2				4		6
4		3					4		7
5	4				6				10
6	4				6				10
7	4				6				10
8	4				6				10
9		3					4		7
10	4				6				10
11	4				6				10
12	4				6				10
13	4				6				10
14	4				6				10
15	4				6				10
16			2				4		6
17	4				6				10
18	4				6				10
19	4				6				10
20	4				6				10
21	4				6				10
22	4				6				10
23	4				6				10
24	4				6				10
25	4				6				10
26	4				6				10
27	4				6				10
28	4				6				10

### 3.2.3 Apresentação e análise dos resultados em gráfico

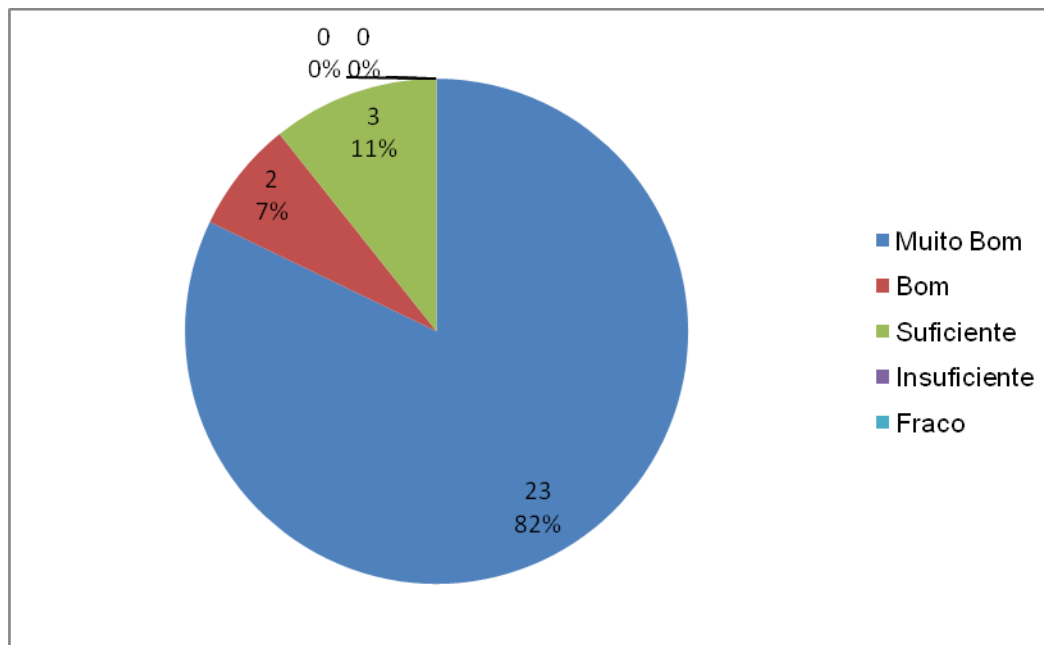


Figura 7 – Gráfico dos resultados

Observando a figura acima referida, podemos verificar que num total de 28 alunos, 23 alunos atingiram o Muito Bom, tendo oito a cotação de 10 valores. Outras 2 crianças obtiveram Bom, com a cotação de 7 valores. As últimas 3 crianças atingiram apenas a qualificação de Suficiente, em que uma delas obteve 5 valores.

Sendo assim, a média dos resultados dos alunos é de 9,32 valores.

De uma forma geral, podemos constatar que o grupo de crianças revela ter conhecimentos, pois todas as crianças conseguiram resultados positivos, com as classificações de Muito Bom, Bom e Suficiente.

Na maioria dos casos as crianças mostram conseguir identificar a sílaba tónica (forte) e classificá-la quanto à acentuação.

### **3.3. AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE MATEMÁTICA**

#### **3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações**

Durante o estágio realizado na sala do 1.º Ano B da Estrela, procedi à realização de um pictograma na área da Matemática. O pictograma foi um elemento de avaliação e pretendi avaliar se os alunos fizeram corresponder as imagens aos dias da semana.

O pictograma consiste em fazer corresponder uma quantidade à imagem e, por sua vez e neste caso, aos dias da semana.

Assim, no dia 28 de março de 2011, e com 28 crianças presentes, iniciei a aula relembrando de que animais falava a fábula contada anteriormente. Depois fixei no quadro a imagem da tartaruga e disse que a imagem correspondia a 100 tartarugas. De seguida, distribuí envelopes com as imagens da tartaruga e uma proposta de trabalho com um quadro retangular, para que os alunos colassem as imagens de forma correspondente às informações que tinham sobre os dias da semana e para relacionarem os dias.

O tempo utilizado para a realização destas atividades foi ao todo 50 minutos.



### 3.3.2 Grelha de avaliação da atividade

Quadro 17 – Grelha de critérios e cotações

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios</b>	<b>Cotação</b>	
Identificação do dia da semana que correram mais tartarugas.	Identificou corretamente	3	3 Valores
	Identificou incorretamente	1	
	Não identificou	0	
Identificação do dia da semana que correram menos tartarugas	Identificou corretamente	3	3 Valores
	Identificou incorretamente	1	
	Não identificou	0	
Reconhecimento da diferença de tartarugas que correram nos dois dias	Reconheceu corretamente	4	4 Valores
	Não reconheceu corretamente	2	
	Não reconheceu	0	
Total:		10 valores	

Quadro 18 – Grelha de correção

	Identificação do dia da semana que correram mais tartarugas			Identificação do dia da semana que correram menos tartarugas			Reconhecimento da diferença de tartarugas que correram nos dois dias			Cotação
	Identificou corretamente	Identificou incorretamente	Não identificou	Identificou corretamente	Identificou incorretamente	Não identificou	Reconheceu corretamente	Não reconheceu corretamente	Não reconheceu	
Alunos										
1	3			3			4			10
2	3			3			4			10
3	3			3			4			10
4		1		3				2		6
5	3			3			4			10
6	3			3			4			10
7	3			3			4			10
8	3			3				2		8
9	3			3			4			10
10	3				1		4			8
11	3			3			4			10
12	3				1		4			8
13	3			3				2		8
14	3			3			4			10
15		1		3			4			8
16	3			3			4			10
17		1		3			4			8
18	3			3				2		8
19	3			3			4			10
20	3			3			4			10
21	3			3			4			10
22	3			3				2		8
23	3			3			4			10
24	3			3			4			10
25	3			3			4			10
26	3			3			4			10
27	3			3			4			10
28	3			3			4			10

### 3.3.3. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

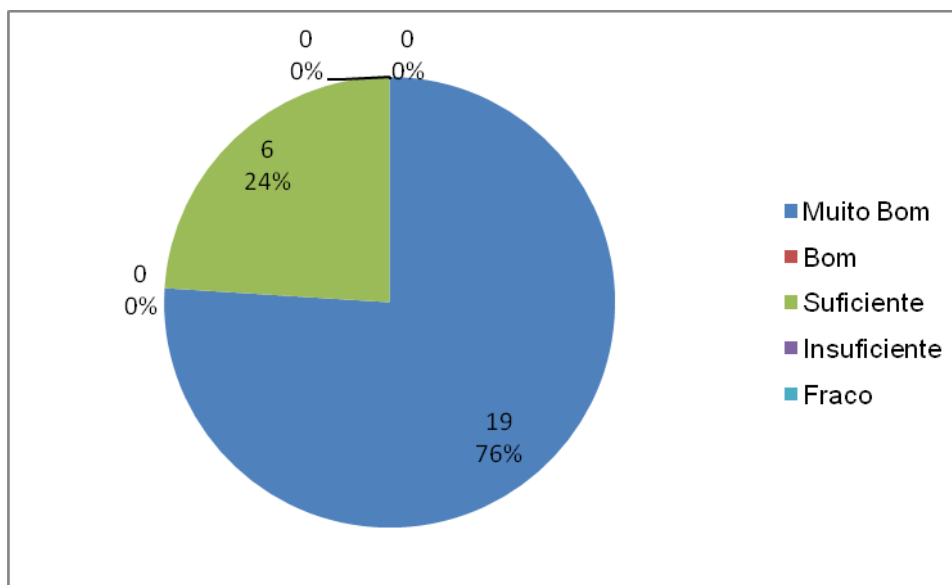


Figura 8 – Gráfico dos resultados

Observando a figura acima referida, podemos verificar que num total de 28 alunos, apenas 1 criança é que teve Suficiente tendo a classificação de 6 valores. Oito alunos atingiram o Bom obtendo a classificação de 8 valores. Por fim, 19 alunos atingiram Muito Bom, obtendo 10 valores.

É observável que as maiorias das crianças conseguiram identificar e reconhecer os dados do pictograma.

A média da cotação total dos alunos é de 7,28 valores, (Bom).

É constatável que mais de metade dos alunos avaliados alcançou a classificação de Muito Bom, o que revela que estes alunos conseguiram identificar e reconhecer os dados no pictograma, respeitando as informações.

Não deixo de realçar que, como mostra o gráfico, os resultados desta avaliação foram bastante “animadoras”, pois consegui obter na maioria classificações positivas.

### **3.4. AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE DE ESTUDO DO MEIO**

#### **3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações**

Procedi à realização de uma proposta de trabalho com os mesmos alunos do 1.º Ano B, que vai ser um elemento de avaliação na Área do Estudo do Meio.

Esta atividade teve como intuito abordar as características da classe dos répteis, visto que os alunos já conhecem alguns animais pertencentes a esta classe. Assim, no dia 28 de março de 2011, e com 28 alunos presentes, apresentei um PowerPoint com algumas imagens para que os alunos pudessem visualizar outros répteis. Distribuí, posteriormente, a proposta de trabalho, cujos objetivos seriam: pintar os animais que pertenciam à classe dos répteis, referir as cinco principais características dos répteis e enumerar três exemplos desta classe. O tempo estipulado para esta atividade foi cerca de 30 minutos.

A avaliação é feita através da escala de avaliação, mostrada anteriormente.

### 3.4.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 19 – Grelha de critérios e cotações

Parâmetros	Crítérios	Cotação	
Identificação da classe dos répteis	Identificou todos os elementos	2	2 Valores
	Identificou os 4 elementos	1,5	
	Identificou 3 elementos	1	
	Identificou 2 elementos	0,8	
	Identificou 1 elemento	0,5	
	Não identificou nenhum elemento	0	
Identificação das cinco principais características	Reconheceu as 5 características	5	5 Valores
	Reconheceu as 4 características	4	
	Reconheceu as 3 características	3	
	Reconheceu as 2 características	2	
	Reconheceu 1 característica	1	
	Não reconheceu nenhum elemento	0	
Identificação de três exemplos de répteis	Identificação de três exemplos	3	3 Valores
	Identificou dois exemplos	2	
	Identificou um exemplo	1	
	Não identificou nenhum exemplo	0	
Total:		10 valores	

Quadro 20 – Grelha de correção

Parâmetros																	
Alunos	Identificação da classe dos répteis						identificação das cinco principais características						Identificação de três exemplos de répteis				Cotação
	Identificou todos os elementos	Identificou quatro elementos	Identificou três elementos	Identificou dois elementos	Identificou 1 elemento	Não identificou nenhum elemento	Reconheceu cinco características	Reconheceu quatro características	Reconheceu três características	Reconheceu duas características	Reconheceu uma característica	Não reconheceu nenhuma característica	Identificou três exemplos	Identificou dois exemplos	identificou um exemplo	Não identificou nenhum exemplo	
1	2							4					3				9
2	2						5						3				10
3	2								3				3				8
4	2						5						3				10
5	2									2			3				7
6	2								3				3				8
7	2										1		3				6
8	2									2			3				7
9	2							4					3				9
10	2						5						3				10
11	2						5						3				10
12	2						5						3				10
13	2						5						3				10
14	2						5						3				10
15	2								3				3				8
16	2									2			3				7
17	2									2			3				7
18	2									2			3				7
19	2						5						3				10
20	2						5						3				10
21			1				5						3				9
22	2						5						3				10
23	2						5						3				10
24	2						5						3				10
25	2						5						3				10
26			1					4					3				8
27	2							4					3				9
28			1				5						3				9

### 3.4.3. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

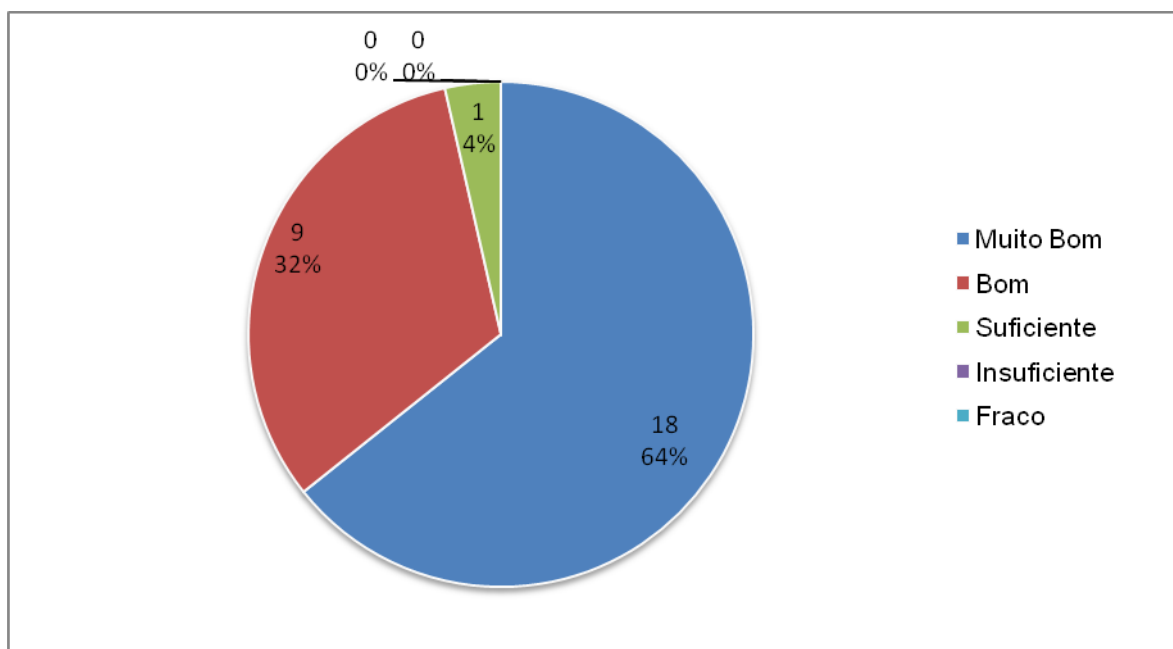


Figura 9 – Gráfico dos resultados

Segundo a figura acima referida, é observável que a maioria dos alunos conseguiu identificar e reconhecer as características da classe dos répteis.

Sendo assim, treze alunos tiveram a classificação de Muito Bom, sendo que cinco alunos tiveram 9 valores. Com a classificação de Bom ficaram nove alunos, em que cinco deles tiveram 7 valores e quatro tiveram 8 valores. Por fim, apenas uma criança teve a classificação de Suficiente com 6 valores.

É de realçar que a média das cotações totais é de 8,85 valores. Só mostra que quase todos os alunos interiorizaram o que foi abordado na aula.

É constatável no gráfico que, num total de 28 crianças, mais de metade teve a classificação de Muito Bom, o que revela que houve compreensão por parte dos alunos. Com a classificação de Bom esteve o restante grupo, só com um a aluno a ter a classificação de Suficiente.

## **REFLEXÕES FINAIS**





A realização deste estágio foi muito importante, porque, desde o 1.º Ano de Licenciatura até ao último dia de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tomei contato com as vivências das crianças em contexto escolar e com a realidade dos Jardins-Escolas João de Deus por onde passei. Creio que, com esta possibilidade, a preparação para o meu exercício futuro da profissão docente foi efetivamente feita.

O estágio, além de me proporcionar a observação de profissionais em exercício, também me propiciou lecionar aulas nas áreas curriculares da Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio, ao longo da Licenciatura e, posteriormente, do Mestrado – neste ciclo com mais regularidade – o que constituiu uma mais-valia na minha preparação.

A prática pedagógica foi, sem dúvida, indispensável para tomar consciência da realidade, adquirir conhecimentos e desenvolver competências práticas. É nos estágios que os alunos em formação tomam consciência da realidade da Prática Pedagógica. Tal como referem Ponte e Serrazina:

(...) não basta ao professor conhecer teorias, perspectivas e resultados da investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas, para os diversos aspectos da sua acção profissional, requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas, com as quais contacta pela primeira vez nesse importante ano de formação (Ponte e Serrazina, 2000, p. 38).

O estágio é também imprescindível para a construção da identidade profissional do docente. Segundo Korthagen:

(...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação (...).

A nossa abordagem de reflexão tenta também promover o desenvolvimento da tomada de consciência sobre estes aspectos implícitos, uma vez que acreditamos que têm, frequentemente, um impacto muito maior sobre os comportamentos dos alunos futuros professores do que as teorias a que foram expostos na formação de professores. Além disso, consideramos o desenvolvimento de uma tomada de

consciência dos sentimentos como um pré-requisito necessário para se tornar um professor empático (citado em Flores & Simão, 2009, p. 48-49).

A minha experiência de estágio ao longo da licenciatura e, em especial, deste Estágio Profissional I e II, leva-me a confirmar tudo o que acima ficou dito.

No entanto, nem tudo correu pelo melhor. No estágio, não vi matérias e metodologias postas em prática, como, por exemplo, na área das Expressões ou da Educação Física, que foram abordadas durante o curso. Isso deveu-se à impossibilidade decorrente dos horários da Prática Pedagógica (que aconteciam no horário da manhã, quando estas aulas são dadas no período da tarde). Também não vi posto em prática atividades que nos são apresentadas em aula, ao longo do curso de Mestrado, e que as Professoras a cujas aulas assisti não realizaram – como seja o manuseamento de Materiais nas aulas de Matemática.

Além disso, em termos da minha prática letiva, no decorrer do estágio foram-me pedidas aulas surpresa. Apesar de terem sido pedidas apenas duas aulas (nas áreas da Língua Portuguesa e de Matemática), na minha opinião, estas aulas não são pertinentes. Ao longo do curso, tenho vindo a aprender que as aulas devem ser planeadas e planificadas com antecedência. Todos os autores consultados são unânimes nessa opinião.

Considerando a elaboração deste Relatório de Estágio, na minha opinião, a Prática Pedagógica não devia terminar em simultâneo com as aulas na Escola Superior, pois existe uma grande dificuldade em conseguir conciliar as aulas e avaliações com o término do Relatório de Estágio Profissional. Conforme é visível no Cronograma apresentado na página 7 do presente Relatório, a Prática Pedagógica, a observação de aulas, as aulas programadas (que remetiam para elaboração de materiais), as aulas surpresa, as pesquisas bibliográficas e elaboração do presente Relatório ocupam a maior parte dos dias, sobrando, assim, muito pouco tempo para estudar e realizar trabalhos para as avaliações na Escola Superior.

De todo o modo, todos estes pontos menos positivos foram ultrapassados pelo enriquecimento que o estágio me trouxe. Estou consciente de que o estágio acabou por me proporcionar um conhecimento prático das situações que podem eventualmente ocorrer na minha vida profissional futura, incentivando-me a uma reflexão teórica sobre essas circunstâncias.

Assim, confirmei que a Prática Pedagógica se revela de grande importância nos alunos em formação, pois torna-nos mais conscientes e responsáveis, fazendo-nos refletir sobre a forma como agimos e nos relacionamos com os outros. Foi ainda fundamental ser obrigada a pesquisar, bem como a estudar e refletir sobre matérias teóricas apresentadas ao longo das Unidades Curriculares dos cursos de Licenciatura e de Mestrado, para poder escrever este Relatório. Com a certeza que o estudo quer de matérias/ conteúdos, procedimentos, metodologias, estratégias de ensino me vão merecer uma sistemática e permanente atualização.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Departamento de Educação Básica – Ministério da Educação.
- Aguera, I. (2008). *Brincar e Aprender na Primeira Infância – Atividades, Rimas e Brincadeiras para a Educação de Infância*. Lisboa: Papa Letras.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F., Martinho, A. (2001). *A prática Pedagógica na formação inicial dos Professores*. Lisboa: Areal Editores.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Conceção e Eficácia na Aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alves, L. & Andrea, I. (2001). *Brinquedos – Criatividade, Pedagogia, Ambiente*. Lisboa: s.n.
- Alves, M. P. C. (2002). A Avaliação e o Desenvolvimento Profissional do Professor. In Moreira, A. F. B. & Macedo, E. F. (org.). *O Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora; pp. 135-149.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de uma Forma Lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus
- Canavarro, J. M. P.; Pereira, A. I. F. & Pascoal, P. (2001). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus
- Catita, E.M. (2007). *Estratégias Metodológicas para o Ensino do Meio Físico e Social*. Lisboa: Areal Editores
- Castro, J. P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de Número e Organização de Dados*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ceia, Carlos (2000). *Normas para Apresentação de Trabalhos Científicos*. Lisboa: Presença.
- Chateau, J. (1975). *A Criança e o Jogo*. Lisboa: Atlântida Editora.
- Condemarin, M. & Chadwick, M. (1987). *A Escrita Criativa e Formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança – Do 1 aos 5 Anos* (5ª ed.). Lisboa: Esfera dos Livros.
- Cortesão, L. (1993). *Avaliação Formativa – Que Desafios?* Lisboa: ASA.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Dewey, John (2002). *A Escola e a Sociedade, a Criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Diniz, M. A. S. (1993). A Literatura de Expressão Oral. In *As Fadas não Foram à Escola*. Porto: ASA; pp. 45-75.
- Elkonin, Daniil, B. (1998) *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Figueiredo, M. A. R. (2005). *Ideias para a Construção de Projectos*. Lisboa: Bola de Neve.
- Fisher, J. (2000). *Sugestões para o Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Texto Editora
- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional de Professores: Contextos e Perspectivas*. Mangualde: Edições Pedago.
- Fonseca, A. et al. (2008). *Aprender e Ensinar na Escola*. Chamusca, PT: Edições Cosmos
- Formosinho, J. O. (coord.) (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias – Estudos de Caso*. Lisboa: Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Freitas, L. V., Freitas, C.V. (2002) *Aprendizagem Cooperativa*. Lisboa: Edições Asa
- García, M.; Rocés, C. & González, P. (2002). Nuevas tecnologías y educación. In González-Pienda et al. (coords). *Manual de Psicología de la Educación*. Madrid: Ediciones Pirámide; pp.295-314.
- Gênova, A. C. (1988). *Origami Escolar; Dobraduras*. São Paulo: s.n.



- Gomes, J. P. (1997). *Para uma História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude*. Lisboa: Instituto Português do Livro e da Leitura.
- Gomes, J. A. (2000). *Da Nascente à Voz - Contributos para uma Pedagogia da Leitura*. Lisboa: Caminho.
- Grosso, C. & Ruas, M. B. (1999). *Números e Operações Aritméticas*. Volume I. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Herrero, J. (s.d.). *O Diário à Luz da Psicopedagogia* (2ª ed.). Lisboa: O Livro.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kenski, V. M. (2003). *Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância*. São Paulo: Papyrus.
- Leite, C. et al. (1995). *Avaliar a Avaliação*. Lisboa: ASA.
- Magalhães, V. (2008). A Promoção da Leitura Literária na Infância: 'Um Mundo de Verdura' a não Perder. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp. 55-73.
- Marques, R. (1983). *Mudar a Escola – Novas Práticas de Ensino*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, R. (2001). *Educar com os Pais*. Lisboa: Presença.
- Marques, R.; Davies, D. & Silva, P. (1993). *Os Professores e as Famílias – A Colaboração Possível*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Martins, I.P. et al. (2009) *Despertar para a Ciência*. (1ªed.) Lisboa: Ministério da Educação
- Matos, J.M. & Serrazina, M.L. (1996) *Didáctica da Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta
- Mialaret, G. (1975). *A Aprendizagem da Matemática*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (1998). *Criar o Gosto pela Escrita: Formação de Professores*. Lisboa: Departamento de Educação Básica.

- Ministério da Educação (2004). *Programas do 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (1996). *Para uma Escola mais Segura*. Lisboa: Programa de Produção e Educação para a Saúde
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Departamento de Educação Básica
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2004). *O Jogo e a Matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, M. M. S. (2000). *Trabalho, Qualidade de Vida e Envelhecimento*. Lisboa: s.n.
- Onofre, L. (2009). A Importância de Brincar ao faz-de-conta. *Educadores de Infância* nº 52 (22-23).
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Peralta, H. (2007). *As TIC's na Educação em Portugal: Concepções e Práticas*. Porto: Porto Editora.
- Pereira, P. C. (2010). Educação Infantil e Intervenção Psicopedagógica. *Educação para o Desenvolvimento* nº 1 (72-73).
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho Curricular de Aula como Modelo de Aprendizagem – Ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pombo, O.; Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/ Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Propp, V. (1983). *Morfologia do Conto* (2ª ed.). Lisboa: Vega.
- Quivy, R. & Campenhoudt, V. L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* 3ª ed. Lisboa: Gradiva.

- Rebello, J. A. S. (1993). *Dificuldades da Leitura e da Escrita em Alunos do Ensino Básico*. Lisboa: ASA.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodari, G. (2006). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Caminho.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é Reflectir sobre o Ensino*. Lisboa: ASA.
- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um Novo Olhar sobre o Método de Leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciências de la Educacion.
- Salvador, C.S. (1997) *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento*. Lisboa s.n.
- Sanches, M. (1994) *Aprendizagem Cooperativa: Solução de Problemas em Contexto de Autoregulação*. Lisboa: Edições ASA
- Serrazina, M. L. & Matos J. M. (1996). *O Geoplano na Sala de Aula*. Lisboa: Associação dos Professores de Matemática.
- Serrazina, M. L. (1991). Aprendizagem da Matemática: a Importância da Utilização dos Materiais. *Noesis* nº 21 (16-17).
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma Proposta Construtiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Vieira, H. (2000). *Comunicação na Sala de Aula*. Lisboa: Editorial Presença
- Veloso, R. M. & Riscado, L. (2002). Literatura Infantil, Brinquedo e Segredo. *Malasartes*, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº 10, Lisboa (26-29).
- Veloso, R. M. (2001). Literatura Infantil e Práticas Pedagógicas. *Malasartes*, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº 6, Lisboa (22-24).

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimentos Curricular na Escola*. Rio Tinto: ASA.



## **ANEXOS**



## **ANEXO I**

*Proposta de trabalho de Língua Portuguesa (1.º Ano B)*





Jardim-Escola João de Deus – Estrela

1.º Ano B

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

1- Classifica as palavras quanto à sílaba forte.

**esdrúxulas**

**graves**

**agudas**



## **ANEXO II**

*Proposta de trabalho de Matemática (1.º Ano B)*



Jardim-Escola João de Deus – Estrela


1.º Ano B

Nome: \_\_\_\_\_

Data: 28/3/2011

1- Observa a legenda e completa o pictograma.

segunda-feira	
terça-feira	
quarta-feira	
quinta-feira	
sexta-feira	
sábado	

 = 100 tartarugas

1-Qual foi o dia da semana em que correram mais tartarugas?

---

---

---

2-Qual foi o dia da semana em que correram menos tartarugas?

---

---

---

3-Qual é a diferença de tartarugas que correram entre segunda-feira e terça-feira?

---

---

---

## **ANEXO III**

*Proposta de trabalho de Estudo do Meio (1.º Ano B)*





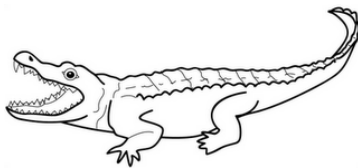
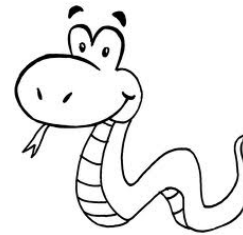
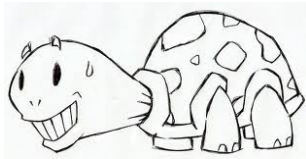
Jardim-Escola João de Deus – Estrela

1.º Ano B

Nome: \_\_\_\_\_

Data: 28/3/2011

1- Pinta os animais que pertencem à classe dos répteis.



2- Quais são as cinco principais características dos répteis.

---

---

---

3- Diz três exemplos de répteis que conheças.

---

---

---

